



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### **Usage guidelines**

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### **About Google Book Search**

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



V

166 D. 1.



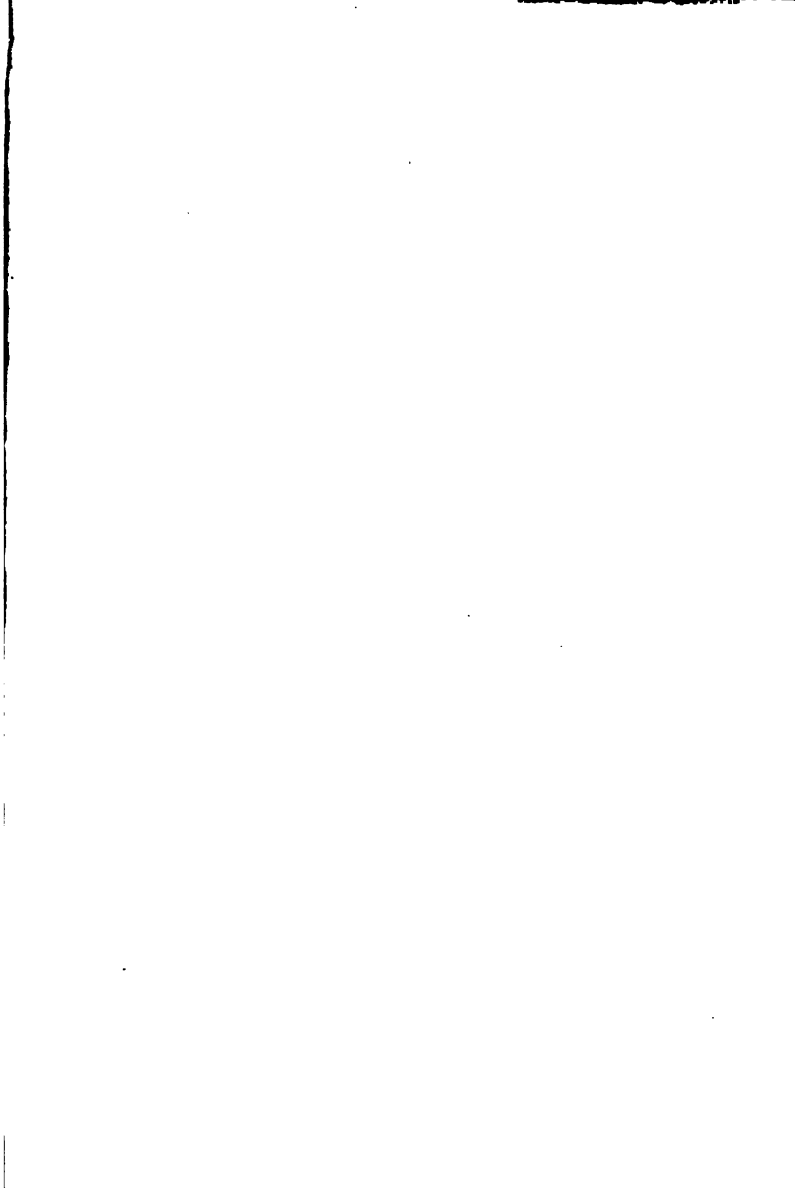
1878

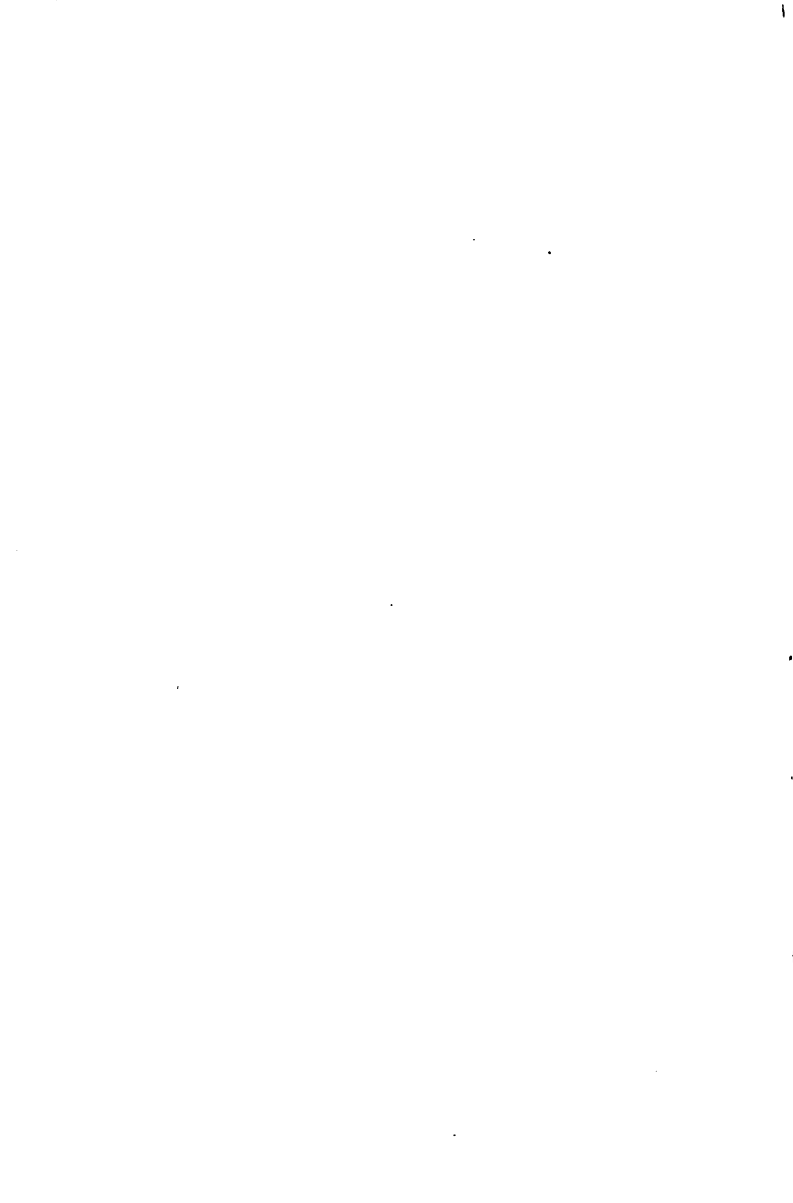


J. B. de ...

"... de ..."  
...  
... 1939 ...  
...  
de Berlin

...  
July 1939  
...





# **OBRAS**

**DO**

**VISCONDE DE ALMEIDA-GARRETT**

**TOMO II**

**PRIMEIRO DO THEATRO**



## OBRAS LITTERARIAS

DO

### VISCONDE DE ALMEIDA-GARRETT

---

#### **THEATRO :**

- Tomo I, *Catão.*
- Tomo II, *Merope, Gil-Vicente.*
- Tomo III, *Frei Luiz de Sousa.*
- Tomo IV, *D. Philippa de Vilhena.*
- Tomo V, *A Sobrinha do Marquez, As Prophecias do  
Bandarra, Um Noivado no Dafundo.*
- Tomo VI, *O Alfageme de Santarem.*

#### **VERSOS :**

- Camões.*
- D. Branca.*
- Lyrica.*
- Fabulas, Folhas cahidas.*
- Flores sem fructo.*
- Romanceiro, 3 vol.*
- O Retrato de Venus.*

#### **PROSA :**

- Viagens na Minha Terra, 2 vol.*
- O Arco de Sanct'Anna, 2 vol.*
- Portugal na Balança da Europa.*
- Da Educação.*
- Helena (romance).*
- Discursos parlamentares e Memorias biographicas.*
- Escriptos diversos.*

---

Acham-se á venda na Imprensa Nacional  
e principaes livrarias do Reino

# THEATRO

DO

VISCONDE DE ALMEIDA-GARRETT

---

CATÃO

(SEXTA EDIÇÃO)

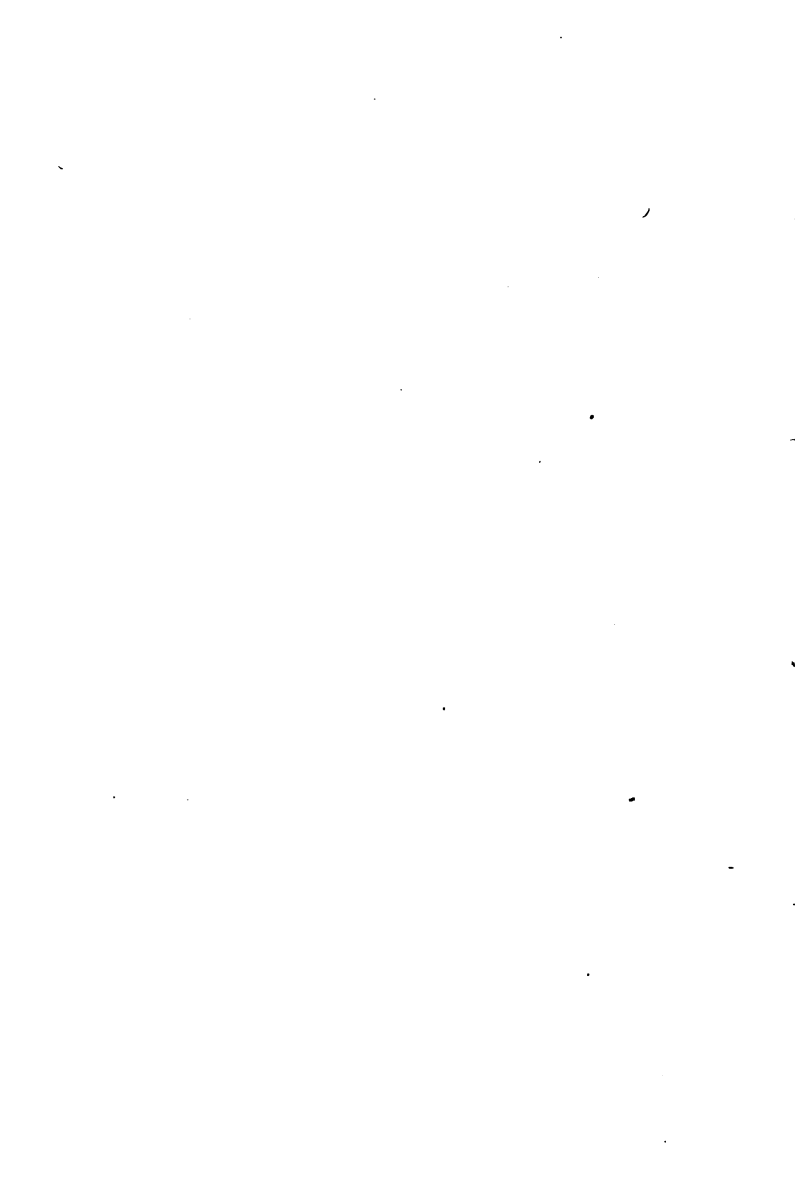
  


LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1877

166 2 1.



### **Prefacio da quarta edição**

O presente volume, phenomeno raro em Portugal, é uma quarta edição feita em vida do auctor, e para as nossas proporções, dentro de mui breve tempo. A primeira edição do CATÃO, feita em Lisboa, extinguiu-se em poucos mezes; a segunda, de Londres, em dois annos; e a terceira — que foi a nossa primeira — em menos de tres annos também estava exhausta, apesar das contrafeições brasileiras.

Sempre mais correcto e progressivamente melhorado por seu escrupuloso e infatigavel auctor, o CATÃO sai, n'esta quarta edição authenticã, tam perfeito quanto a uma obra humana é dado sê-lo.

Vê-se d'esta estatistica que o bom gôsto se não perde em Portugal, e que as monstruosidades da chamada eschola moderna não fazem esquecer a arte verdadeira. O CATÃO lançou os fundamentos do theatro contemporaneo; GIL VICENTE, O ALFAGÊME e FR. LUIZ DE SOUSA o vão edificando por um stylo que nos não deixa cahir nas extravagancias e exagerações d'esse romantismo ephemero que ja vai passando na Europa, e que após si traz a inevitavel reacção que tambem já em França se sente. A litteratura portugueza não gastará os seus talentos n'esses dois excessos, graças ao nosso auctor, que, em meio das sérias e trabalhosas occupações da sua vida, tem sabido tirar algumas horas para dar a estes labores que rara vez são tam avaliados dos contemporaneos, mas que a posteridade colloca sempre, depois, acima de todas os outros.

Mais feliz do que muitos, o auctor de ca-

TÃO ve, ainda no verdor da idade, calar-se a inveja dos emulos, bradar alto pelo mundo a fama de suas obras ja conhecidas de nacionaes e estrangeiros, e entrar, por seus esforços, a lingua e a litteratura portugueza no caminho do progresso, a par das outras nações que tanto atraz a tinham deixado.

Este último resultado sabemos que o lisongeia, sabemos que é seu principal fim, e por isso nos comprazemos de o consignar aqui quando lh'o vemos alcançado com tanta glória.

Lisboa, 15 de Julho  
1845.



### **Prefacio da terceira edição**

Imaginaram algumas pessoas menos reflectidas que as successivas correcções que tenho feito a este drama lhe haviam alterado a contextura e character primitivo. Uns o julgam, sim melhorado na phrase e mais perfeito como obra litteraria, mas agorentado no sentimento, affroixado no terso e duro do pensar forte que o caracterizava; outros supposeram que a primeira concepção de mancebo entusiasta vira a grande questão



politica que aqui se agita, com diferentes olhos do que a vê hoje o homem maduro, experimentado — fatigado talvez, — desappon-tado, quem sabe ?

Ambas éstas observações foram feitas á se-gunda edição authênica do drama, a qual se concluiu em Londres em 15 de abril de 1830, e que de certo era mui diferente da primei-ra, feita em Lisboa em 1822. E uns o di-ziam como censura, outros como louvor, segundo o partido, ou matiz do partido, de cadaum.

Nenhum me offendeu nem lisongeou, mas todos me ~~ju~~garam mal em um ponto: as minhas opiniões, os meus sentimentos, as minhas sympathias como homem, como ci-dadão, como philosopho tal qual, como chris-tão verdadeiro e sincero, não variaram desde que me conheço, — espero amortallar-me n'ellas. Umias me entraram no primeiro san-gue com o leite que mamei dos peitos de minha virtuosa e extremosa mãe: outras se me esculpíram no cerebro molle com a edu-cação liberal, mas rigida e severa, em que fui duramente moldado desde a infancia, por meu pae, um dos homens mais honrados e

austeros que ainda houve n'esta terra, — por um tio, philologo, sabio e erudito d'aquelles que ja não ha e que Deus sabe quando tornará a haver em Portugal.

De quinze annos entrei no mundo; tenho vivido muito em pouco: ja creio que não ha circumstancia na vida — pública ou particular — por que não tenha passado; e todavia, quando hoje, nas horas de mais socêgo e paciencia, me applico a receita do oraculo de Delphos, sinto-me a mesmo têmpera de espirito que me deram; o que padecêu fei so o corpo. Inda bem!

Releio as minhas primeiras composições, — rio de tanta ciancice, divertem-me as puerilidades de stylo e conceito que ja tomei por coisas tam cabaes . . . Mas nos sentimentos e nas crenças d'alma so lhes acho faltas, impropriedades e exaggerações de phrase — ignorancia, não êrro. Sinto pois e penso como sempre senti e pensei; e bem, — eu me ingana a consciencia. Muita vez escrevi e chorei diversamente, e por consequencia mal: quero emendar-me: faço-o.

Eis-aqui a unica mudança que em mim acho, e a differença, portanto, que n'esta e

nas outras minhas obras so pôde achar o leitor sincero.

A segunda edição authenticã de CATÃO, correctã e elaborada pelo estudo profundo e quasi teimoso dos auctores latinos e gregos que tractaram de coisas romanas, somente n'isso differe da primeira, conforme se disse em seu prefacio que aqui vai reimpresso. E por satisfazer a amigos que m'õ pedem, bem como para desingano de algum incredulo, vão tambem, no fim do volume, as variantes da primeira para a segunda edição.

Esta terceira quasi que não altera da segunda; mas o leitor achará todavia egualmente notadas, no fim, as poucas e pequenas variantes que tem. Posso dizer que trabalhei conscienciosamente e com escrupulo no aperfeiçoar d'este drama, procurando sobretudo dar-lhe aquelle sabor antigo romano que até ja nos derradeiros escriptores latinos estava perdido, e que tam raro é de achar em imitações modernas. Para esse fim sómente, para me familiarisar e pôr, como se fôra de casa com os meus auctores, traduzi de Plutarcho as vidas de Catão (o me-

nor ou uticense) e de Cesar. Pêza-me que os limites circumscriptos do volûme me não deixem inserir aqui aomenos a primeira. Julgar-se-hia melhor da sinceridade e boa fe com que procurei transfundir, em succo e sangue para a verdade dramatica, a verdade e exacção historica de que aquelloutra vive, isto é, a dos costumes e characteres.

A dramatica é uma litteratura nova para nós, — ou perdida, que tanto val. Mas realmente é nova; poisque os primeiros cultivadores apenas semearam, por uns claros de deveza em terra crua, quatro ou cinco sementes que vegetaram á sombra, mal fornidas de corpo e seiva. Poucos as viram vivas; quando morreram, ninguem n'ò soube; ficou a memoria vaga de uma pouca de semente que se perdêra — e nada mais. Mas ésta mesma saudade atormentou a nação e os seus poetas; e para a inganar, illudiam-se indo buscar estacas de árvores extranhas, criadas n'outras terras, affeitas a outro tracto, e metteram-n'as na nossa terra. A terra é boa, dá tudo; a estaca parecia pegar . . . mas não: ésta é planta que so nascediça produz bem: vinham quatro flores

desbetadas, duas fructas outoniças, e sec-cava.

E. n'esta parábola está a historia do nosso pobre theatro. Não era mingua de talento nos poetas, era o mau methodo, o principio errade com que trabalhavam.

Antes do CATÃO já eu tinha feito muita tragedia, e comedias tambem; todas semsabores. Excepto a *MEROPE* — que talvez reveja e complete ainda — rasguei as outras: eram das taes inspiradas do reflexo estrangeiro; de portuguezas tinham as palavras; no mais pensadas em Grego, em Latim, em Francez, em Italiano, em Inglez — que sei eu!

No CATÃO senti outra coisa, *fui* a Roma; fui, e fiz-me Romano quanto pude, segundo o dictado manda: mas *voltei* para Portugal, e pensei de Portuguez para Portuguezes: e a isso attribuo a indulgencia e boa vontade do público que me ouviu e me leu.

Foi uma regeneração para mim: foi cahirem-me dos olhos as trevas de Tobias com os figados do peixe trazido de tam longe. Não está na fabula (ou intrecho), não está nos nomes das pessoas a nacionalidade de

um drama. Ignez de Castro pode ser franceza, — e portuguez Edipo: tudo depende do rito com que os evocar, do janigo para sobre o theatro, o sacerdote que faz os conjuros.

Parece-me que esta convicção se vai generalizando. Um homem sem talento, mas de grande tino, juizo e erudição, a tinha ja tido antes; foi o honrado Manuel de Figueiredo, de cujo volumoso theatro poucos sabem até que existe: lê-lo, isso é para exemplares paciencias. Pois ganha muito quem o fizer, que ha alli oiro de Enio com que fazer muitos Vingilios.

Éstas guerras de 'alecrim e manjerona' em que andaram classicos e romanticos por esse mundo, e que ja socegaram em toda a parte, vão a começar agora por ca. É como na politica e em tudo, não se apprende nos exemplos, nos erros alheios: triste condição da humanidade que só de seus proprios desvarios escarmente cada um! Paciencia! Quanto a isso, so quero aqui reiterar os meus antigos protestos de que não sou classico nem romantico: porquê? Porque tractei de saber o que era uma coisa e o que era a ou-

tra antes de me apaixonar por nenhuma. Succedeu-me o que me tem succedido em tudo, e o que a todos succederá que o fizerem: achei razão a uns e a outros, segui-os n'ella, e deixei-os brigar no mais, — que não vale a pena da briga. Assim é de tantas brigas d'este mundo! O classico rabugento é um velho teimoso de cabelleira e polvilhos que embirra em ser taful, e cuida que morrem por elle as meninas. O romantico desvairado é um peralvilho ridiculo que dança o galope pelas ruas, e toma por sorrisos de namorada o supercilioso olhar da senhora honesta que se riu de pasmo de o ver tam doudo e tam presumido — mas tam semsabor.

Lisboa, 19 de Novembro  
de 1839.

### **Prefacio da segunda edição.**

A extrêma indulgencia com que este drama foi recebido do público impunha, ha muito, ao auctor a obrigação de o emendar, e tornar mais digno de tam lisongeiro favor, do que elle sahira na primeira edição. São todavia passados mais de quatro annos desde que ella se extinguiu, e so agora, na priguçosa convalescença de longa infirmitade, appareceu breve remanso de mais serios trabalhos que se lhe podesse dar.



Sôbre feissima de erros de imprensa, sahii aquellâ edição com todas as falhas de 'primeiro molde,' incorrecta no stylo, falta de natural e verdade na phrase. Além d'estes senões de colorido, accresciam alguns, e muitos, no desenho; — impropriedades na fábula ou inrêdo do drama, inexacções nos characteres e semelhantes. Todos estes defeitos nasceram dos vinte e tantos dias em que a tragedia foi composta, insaiada e representada<sup>1</sup>, — e dos vinteum annos que então doudejavam no sangue de quem a escrevia. A todos esses, e ao mais capital d'elles — a tibieza e pequenez do quinto acto, se pôz peito em evitar n'esta edição.

Sem escrava submissão aos facticios preceitos do theatro francez, nem revolucionario desprezo das verdadeiras regras classicas (que hoje é moda desattender sem as entender); nem caminhando de olhos fechados

<sup>1</sup> A sociedade de curiosos que primeiro a levou á scena, e que tanto applauso lhe grangeou do mais escolhido público que ainda se junctou em theatro portuguez, recebia, pouco e pouco, as porções da tragedia, ao passo que se iam compondo: e todos os membros d'essa sociedade (que excepto um, estão vivos e sãos) presenciaram quantas vezes se compunha na véspera o que no outro dia se tinha de insaiar. — *N. da seg. ed.*

pelo estreito e allinhado carreiro de Racine, —nem desvairando á toa pelas incultas devezas de Shakspeare, —procurou o auctor conciliar (e não é impossível) a verdadeira e bella natureza com a verdadeira e boa arte.

O desanimador estudo do coração humano, o fatal conhecimento das humanas paixões, e de sua influencia e acção nas revoluções politicas, o habilitaram para intender agora melhor o seu Tito-Livio e o seu Plutarcho. Assim commentados pela experiencia de dez annos de revolução, estes dois grandes phanaes da historia antiga guiaram o auctor da tragedia nas reformas que n'ella fez, no desenho de seus characteres, e no colorido de muitas scenas que, na primeira edição, visivelmente mostravam a mão inexperta do pintor que as traçava sem ter d'onde copiar do vivo.

Estes exemplares o dirigiram e allumiaram em toda quanta emenda, correcção e augmento apparecer agora; a elles se reporta de toda a dúvida que na intelligencia de uma ou outra allusão houver, para elles appella de toda a construcção equivocada, a

elles se aggrava de toda a interpretação malevolente que lhe derem.

Vinha n'aquella primeira edição uma carta do auctor sôbre a imitação que n'este drama ha, ou havia, do celebrado Catão de Addison. Julgou-se escusado reimprimi-la aqui, por longa e de pouca monta <sup>1</sup>. Baste dizer em summa, que — fábula, interêsse, mechanismo dramatico; tudo é differente nas duas tragedias. A de Addison tem seis paixões ou namoros de tarifa, como lhe chama Schlegel <sup>2</sup>; e conclue, na catastrophe, com dois matrimonios: n'esta nem ha amantes nem casamentos nem mulheres. Um moderno viajante <sup>3</sup> inglez disse da tragedia portugueza: 'Perhaps the happiest idea of our (the portuguese) poet is that contrast which he draws between the two characters of Cato and Brutus: both of which are well sustained.' 'A mais feliz idea do nosso poeta (o portuguez) é talvez o contraste que elle apresenta entre os dois cha-

<sup>1</sup> Vai reimpressa n'esta edição por satisfazer a muitas pessoas que manifestaram desejo de comparar em tudo as duas primeiras edições do Catão. — *Not. da terc. ed.*

<sup>2</sup> Curso de litter. dramatica; sôbre Addison.

<sup>3</sup> Mr. Kinsey's Portugal illustrated.

racteres de Catão e de Bruto, os quaes ambos são bem sustentados.'

Bastaria este ponto singular para distinguir perpétua e caracteristicamente uma da outra tragedia. Os raios do interêsse dramatico, que, na ingleza, divergem para os intrincados amores de Porcio, e Marco, Sempronio, e Juba, e Marcia, e Lucia — na portugueza convergem todos para o protagonista, em quem, e na patria e na liberdade que d'elle são parte e n'elle coexistem, todo quanto é, o drama se concentra, em acção, em meios, em incidentes, em interêsse — desde a primeira linha da exposição até á última syllaba da catastrophe.

Os namoros de Addison tecem, movem, inredam e desatam todo o fio de seu drama. Os mais nobres affectos do coração humano, a amizade, o amor paterno e o filial, a devoção civica, o falso e o verdadeiro patriotismo, o enthusiasmo cego, e o illustrado zêlo da liberdade, — com todas as paixões revolucionarias em seus variados graus e matizes, são o unico movel do Catão portuguez, de todos seus characteres, scenas, — da fábula inteira.

E comtudo, apesar de tanta disparidade, tem elle expressões, versos inteiros imitados de Addison. E porque não, se ellas são boas e elles bellos? Contar-se-hão porêr raros os logares imitados: e a similhaça decerto mais a produziu a commum leitura de Plutarcho do que nenhuma outra coisa. E não lembra mais de que accusar n'este ponto. Se outras imitações descobrir o leitor, saiba que se lhe não quizeram occultar, e que em se não declararem, so ha culpa de memoria.

Representou-se ésta tragedia, a primeira vez, em Lisboa, por uma sociedade de curiosos, em septembro de 1821. Outra sociedade de egual natureza lhe fez a mesma honra no anno seguinte, em Leiria, com permissão do auctor. Intregue, em certo modo, pela impressão, ao público, foi primeiro representada em público theatro, em Santarem, no anno de 1826. Também exilada na geral proscricção de 1828, veio apparecer em Plymouth, onde, se houvermos de crer os jornaes inglezes d'esse tempo, tam perfeitamente desimpenhada foi por varios officiaes e outros distinctos emigrados

portuguezes, — que até dos ‘spectadores britannos’ se não poderá o auctor queixar, como o desterrado Sulmonense dos pouco menos duros Getas:

Barbarus hic ego sum quia nec intelligor ulli,  
Et rident stolidi ‘verba latina’ Getae.

Associado a grandes epochas nacionaes, — nacional pela adopção pública, o ‘CATÃO portuguez, sai agora (se não foi vão o cuidadoso esmérô e o longo trabalho do auctor) mais digno d’esse antigo fôro, que ainda hade ser illustre e de honrar, por mui abatido e se-vandijado que hoje o tenham.

O assumpto é o mais nobre, mais heroico e mais tragico de toda a historia antiga e moderna. Representando as últimas agonias da mais solidamente constituida republica da antiguidade, — a *moralidade politica* do drama naturalmente reflecte muita luz sôbre a grande questão que ora agita e revolve o mundo: e mostra (talvez mais claro que nenhuns tractados) a superioridade das modernas fórmas representativas, e a excellencia da liberdade constitucional ou monarchica.

O leitor, o espectador tirará sem esforço a conclusão do poeta :

Nunquam libertas gratior extat  
Quam sub rege pio.

Onde a realeza legitima faz parte integrante da constituição, não ha medo que os dois elementos naturaes da sociedade, a democracia e a aristocracia, rompam o equilibrio em que as tem o sceptro, fiel, que deve ser, da balança do Estado : não ha temor de que ambicioso demagogo fatigue o povo com disturbios e excessos, para o colhêr exausto e o açaimar então com a mordança de tyrannia. Dem-lhe o nome que quizerem, chamem-lhe rei ou imperador, cesar ou czar, se as leis não estabelecerem uma realeza moderada e paternal para conter as paixões ambiciosas dos cidadãos, — a realeza illegitima da revolução, a tyrannia, virá sem leis, contra as leis, e as destruirá. D'este perigo so livra (quando livra) a oligarchia aristocratica e a negra bocca do Leão de San'Marcos. E qual dos flagellos será peor? — Nem o rei propheta saberia escolher. Ha um grande, ees solitario, documento contra ésta doutrina, no

**Novo-mundo. Mas dura ha mui pouco tempo; e exemplos em politica precisam de ter cans para convencerem <sup>1</sup>.**

**Londres, 15 de Abril  
1830.**

<sup>1</sup> Em linguagem mais chan:— Os Estados-Unidos da America do norte não são ainda uma nação formada, sólida, compacta, com character, costumes, genio e indole sua propria; e so quando o forem, poderemos ajuizar dos resultados do, por'ora tam novo, experimento.





### Prefacio da primeira edição <sup>1</sup>

Conheço perfeitamente a difficuldade de uma composição dramatica. Impregando a maior parte de minhas horas vagas — unicas que dou a versos e similhantes passatempos — n'este ramo de poesia que por inclinação amei sempre e por estudo cultivado, versando quasi desde a infancia, com *nocturna e diurna* mão, os theatros antigos e moder-

<sup>1</sup> Lisboa 1822, na Impressão Liberal, 1 vol. 8.º—132 pag.

nos, tenho de sua leitura constante colhido, quando menos, o conhecimento perfeito da difficuldade do genero.

Lendo Sophocles e Eschylo, Euripides e Aristophanes — ajudando-me, no pouco conhecimento da lingua grega, das boas traducções latinas e francezas, e sôbretudo da erudita e engenhosa obra do P. Brumoy — adquirir o gôsto do theatro classico e das bellezas grandes e simplicis da Melpomene d'Athenas, com o do sal acre e travessos risos de sua galhofeira Thalia.

A tragedia grega, singela e vigorosa em Eschylo, majestosa e sublime em Sophocles, so em Euripides decai alguma coisa em certa affectação de *moralizar* que depois em Roma estragou Seneca <sup>1</sup>, e mais posteriormente em Paris *ammaneirou* algumas vezes Voltaire.

Na comedia grega, simples *caricatura* ao principio dos characteres contemporaneos, mais vaga e incerta no seu caminho de aperfeiçoamento, admirei a viveza dos ditos picantes, o engenhoso da imitação *ridicula* ;

<sup>1</sup> Ou quemquer que é o auctor das tragedias d'este nome.

porém mais nada. E não tendo outro escriptor senão Aristophanes, até pela fallencia de comparação, foi indeterminado o meu conceito.

Não conhecia eu éstas differenças nos meus principios; e o sentimento da admiração era o unico da minha alma quando contemplava taes maravilhas.

A scena romana não me offereceu senão Plauto, Terencio e Seneca, ou, mais exactamente, algumas cópias desfiguradas dos originaes gregos que, tendo largado o *pallio* de Athenas, vestiram a *toga* do Lacio que se lhes desageitava nos hombros desaffeitos.

Voltei-me ao theatro das linguas modernas, que não so colheram o bejo ás bellezas e primores gregos, mas souberam creá-las novas. Na tragedia a Sophonisba de Trissino e a Castro de Ferreira, na comedia João da Enciña, Gil Vicente, Prestes e Ariosto com outros na Italia e Hespanha, appresentam as primicias da moderna scena, que, ora moldada no classico grego, ora no genero romantico, formaram uma terceira especie d'ambas participante e que tantos esmeros e prodigios veio depois a dar ao theatro das linguas vivas.

Além de longa, fôra bem superior ás minhas fôrças a anályse das peças dramaticas do riquissimo theatro francez, dos não tam ricos mas quasi tam extensos inglez e hespanhol; e finalmente do novissimo, porém talvez superior a todos, o italiano <sup>1</sup>.

Ninguem ignora que a conservação e appuro do genero classico se deve á França, e principalmente a Racine, Voltaire e Crébillon: mas poucos quererão conceder que Maffei e Alfieri o sublimaram e appuraram ainda mais que todos elles. Todos sabem que o genero romantico, filho de Shakspeare, formou uma classe distincta e separada, que, supposto irregular e informe, tem 'comtudo bellezas proprias e particulares que so n'elle se acham.

Todas éstas observações tenho eu encontrado nos philologos modernos, e em todos ou quasi todos os cursos de litteratura. Mas o que me não lembro de ler é que este genero romantico, combinando-se com o classico, dando-se e recebendo mutuos soccorros, formassem um genero novo, cujos characteres

<sup>1</sup> Phrasé dictada pelo enthusiasmo de Alfieri.

são bem salientes e cuja belleza incontestavel. Segundo a minha opinião são classificaveis n'elle Corneille e Ducis em quasi todas as suas obras<sup>1</sup>, Schiller em muitas, e os modernos auctores inglezes e hespanhoes creio que em todas.

No que toca á especie comica, não se pôde com exactidão dizer o mesmo. Pois decerto em França, desde o *Menteur* de Corneille até quasi ao nosso tempo (em que Diderot, os seus *dramas* e os seus imitadores, fazendo um como schísma theatral, confundiram algum tanto os generos) a comedia tem constantemente sido regular e classica. Não diremos porém o mesmo da Inglaterra e Hespanha, onde os generos tragico e comico, por muito tempo *amalgamados* e confundidos, começam a tomar seus distinctos e separados logares nas scenas das duas nações. Mais classica se conservou a comedia italiana, supposto seu maximo escriptor, Goldoni, muito propenda para o genero romantico.

Em Portugal, se passarmos os antigos,

<sup>1</sup> O theatro allemão não fez eschola sua: quasi todo elle é inglez, pouco n'este genero mixto, e porventura nenhum no classico.

não sei contar senão J.-B. Gomes; pois dos outros todos creio que affoutamente se poderá dizer que não valem o trabalho de contá-los. Será isto defeito e falha nossa? Não teremos nós *la tête dramatique*, como os Francezes *l'épique*? — Não sei responder, mas nem por isso deixo, ou deixei desde que me intendo, de forcejar por encher, quanto em mim fosse, o vazio do nosso theatro. Serão talvez baldados os meus esforços; paciencia:

Eu d'esta gloria so fico contente,  
Que a minha terra amei e a minha gente.

Assim dizia um dos maiores poetas e philosophos portuguezes, e assim digo eu, o minimo d'elles, mas não inferior em desejos e vontade ao grande e immortal Ferreira.

Coméço a publicação dos meus insaios dramaticos por uma tragedia e uma farça<sup>1</sup>, ambas feitas e representadas ultimamente. Outras tinha eu de mais antiga data; mas, sôbre carecerem de grande emenda, e lh'a não podêr eu fazer por agora, accresce demais a analogia d'estas com as presentes

<sup>1</sup> A farça hade incorporar-se em um dos tomos seguintes da collecção.

ideas, e o meu conceito, talvez errado, de sua melhoria.

A sociedade de curiosos que as levaram á scena, e que tanto applauso lhes grangearam do mais escolhido público de Portugal, receberam pouco e pouco as porções da peça que se iam fazendo para os insaios; e todos os membros d'essa sociedade sabem quantas vezes se compunha na vespera o que no outro dia se tinha de insaiar.

O exito feliz d'uma impresa atrevida conduz sempre a novos atrevimentos. Assim a tragedia como a farça receberam na scena um acolhimento que eu não esperava nem podia nunca imaginar. Continuas instancias de amigos e conhecidos, e até de desconhecidos, me resolveram a final a publicá-las. Porventura irei agora desinganar esse mesmo público e, apresentando-lhe estes fracos insaios sem o prestigio da scena, e desajudados da poderosa magia de actores excellentes, mostrar-lhes toda a pouca realidade de seu merecimento, e fazê-los invergonhar de seus applausos!

Lisboa, 13 de Março  
1822.



**Nota-bene**

O cru e mal digerido d'estas reflexões precedentes, e das que vão na seguinte carta, denunciam facilmente a idade em que se escreviam. Apenas algum erro de stylo corrigi, os outros não quiz de proposito, pelas mesmas razões que já dei no I vol. d'esta collecção, prefacio do Camões.

Os fundamentos de minhas opiniões litterarias, ver-se-ha que eram os mesmos ha dezoito annos; desinvolveram-se, rectificaram-se, mas não mudaram. Mal, e como de oriança, ahi vem contudo (pag. 30) ja presentida a idea de Goethe na última parte do Fausto, sobre a combinação do classico com o romantico que deve produzir e fixar a pocsia moderna.

Foi o ultimatum, a derradeira sentença do grande oraculo da nossa idade: a união da arte antiga com a arte moderna, da plastica com o spiritualismo, — do bello das fórmãs com o bello ideal, da Helena *homérica* com o Fausto *dantico*, de cujo consorcio tem de nascer o bello Euphormion, o genio, o principio, o symbolo da arte regenerada.

Lisboa, 12 de Dezembro 1839.

### Carta a um amigo <sup>1</sup>

Que conceito formo do meu CATÃO? É a pergunta mais fóra do commum que se tem feito. — Se imitei muito o de Addison, e que juizo faço d'este drama? Menos difficil é que a primeira, porém não me custa porventura

<sup>1</sup> Esta carta nunca esperou sahir a lume, nem sahiria se me não constasse que algumas pessoas, attendendo talvez simplesmente na similhança do titulo, haviam asseverado que a minha tragedia não era mais que uma traducção da de Addison.

Foi inserta na primeira edição de 1822.

menos a responder a uma do que a outra. Tinha protestado conservar perfeito silencio sobre este famoso auctor e sua mais famosa peça, porque não julgasse alguém que o severo dos meus reparos provinha de rivalidade ou presumpção. Mas enfim quebro o protesto e vou satisfazer-te. A tragedia ja está no prelo, e cedo poderás combinar as minhas reflexões com ella; pois, supposto a viste representar, so com meditado estudo se póde bem decidir de coisas dramaticas, e a scena illude muito, e preoccupa demais com seus prestigios para nos deixar reflectir com a madureza e socêgo necessarios, que so no silencio do gabinete se podem conciliar.

O que me parece do meu CATÃO? — Com toda a franqueza que me conheces, e sem a orgulhosa modestia de certos auctores que se humilham todos para que os louvem mais, com a sinceridade de amigo: *parece-me bem, e mal*. Gósto de algumas coisas, desgósto de outras.

Pelo que são regras principaes de *unidades, exposição, nexos e desfeixos*, cuido te-las desimpenhado. Emquanto ao resto não direi

com tanta affouteza; e coisas ha de que muito desconfio.

Mui difficil me era, não so o desenho dos characteres, mas a sustentação d'elles. Para apresentar uns poucos d'homens verdadeiramente romanos, e fazer no meio d'elles sobresahir o actor principal, era forçoso suar muitas vezes, e desanimar algumas. Bruto, Porcio e Manlio, todos virtuosos, e virtuosos como republicanos verdadeiros, a cada momento se me tornavam Catões, e faziam por consequencia divergir os raios do interêsse dramatico, que eu so no unico protogonista queria e devia concentrar. Distingui-os quanto pude, esforcei-me em caracterizá-los por diferentes temperamentos e genios; puz peito em separá-los assim, ja que a historia e a verdade m'os tinham unido tanto.

Como heide responder á tua segunda pergunta sôbre Addison, na anályse succinta que de sua tragedia te faço, irei conjunctamente respondendo á primeira, segundo me lembrar, sem ordem nem systema, que, sôbre improprios da familiaridade de uma carta, me dariam constrangimento e incómodo, que seguramente creio não quererás dar-me.

Desde que me intendo alguma coisa, e comecei a abrir livros de bellas lettras, ouvi sempre fallar no *Catão* de Addison, como em um prodigio da scena, e porventura a primeira peça do theatro moderno.

Na Encyclopedia, formaes palavras, se diz: *Son Caton est le plus grand personnage, et sa pièce est la plus belle qui soit sur aucun théâtre*. Cesarotti e infindos outros fallaram pela mesma bôcca. O proprio Voltaire que lhe nega o fôro de *tragedia*, não deixa de chamar-lhe um *chef-d'œuvre*.

Ouvia eu e lia todas éstas coisas, e de cada vez me dobrava o desejo de ver **tam** gabada peça, sem jamais a podêr haver á mão pela summa raridade dos bons livros entre nós, e infinita escacez principalmente de todos os que não são francezes. Obtive enfim uma traducção franceza, meia verso meia prosa, mas tam má que o meu conceito então ficou cem vezes áquem do que havia imaginado. Li-a depois na versão do nosso Manuel de Figueiredo (bom homem, e de bastantes luzes, mas de nenhum talento poético, e perfeitamente ignorante até das mais simples leis do metro) e fiquei peor. Conse-

gui finalmente o original; e supposto mudei bastante do primeiro juizo, não foi absolutamente nem o podia ser, porque no contexto e fundo do drama, original e traducções eram a mesma coisa.

Antes de fazer as minhas reflexões, transcreverei as do eruditissimo Schlegel, que pela maior parte com ellas se combinam, e, com grande satisfação minha, até com as que, antes de ler a sua grande obra, eu havia feito<sup>1</sup>.

‘Addison, que era mais *bel-esprit* do que poeta, metteu-se a expurgar a tragedia ingleza, e a submettê-la ás pretendidas regras de Aristoteles. Dever-se-hia esperar que tam erudito homem, como elle era, necessariamente buscaria avizinhar-se á tragedia grega: não sei se teve algum’hora essas intenções; mas é certo porém que o fructo dos seus esforços não foi mais do que uma tragedia moldada e infeitada á franceza. O *Cato* é uma obra fraca e de gelo, quasi nua de acção, e que nunca toca o animo com a mais pequena fôrça.

<sup>1</sup> Curso de litteratura dramatica.

‘Addison, fazendo uma composição tímida e acanhada, restringiu de tal sorte um grande quadro historico, que para encher o panno, houve mister de lhe introduzir coisas absolutamente extranhas. Recorreu aos amores da *tarifa*; e n’esta peça se contam seis *paixões* (ou namoros); a saber: as dos dois filhos de Catão, a de Marcia, de Lucia, de Juba e de Sempronio. Catão, como bom pae de familias, não póde ter-se a final que não arranje e conclua dois matrimonios; e entre tantos amantes, não ha nenhum (sem exceptuar o mesmo Sempronio que é o *malvado* do drama) que não participe o seu pouco de simplesinho. Catão poderia talvez relevar tudo isto; mas quasi nunca obra nem entra em acção, apenas se mostra para se fazer admirar e morrer depois.

‘Poder-se-ha pensar que a stoica resolução de um homem se matar, tomada assim sem paixão, e sem internos conflictos, não é favoravel assumpto para uma tragedia: mas não ha assumpto nenhum que por sua natureza seja desfavoravel, e tudo dependé da maneira por que se tracta. Um vão escrupulo sôbre a unidade de logar forçou Ad-

dison a deixar de fóra a César, unico character digno de fazer contraste ao de Catão : e n'esta parte muito melhor que elle, andou Metastasio.

‘ O stylo de Addison é simples e puro, mas sem fogo poetico. O *jambo* não rhy-mado <sup>1</sup> de que usa, dá ao dialogo mais liberdade, e uma fórmula *menos de convenção* que se não acha na maior parte das tragedias francezas ; mas essas têm ás vezes uma eloquencia firme e concisa, onde jamais não chega o *Catão* de Addison.

‘ Este célebre auctor, para preparar o feliz acolhimento d’uma obra que tanta fadiga lhe havia custado, pôs em armas toda a milicia do *bom gósto*, todos os criticos grandes e pequenos, e á frente de todos Pope. *Catão* foi por toda a parte acclamado por um *chefe d’obra* sem par. E em que fundaram elles taes asserções ? Na regularidade da fórmula ? Mas os poetas francezes ha mais de um seculo que a ella se haviam sujeitado, e a despeito d’esse grilhão, tinham conseguido effeitos muito mais poderosos e patheticos. — No espirito politico ? Um so discurso de

<sup>1</sup> É o nosso verso sólto ou branco.



Bruto ou Cassio em Shakspeare mostra mais alma romana, mais energia republicana, que toda a tragedia de Addison. Duvido que semelhante peça produzisse jamais uma impressão viva e profunda.'

Tal é o conceito de Schlegel sobre esta tam affamada obra. O meu, como levo ditto, não differe muito do d'elle, mas alguma coisa differe. Schlegel tem o defeito de todos os escriptores que são escravos de suas proprias ideas, e do systema que elles mesmos fabricaram: o que muitas vezes os força a dizer coisas que n'outro reprovariam e de que não têm, nem dão, outra causa mais que a necessidade imperiosa de serem coherentes.

Lembrar-te-has que muitas vezes lamentámos isto em Madame de Stael e em Chateaubriand; e que pensámos ser muito principal origem do grande merecimento de Cicero e de Rousseau a sua incerteza ingenua — ou muito artificiosa — n'esta parte.

O que Schlegel diz sobre a *regularidade classica* mal entendida que Addison pretendu e pensou dar ao seu drama, é exactissimamente certo. O genero *romantico*, de

que Shakspeare foi o creador entre os seus, e que era o proprio da scena ingleza, tem grandes defeitos, mas grandes formosuras: falta-lhe a belleza da simplicidade e regular elegancia, mas sobeja-lhe a do ornato e in-  
feites ingenuos, comquanto demaziados. O genero *classico* tem outras qualidades e characteres, entre os quaes em primeiro logar, a regularidade e simplicidade. O *mixto*, que principalmente se deve a Voltaire e a Ducis<sup>1</sup>, participa das bellezas d'um e d'outro, sem cahir nos defeitos do *romantico*, afformosea visivelmente o *classico*. Zaira, Tancredo, Alzira, Othelo e o Rei Lear (de Ducis) provarão, melhor que todas as theorias, esta verdade.

Em qual d'estes tres generos escreveu Addison? Em nenhum. A sua tragedia é um arremêdo infeliz do gôsto francez, tem todos os defeitos do affeminado d'aquelle theatro, sem ter nenhuma de suas bellezas. Seis nomes! Racine e Crebillon, que foram os

<sup>1</sup> Quando no prefacio d'este livro toquei igual materia, esqueceu nomear esta grande tragico na frente dos que no genero mixto escreveram. Foi devido á pressa com que macunhei aquellas linhas.

mais excessivos n'este ponto, nunca se atreveram a tanto. Mas Racine pelo menos soube ligá-los sempre, e fazê-los dependentes da acção principal, quando elles mesmos a não eram. Crebillon as mais das vezes o fez, supposto com muito menos arte, e essa, menos fina e delicada. Mas no Catão de Addison são verdadeiramente — verbos de encher; tanto teem elles com a acção capital, como os nossos antigos *graciosos* das operas do Judeu com Medea e Jason. Demais a mais, teem a habilidade de occupar quasi sempre a scena, e deixar raras vezes apparecer sobre ella o principal actor e acção. A traição de Sempronio e Syphax é motivada por namôro, as mortes de Sempronio e Marco por namôro, toda a *intriga* ou nexo do drama por namôro; Catão intertem-se tambem com todos estes namoros, e mata-se a final — depois de dormir o seu pouco na scena — sem se saber verdadeiramente porquê; pois não apparece uma causa immediata, qual deveria ser a chegada de Cesar, mas simplesmente a da ruina geral da liberdade, que desde o primeiro acto existia e que portanto desde o principio devêra ter produzido o

seu effeito; e morto Catão; que era a catastrophe, acabar logo a *peça*. Ésta suspensão da catastrophe, que é o nexo da acção, uma das origens do interêsse, e uma das mais difficeis regras tragicas na sua execução, falla e falta absolutamente na tragedia ingleza.

Eu não exigiria, como Schlegel, que Addison mettesse a Cesar no seu drama, nem farei depender d'essa circumstancia a belleza principal d'elle. Tambem li a *peça* de Metastasio e ahi o vi, mas não me agradou. Porventura, se hoje escrevesse a minha tragedia, o faria eu: mas não me lembrou então o verdadeiro modo de o fazer bem, e por isso o não fiz.

No que em grande parte discordo de Schlegel é no severo conceito que fórma do stylo de Addison. Convenho que sobejas vezes é frio e desanimado, porém muitas é sublime e elevado como ao genero cumpria. O monologo do quinto acto é uma obra prima de poesia, tanto nas ideas como no stylo: assim elle fosse dramatico e proprio da scena; mas infelizmente cai-lhe ao justo a sentença d'Horacio:

*Sed nunc non erat his locus.*

O muito que me affastei de Addison, da simples comparação d'estes reparos com o meu drama o pódes colher. A personagem de Bruto, que é a segunda na minha tragedia, não apparece na d'elle; eu não tenho damas nem *namoricos*; a exposição, o nexo, a catastrophe da minha peça são outras absolutamente. Approveitei-me porém d'alguns pensamentos felizes e sublimes, que não são poucos em Addison. Mas o número dos que imitei não é excessivo: digo *dos que imitei*, porque traducção, não a fiz eu de um so verso inglez.

Para formares melhor idea, transcrever-te-hei aqui os logares todos de que fallo, com a traducção litteral; e combinando-os com os correspondentes no meu drama, poderás conhecer com exactidão o que digo.

*Acto I. Scena I. (Addison's Cato)*

The dawn is overcast, the morning low'rs,  
And heavily in clouds brings on the day,  
The great, th'important day, big with the fate  
Of Cato and of Rome.

*Coberta está a aurora, a manhã doce,  
E pesada, entre nuvens traz o dia,  
Dia grande e importante que pejado  
Vem dos destinos de Cartão e Roma.*

O lugar correspondente na minha peça é  
na scena V do I acto.

*Acto I. Scena II.*

Let us once embrace,  
Once more embrace, while yet we both are free.  
To morrow should we thus express our friendship,  
Each might receive a slave into his arms.  
This sun, perhaps, this morning sun's the last  
That e'er shall rise on Roman liberty.

*Deixa que inda uma vez nos abracemos,  
Mais uma vez, em quanto somos livres,  
Nossa amizade se ámanhan quizermos  
D'esta sorte expressar, receberemos  
Cada um de nós nos braços um escravo.  
Este sol, porventura, este sol de hoje  
É ja o derradeiro que se ergue  
Sobre a Romana liberdade.*

Corresponde a esta passagem a da scena V do I acto no meu drama.

*Acto I. Scena II.*

My father has this morning call'd together,  
To this poor hall, his little Roman senate,  
(The leavings of Pharsalia).

*Meu pae em esta humilde, pobre sala  
Seu pequeno senado de Romanos  
(Reliquias de Pharsalia) hoje convoca.*

D'estes versos são parallellos os da mesma scena V do I acto.

*Acto I. Scena II.*

Not all the pomp and majesty of Rome  
Can raise her senate more than Cato's presence,  
His virtues render our assembly awful,  
They strike with something like religious fear,  
And make even Cæsar tremble at the head  
Of armies flush'd with conquest. Oh, mi Portius!  
Could I but call that wond'rous man my father!

*Toda a pompa de Roma e majestade  
 Não poderia alçar tanto o senado,  
 Quanto a presença de Catão o eleva.  
 Suas virtudes tornam formidavel  
 Nossa assemblea, ellas quasi imprimem  
 Um medo religioso, e a Cesar fazem  
 Tremer á frente d'essas mesmas tropas  
 Suberbas de conquistas. Oh meu Porcio!  
 Pudesse eu chamar pae a tam grande homem!*

A imitação d'esta passagem é no acto I,  
 scena V do meu drama.

*Acto II. Scena II.*

Fathers, we once again are met in council:  
 Cæsar's approach has summon'd us together,  
 And Rome attends her fate from our resolves.  
 How shall we treat this bold aspiring man?  
 Success still follows him, and backs his crimes:  
 Pharsalia gave him Rome, Egypt has since  
 Receiv'd his yoke, and the whole Nile is Cæsar's.  
 Why should I mention Juba's overthrow,  
 And Scipio's death? Numidia's burning sands



Still smoke with blood. 'Tis time we should decree  
 What course to take. Our foe advances on us,  
 Ad envies us ev'n Lybia's sultrey desarts.  
 Fathers, pronounce your thoughts : are they still fix'd  
 To hold it out and fight it to the last?  
 Or are your hearts subdu'd at length, and wrought  
 By time and ill success, to a submission?  
 Sempronius, speak.

*Inda em conselho, ó padres, nos juntámos:  
 De Cesar a chegada nos reune.  
 E Roma o fado seu de nós espera.  
 Como devemos nós tractar esse homem  
 Audaz, imprehendedor? Ainda o segue  
 E protege os seus crimes a fortuna.  
 Pharsalia lhe deu Roma, o Egypto cede  
 Desde então ao seu jugo, e o Nillo é d'elle.  
 Porque mencionarei de Juba a quéda,  
 A morte de Scipião? De sangue fummam  
 As queimadas areias da Numidia.  
 É tempo de assentar qual mais devemos  
 Seguir estrada. Sobre nós caminha  
 Nosso inimigo, e nos inveja ainda  
 Estes da Libya torridos desertos.  
 Padres, pronunciaie os vossos votos.*

*Fixos em persistir são elles inda,  
E em pelear até o fim constantes?  
Ou vossos corações ja submettidos,  
Cançados pelo tempo e desfortuna,  
Estão á servidão? Sempronio, falla.*

O logar em que imitei alguma coisa ésta  
falla é no acto II, scena I.

*Acto II. Scena II.*

My voice is still for war.  
Gods! can a Roman senate long debate  
Which of the two to choose, slav'ry or death!  
No, let us rise at once, gird on our swords,  
And at the head of our remaining troops  
Attack the foe, break through the thick array  
Of his throng'd legions, and charge home upon him.

.....  
..... The corpse of half her senate  
Manure the fields of Thessaly, while we  
Sit here delib'rating in cold debates...  
Or wear them out in servitude and chains.

Rouse up, for shame! our brothers of Pharsalia  
 Point at their wounds, and cry aloud — To battle!  
 Great Pompey's shade complains that we are slow.

*O meu voto está inda pela guerra.  
 Deuses! pôde um senado de Romanos  
 Debater longamente sóbre a escolha  
 De escravidão ou morte? Não, ergamo'nos,  
 D'uma vez, impunhemos as espadas,  
 E á frente d'essas tropas que nos restam  
 O inimigo attaquemos; pelo meio  
 Das espessas fileiras avancemos  
 De suas legiões amontoadas,  
 E de golpe sóbre elle carreguemos.*

.....  
*Os corpos de metade do senado  
 Servem de adubo aos campos da Thessalia,  
 Emquanto aqui nós outros assentados  
 Em frias discussões deliberamos  
 Se á honra nossas vidas votaremos,  
 Ou se havemos de em ferros consumi-las.  
 Desperta; que vergonha! Os irmãos nossos  
 De Pharsalia as feridas nos apontam,  
 E altamente nos bradam — Á batalha!*

*A grande sombra de Pompeu lamenta  
A nossa lentidão; e a nós d'entorno  
Queixosa de Scipião voltea a sombra.*

Assemelha-se a ésta, na minha peça a falta  
de Bruto na scena I do II acto.

*Acto II. Scena II.*

Let not a torrent of impetuous zeal  
Transport thee thus beyond the bounds of reason.  
True fortitude is seen in great exploits  
That justice warrants, and that wisdom guides:

.....  
Are not the lives of those that draw the sword  
In Rome's defence entrusted to our care!  
Should we thus lead them to a field of slaughter,  
Might not th'impartial world with reason say  
~~We lavish'd at our deaths the blood of thousands~~  
To grace our fall, and make our ruin glorious?

~~Não te deixes d'um zelo impetuoso~~  
~~Transportar da torrente além dos termos~~  
~~Da razão. O esforço verdadeiro~~

*Nos grandes feitos que a justiça apoia,  
Que a prudencia dirige, é que se mostra.*

.....  
*D'aquelles que de Roma na defeza  
Desembainharam as espadas suas,  
Ao nosso cuidado confiadas  
As vidas não estão? Se nós ao campo  
Da mortandade assim os conduzirmos,  
Imparcial não poderá o mundo  
Dizer, e com razão, que nós de tantos  
C'ó a nossa morte o sangue desperdiçámos  
Para ornar nossa quéda, e mais gloriosa  
Fazer nossa ruína?*

Corresponde a ésta passagem a do acto II,  
scena II.

*Acto II, Scena IV.*

..... **Bid him disband his legions,  
Restore the commonwealth to liberty,  
Submit his actions to the public censure,  
And stand the judgement of a Roman senate.  
Bid him do this, and Cato is his friend.**

.....

..... Tho' Cato's voice was ne'er employ'd  
 To clear the guilty, and to varnish crimes,  
 Myself will mount the rostrum in his favour,  
 And strive to gain his pardon from the people.

*As suas tropas despeça, á liberdade  
 Restitua a republica, submetta  
 Suas acções á publica censura,  
 E a decisão aguarde do senado.  
 Obre assim, e Catão é seu amigo.*

.....  
*Nunca a voz de Catão foi impregada  
 Em crimes palliar, ou salvar culpas,  
 E comtudo heide eu mesmo em favor d'elle  
 Subir aos rostros, forcejar, pôr peito  
 Para alcançar o seu perdão do povo.*

Na minha tragedia, acto II, scena III, occurrem os versos parallellos.

Estes são, meu amigo, os logares que de Addison imitei; digo, que imitei de proposito, por que, se em alguns outros me incontroi com suas ideas e expressões, effeito

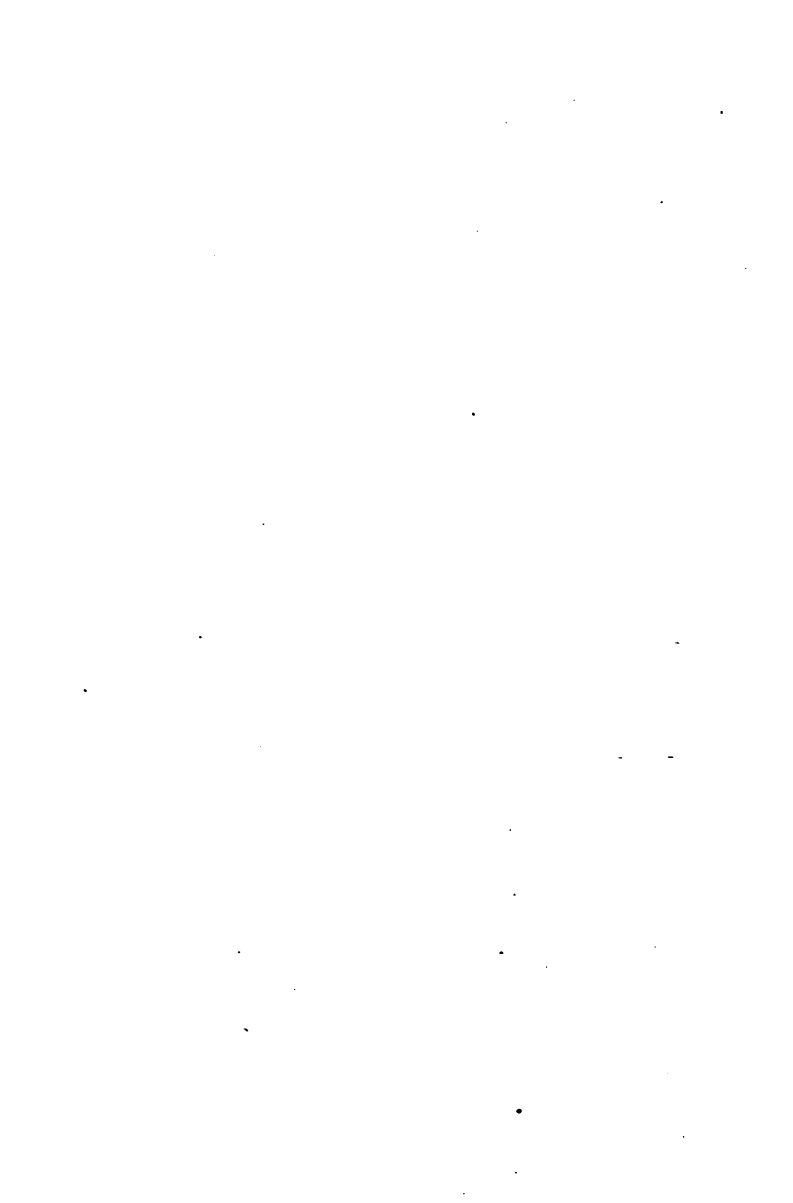
foi do assumpto e não por determinada intenção. Não repares nos meus versos da traducção litteral que puz ao pé do original inglez: esforcei-me por ser exacto e fiel, e essa vontade me não deixou ser bom metrificador.

E aqui tens com toda a sinceridade quanto sei e posso responder ás tuas perguntas, remettendo-te, sôbre Addison aos muitos que d'elle e do seu Catão escreveram, e sôbre a minha peça a esses senhores sabichões do Mondego que tudo intendem, tudo sabem, de tudo mofam, mas nada fazem. — Sou de todo o coração muito teu amigo, etc.

Lisboa, 13 de Março  
1822.

Á . MUITO . NOBRE  
SEMPRE . LEAL . E . INVICTA . CIDADE  
DO  
PORTO  
PROPUGNADORA . FORTISSIMA  
DA . LIBERDADE  
CONSTITUCIONAL  
ILLUSTRE  
PELO . SANGUE . DE . SEUS . MARTYRES  
O . D . C  
TESTEMUNHO . DE . AMOR . E . DEVOÇÃO  
Á . SUA . PATRIA  
J-B. DE . ALMEIDA . GARRETT  
MDCCCXXX





# CATÃO

TRAGEDIA

Representada, a primeira vez, em Lisboa, no theatro do Bairro-alto,  
por uma sociedade de curiosos, em vinte nove de septembro  
de MDCCCXXI

---

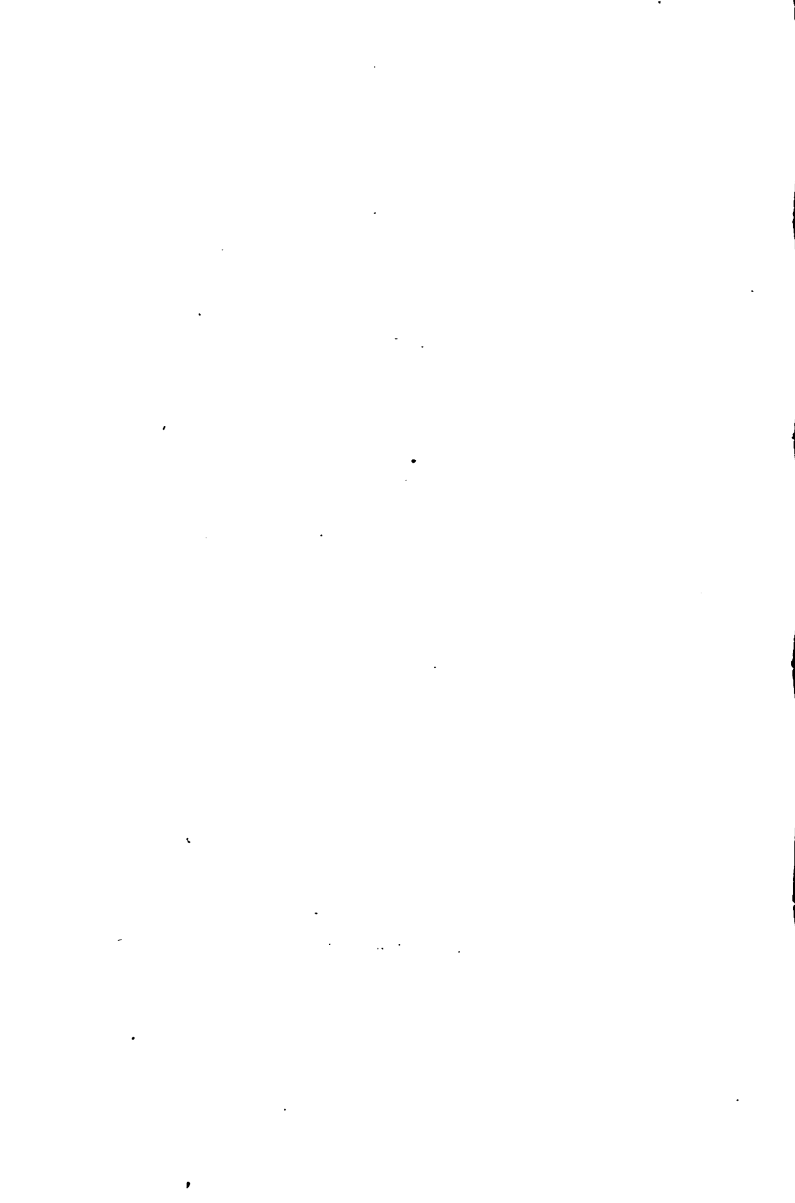
PESSOAS

CATÃO.  
MARCO-BRUTO.  
MANLIO.  
PORCIO.  
SEMPRONIO.  
DECIO.  
JUBA.  
POVO.

---

SENADORES, LICTORES, LIBERTOS, SOLDADOS ROMANOS  
E NUMIDAS

Logar da scena — Utica.



## PROLOGO <sup>1</sup>

Hoje, invocando as musas lusitanas,  
Calçando co'a mão trémula o cothurno,  
Venho tímido expor nas scenas patrias  
Um caso atroz da memoranda Roma.

Da Lybia ardente nos torrados plainos  
Arquejando vereis a Liberdade,  
Ve-la-heis moribunda soluçando  
Expirar sôbre a areia,—e inda de longe  
Volver o extremo olhar ao Capitolio.  
Honra, valor, virtude, esforço e glória,  
Tudo acaba com ella n'esse instante.

<sup>1</sup> Recitado pelo auctor na primeira representação, a que sómente assistiram amigos e familias conhecidas.

Algozes, ferros, asperas cadeias  
Da miseranda Roma algemam pulsos...  
Mas da patria infeliz o negro opprobrio,  
Catão não o hade ver,— morre primeiro.  
Ve-lo-heis, esse homem, o maior dos homens,  
D'homem, de pae, de cidadão deveres  
Desimpenhar romano, — e morrer homem.  
Ve-lo-heis tranquillo desafiar a sorte,  
E ainda nos momentos derradeiros  
Fazer no solio estremecer tyrannos,  
Pasmara a terra e invergonhar os numes.

Da malfadada Roma última esp'rança,  
Bruto vereis tambem: n'alma agitada  
Ver-lhe-heis lutar co'a patria a natureza,  
Mas a patria vencer. Odio implacavel,  
Desesp'rado furor que avexa essa alma,  
Lhe vem do coração bramar nos labios.  
Um dia inda virá que o braço árdido  
Quebre de um golpe os ferros do universo...  
Heroismo e valor, terror e espanto  
So vereis n'este quadro sanguinoso.  
Involta em negro lucto a lyra austera  
So troa sons de morte: as cordas duras  
Estremecidas fremem com o incerto  
Palpitar da vingança; — e mal se escuta  
Abafado suspiro de ternura  
Em que amor filial, em que amizade  
Tímidos, receiosos se carpíram.

Meigos affectos de paixões mais brandas  
Não espereis ouvir: — so falla a patria  
Em corações que a patria so conhecem.  
Romanos estes são, — mas vós sois Lusos:  
E de Romano a Portuguez que dista?  
Foram livres aquelles, — vós sois livres;  
Cidadãos, — vós o sois; homens, — sois homens;  
Pelos campos da glória e liberdade  
Onde o Tibre correu, corre hoje o Tejo.

E Roma é escrava!... E a desgraçada Italia  
Succumbiu, e nem geme! Em qual abysmo  
De mágoa e de vergonha está sepulta  
A patria de Catões, de Brutos, Cassios!  
Oh nódoa nos annaes da humanidade!  
Oh, quem podesse á historia do universo  
Arrancar essa página d'infamia!  
Amargo é recordar memorias cruas  
De dó, de pejo: — mas lembrá-las cumpre:  
A tempo sirvam de escarmento — e exemplo  
Para atalhar o mal na origem d'elle.

E tu, sexo gentil, delicias, mimo,  
Afago da existencia e incanto d'ella,  
Oh, perdoa se a patria te não deixa  
O primeiro logar em nossas scenas.  
Não esqueceste, não; porém ciosos  
São nossos corações de liberdade:

Onde impera a belleza amor só reina :  
Foge onde reina amor, a liberdade.

E vós, vós todos, assemblea illustre,  
Os erros desculpae do ingenuo vate.  
Foi so meu coração que fez meus versos :  
Por elle julgae só. Louvor e applauso  
Nem o quero de vós nem o supplico :  
Vêde expirar Catão ; dentro do peito  
Guardae d'esse Romano alma e virtudes.

Se o conseguem meus versos, se me é dado  
Esse prémio alcançar de meus trabalhos,  
Audaz, affeito, satisfeito e pago,  
Ao resto irei da Europa — do universo —  
Louvor, censuras desprezar sem medo.

# ACTO PRIMEIRO

Praça: —Vestibulo e portico de antiga e ruda architectura romana, a um lado

## SCENA I

MARCO-BRUTO, MANLIO *saúdo do vestibulo*

**Marco-Bruto**

Sei tudo — e tudo ouvi sobejas vezes ;  
Nem posso ouvi-lo mais. O ceu, que a Roma  
Nos pôs columna extrêma em seus desastres,  
Não quer prantos de nós. Valor, constancia,  
Virtude são os unicos remedios  
Para os males da patria. Lamentá-la,  
Chorá-la em ocio vil é ser covarde,  
É não ser cidadão, — não ser Romano.



**Manlio**

Mas ouve...

**Marco-Bruto**

Tudo sei.— Que Roma é escrava;  
Que o senado traidor, que o povo indigno  
Folgam nos ferros que lhe doira o crime;  
Que Cesar coroadado da victoria  
Ao carro triumphal leva—execrando!  
As romanas virtudes manietadas;  
Que essa prole bastarda de Quirino,  
Espurios filhos, infezado sangue  
De Scipiões, de Fabios, Cincinnatos,  
Essa turba infiel vendeu contente  
Braços e coração, virtude e glória  
A trôco de oiro vil;— que impera ovante,  
Que exulta Julio sôbre a patria em cinzas;  
E que do deshonorado Capitolio  
Ousa dictar os fados do universo;  
Emfim, do Povo-rei ser rei... Ah, Manlio,  
O termo abominavel, execrando  
Que mal cabe nos labios d'um Romano!  
Sei tudo:—e tudo n'alma tenho impresso  
Em fogo — que incessante m'a devora.  
Mas por péso da sorte inda não curvo:  
Tenho no peito coração romano;  
E emquanto a espada do tyranno Cesar  
M'o não souber varar, não cedo a Cesar.

**Manlio**

Tua nobre constancia admiro e louvo:  
Romana é,— romana d'esses tempos  
Que para sempre... sempre se acabaram.  
Oh, se ella nos salvasse, Marco-Bruto!  
Se d'esse coração faiscar podesse  
Scintilla que accendesse a morta cinza  
Em que toda esfriou, de consummada,  
A virtude latina!—Mas tu mesmo,  
Catão proprio o confessa; a nós e a poucos,  
A poucos mais, os deuses reduziram  
Da triste liberdade os defensores.  
Nos quasi abertos, derrocados muros  
D'Utica so nos resta amparo debil,  
Por suas brechas sem conto, a cada instante  
Nos entra a escravidão, nos foge a patria.  
Nossas feições tam poucas, tam cançadas,  
Fracos sobejos da fatal derrota  
Do infeliz Pompeu...

**Marco-Bruto**

E d'esse nome,  
Diz, não basta a memoria deshonorada  
Para acordar o coração dormente  
D'um senador romano? Oh sanctos manes,  
Oh veneranda sombra, inulta ainda,  
Nos sanguinosos campos de Pharsalia  
Vagas não-propiciada e gemebunda...

E o vil que ousa Romano appellidar-se  
Será, Manlio, será?...

**Manlio**

Será da patria  
O tyranno oppressor.

**Marco-Bruto**

Elle! — Primeiro  
Hade Catão morrer.

**Manlio**

Dous golpes junctos  
No seio maternal soffrerá Roma.

**Marco-Bruto**

Que soffra mil, e que não seja escrava.

**Manlio**

Ah, que aproveita, Marco, o sacrificio!  
Tam quebrados, sem fôrças, de que serve  
Esta lucta de poucos moribundos  
A pelear por mais uma hora escassa  
De vida incerta! — Ingano, ingano cego!  
Á patria agonizante e quasi extincta  
Que podêmos fazer?

**Marco-Bruto**

Morrer com ella.

**Manlio**

Se o sacrificio aproveitasse!

**Marco-Bruto**

Chamas

Sacrificio ao dever!—Este é o voto  
De Catão: bem o sabes. E tu dizes-te  
Amigo d'elle!... Sé digno do amigo.

**Manlio**

Oh!

**Marco-Bruto**

Basta, Manlio, basta: esses discursos  
Serão prudentes, mas offendem-me alma,  
E o coração rebella-se de ouvi-los... (pausa consideravel)  
Olha, ves tu a aurora?—despontando  
Ella ahi vem no horisonte carregado;  
Triste, pallida, a medo nos arrastra  
O dia—o dia porventura extrêmo  
De nossa liberdade.— Oh Roma, oh patria!  
Ceus que o raio guardais, rio mundo ha crimes  
Que os de Cesar eguaem? Que justiça  
Fazeis na terra, omnipotentes Deuses! (pausa breve)  
Manlio, este dia é o dia destinado  
A decidir a sorte dos Romanos.  
Por ordem de Catão solememente  
Se congrega o Senado. Os teus receios,  
Tua prudencia ahi pódes expor-lhe.  
Incontrarás talvez quem te oiça e applauda;  
Não eu, Manlio, não eu.

## SCENA II

MANLIO 56

Mancebo louco!

Cego corres após d'esses phantasmas  
Que em teu ingenuo coração virtuoso  
So hoje moram. Terás cans,— e c'o alvo  
Das cans te virá negra experiencia:  
Então, então verás com que sonhaste.  
Romano! Ideas vans! Ja não existe  
Essa glória, esse nome tam famoso.  
Nem a feroz virtude d'este joven  
Nem de Catão a rigida constancia  
Erguem do tumulo a defuncta Roma.  
Nunca! — O punhal das civicas discordias  
Rasgou-lhe o seio, quebrantou-lhe os membros;  
Roma não vive já. — É Cesar, Cesar  
Quem hoje é Roma, e que é senhor do mundo.  
Tudo lhe cede. — E nós mesquinhos restos  
Ao furor escapados de Pharsalia,  
É que havemos de oppor-nos á torrente  
Que arroja aos pés de Cesar o universo!  
E por amor de qué? Da liberdade...  
Liberdade! — Qu'é d'ella, a liberdade?  
Quanta nos deram Mario, Sylla? — Quanta  
Nos daria Pompeu se triumphante  
Com suas legiões volvesse ao Tibre!  
Roma, Roma, os teus dias são contados;

Tu queres um senhor: te-lo-has. Os Quincios  
 Já não voltam. Sem honra, sem virtude,  
 Sem aquella pobreza sancta e livre  
 De Fabricio, onde vai a liberdade!  
 Marco-Tulio venceu a Catilina;  
 E hoje — mollemente passeiando  
 Em seus jardins de Tusculo, revendo-se  
 Em marmores de Athenas, manso e quêdo  
 Philosophando vai. — Que resurgissem  
 Os Gracchos; — bradariam liberdade  
 E patria, como os nossos Gracchos de hoje:  
 Mas so bradar: tyrannos ou escravos  
 Seriam como nós... — Cortae nos vicios,  
 No orgulho, e então... — Quem é este? É Sempronio  
 Que ahi vem. Alma perfida e covarde!  
 Ide ouvi-lo ás cohortes declamando:  
 Nem o proprio Catão tem mais no peito  
 Aquella devoção, aquelle zêlo  
 Da liberdade antiga. — Oh tempos, tempos!  
 E ainda quer Marco-Bruto de taes homens  
 Fazer Romanos — com Romanos d'estes  
 É que se hade salvar a patria!

### SCENA III

MANLIO, SEMPRONIO

**Sempronio**

**Manlio,**

Fallaste com Catão? Que te disse elle?

Seu nobre exfôrço, amigo, que medita?  
 Como intenta salvar-nos? Que defesa  
 Havemos de fazer n'estas ruinas  
 Contra esse immenso exército que apperta  
 Sôbre nós de hora a hora? Que esperanças  
 Da moribunda — morta liberdade  
 Conserva ainda?

**Manlio**

As de morrer com ella.  
 Incapaz de torcer, firme, indomavel,  
 Não ve, não ouve, não attende a nada!  
 E emtanto cresce o mal, e a cada instante  
 Foge o remedio.

**Sempronio**

Um resta.

**Manlio**

Qual?

**Sempronio, á parte**

**Tentemos (alto)**

Este velho. — Seguir os teus conselhos  
 Moderados, prudentes.

**Manlio**

**Meus conselhos!**

Nunca t'os dei, nem... — O meu voto é logo  
 Para o senado: ahi o ouvirás franco,  
 Sincero, leal.

**Sempronio**

Mas nós sabemos todos  
 Tua opinião. Eu, longo tempo, incerto  
 Duvidei : mas enfim não resta escolha.  
 O universo é de Cesar : honras, graças,  
 Mercês, riquezas — tudo elle dispensa ;  
 E tudo perderemos se teimosos  
 Persistimos na lucta van, inglória...

**Manlio**

Inglória!

**Sempronio**

Inglória sim, que a vida, a fama  
 Esperdiçâmos loucos por chimeras.  
 Gloriosa foi a causa da republica  
 Quando o favor dos mobiles Quirites  
 Tinha Sédes-curues, e tribunatos,  
 Consulados que dar : nobre, distincto  
 Era então ser campeão da liberdade.  
 Hoje que importa cortejar a plebe,  
 Lisongear-lhe a inconstancia caprichosa?  
 Que podem os ciosos cavalleiros,  
 Os suberbos patricios? De que valem  
 Seus suffragios? Voltemo'nos a Cesar.  
 A calva occasião é ésta agora.  
 Corramos-lhe ao incontro : generoso  
 E magnanimo é Julio : hade quebrar-lhe  
 As iras todas submissão tam prompta,  
 Tam resignada: — e nós salvos, bemquistos



Do senhor do universo; porventura  
Quinhoaremos tambem nos seus despojos.

**Manlio, á parte**

Vil, indigno!... Estes são os nossos Gracchos. (Alto)  
E Catão?

**Sempronio**

Ah!... Catão. — Esperas d'elle  
Que attenda ao bem commum, que deixe os sonhos  
De sua stoica, van philosophia,  
Que sacrifique o orgulho de um systema?...

**Manlio**

Orgulho elle! — A tua alma não intende,  
Não conhece aquella alma. Homem mais simples,  
Mais singelo, mais chão, menos fastoso,  
Que ostente menos, menos se conheça  
E de suas virtudes saiba o preço,  
Não crearam os ceus, nem o aureo tempo  
Viu de nossos avós na antiga Roma.

**Sempronio**

Pois... eu tambem conheço... essas virtudes,  
E as sei avaliar. Porém que importam,  
Que nos podem fazer tantas virtudes?  
Cesar, amigo, Cesar formidavel,  
Cesar, que precedido da victoria  
Marcha á frente de inumeras cohortes,  
Que, á excepção d'este pouco da Numidia,

— De poucos palmos de torrada areia —  
 Ve curvado a seus pés o mundo inteiro,  
 Cesar não tarda sôbre nós; e é tempo  
 De resolver emfim.

**Manlio**

Toca ao senado

Deliberar: Catão para isso o ajunta:  
 E Catão bem conhece o nosso estado  
 E a possança de Cesar. Mas sua alma  
 Da velha dura têmpera romana  
 Não vérga assim. Minha opinião (pois queres  
 Sabê-la, e tua franqueza — tam notavel!  
 Me anima) é diferente, opposta á d'elle.  
 E logo no senado heide impugná-la,  
 Aberta e nuamente. Em vivas côres  
 Heide pintar o estado miseravel  
 Da patria, e o nosso; o abysmo a que a arrastâmos  
 Se, para não quebrar, nossa virtude  
 Não dobra um tanto ao pêso da fortuna.  
 Taes são minhas tenções. E ha muito sigo  
 Repugnante ésta lucta tam baldada,  
 Em que a alma de Catão, seu grande nome,  
 Suas virtudes são a unica fôrça  
 D'um partido impotente, e lacerado  
 De facções, de traições, de odios, de invejas, (pausa)  
 De avarezas, cubiças. — Mas, Sempronio,  
 Tu que sempre no fôro, no senado,  
 No campo, em toda a parte declamaste

Contra mim, contra a facil indulgencia  
 Dos que julgam prudente, necessario  
 Tractar c'o vencedor, ceder um pouco  
 Para não perder tudo, — tu da plebe  
 Idolo, oraculo, orador, — que ante ella  
 Bruto accusas de timido; e suspeitas  
 Soltaste a miudo da virtude austera  
 Do rigido Catão, — por que prodigio,  
 N'esta hora do perigo, em que a romana  
 Virtude, e toda a civica firmeza,  
 Constancia, devoção são necessarias,  
 Como, por que prodigio, tam diff'rente  
 Tam outro fallas! — Certo, no senado,  
 Teu voto, de fraqueza não suspeito,  
 Muitos convencerá.

### Sempronio

E pensas, Manlio,  
 Que ante esses homens cegos, illudidos,  
 Que em Catão vêem seu deus, que existem n'elle,  
 Que o falso brilho deslumbrou da glória,  
 Que o vão, que o louco amor d'uma chimera  
 A que chamaram patria e liberdade,  
 Antepoem aos proprios interêsses,  
 Às honras, á ventura, á mesma vida —  
 Que ante homens taes mínhas tenções exponha,  
 Que lh'allegue razões que elles não ouvem?  
 Fôra imprudente e de nenhum fructo o risco.  
 Antes ver-me-has, unindo-me a seu voto,

De suas illusões vestindo a máscara,  
 Entusiasta orador da liberdade,  
 Clamar, bradar vingança, e guerra e sangue,  
 Ostentar marcio ardor, romana audacia ;  
 E de mim affastar quaesquer suspeitas.  
 Sinceridade! — Pois tu não receias  
 Os impetos de Bruto ?

**Manlio**

Não receio  
 Onde estiver Catão, violencia alguma  
 Contra quem livremente, e como é d'homem,  
 Dá seu voto e tenção.

**Sempronio**

Muito confias :  
 Eu não. — E só a ti, cre-me, a ti, Manlio,  
 A ninguem mais em Utica, me atrevo  
 A revelar meu íntimo e secreto,  
 Verdadeiro pensar. Sancta amizade,  
 Além do sangue, nos uniu ha muito :  
 Tu não me hasde trahir. . .

**Manlio**

Eu trahir!

**Sempronio**

Não declares. . .

Digo,

**Manlio**

Sim, sim ; fica-te embora.

Não te heide descobrir: segue no ingano;  
Illude, mais essa hora que te resta,  
As desvairadas turbas. — E que impórta  
Acordar ora ou logo, se o terrível,  
O fatal despertar é sempre o mesmo!

#### SCENA IV

SEMPRONIO só, (depois de consideravel pausa)

Disse de mais; fallei, fui muito claro:  
E este velho, prudente, moderado...  
Ama, adora Catão como os mais cegos  
Que o têm por deus, por immortal. Embora!  
Manlio é honrado, d'aquella honra antiga  
D'outros tempos; e não me trai. — Honrado!  
O miseravel, co'a alma incerta e vaga  
Fluctuando entre o medo e entre a esperança,  
Nem sabe o que deseja. — E eu?... Sou covarde,  
Mais covarde do que elle: não me illudo.  
Mas pôde mais que a covardia o odio  
N'este peito ralado da acre sêde  
Da inveja. Meus projectos têm falhado  
Com a estúpida plebe: vis! adoram  
O homem que eu abhorreço, que detesto,  
Esse Catão, esse idolo de nescios!  
Oh, que raiva lhe eu tenho! Alma rebelde,  
Tu me opprimes c'o péso abhorrecido  
D'essas tuas virtudes. Quanto eu dera

E te podesse ver um crime n'alma!  
 Affrontoso supplicio! — E elle conhece-me,  
 Conhece-me e despreza-me.—Oh, vingar-me,  
 Vingar-me heide eu. Tua cerviz altiva  
 Hade criar vergão sob o appertado  
 Jugo de Cesar. Não te salva a morte,  
 Que vivo—vivo hasde cahir no laço. (Pausa consideravel)  
 Ei-lo aqui vem o principe dos Numidas.  
 Louco! A cega vaidade d'este barbaro  
 Hade ser instrumento proveitoso  
 De meus designios. Nem será difficil  
 O inganá-lo.—Vem com elle Porcio.  
 Que náusea que me faz este mancebo!  
 Ambos, ambos de dous.—E como affectam  
 Do pae o tom sentencioso e grave,  
 A pomposa virtude, o olhar austero!  
 Mas o Numida é Numida: no sangue  
 Ardente do Africano a febre é facil  
 De inflammar prompta, e desvairar no cerebro  
 Essas lições romanas de prudencia..  
 Cumpre dissimular, fingir com elles.

## SCENA V

SEMPRONIO, PORCIO, JUBA

**Porcio**

Oh meu Sempronio, oh firme, certo amigo  
 Da moribunda Roma, espirito, alma

Do vacillante povo, emfim te incontro !  
Ha muito te buscava.

**Sempronio**

Salve, Porcio.

Do maior dos Romanos digno filho,  
Esperanças da patria! — Meu amigo,  
Eis-me aqui. N'estas horas de agonia,  
Grata consolação é ver unidos  
No funeral da patria os que inda podem  
Carpi-la sem remorso e sem vergonha

**Porcio**

Meu Sempronio, abracemo'-nos ainda  
Por ésta vez, que ainda somos livres.  
Ai! talvez ámanhan não poderemos  
Fazê-lo ja — sem nos acharmos ambos  
No vergonhoso amplexo d'um escravo.  
Que disse eu! ámanhan... ah, porventura  
Este sol que ahi nasce é o derradeiro  
Que luz sôbre a romana liberdade.

**Sempronio**

Confias pouco nos supremos deuses.  
Teu venerando pae, suas virtudes  
Inda nos restam.

**Porcio**

Ah! meu pae como hade  
Resistir so por si á conjurada

Fôrça de homens e fados? É so elle  
 Na terra, — e a terra toda é ja de Cesar.  
 Suas nobres tenções hãode ir ao cabo,  
 Sua constancia ferrea não vacilla ;  
 Morrerá, porém livre. Mas nem todos  
 Com a alma de Catão os dotou Jupiter.

**Juba**

E quem tam vil será ?

**Porcio**

Não sei : mas vagam  
 Entre as cohortes dissenções, murmúrios...

**Juba**

Mas não entre os meus Numidas. — Se fosse...

**Porcio**

Não, príncipe ; a vileza em nossos dias  
 Toda é romana. Ha traidor occulto  
 Que anda excitando esses quebrados restos  
 Das legiões de Pompeu á rebeldia.  
 Quem elle seja ignora-se...

**Sempronio, á parte**

A seu tempo

O saberás.

**Porcio**

Que dizes ?



**Sempronio**

Nada: — indigna-me,  
Custa-me a crer que exista um monstro...

**Porcio**

Existe.

E incoberto, inda mal! Porém que importa  
Seu machinar, suas trações j'agora!

(Vão passando alguns senadores, que entram pelo portico)

Ahi vão concorrendo á humilde curia  
Essas tristes reliquias de Pharsalia  
A que ainda senado appellidâmos...

**Juba**

Appellidaes... que dizes! — Toda a pompa  
Triumphal de Roma, todo o brilho antigo  
De sua glória, ao senado nunca deram  
Tam solemne realce e majestade  
Quanto a presença de Catão. — Seu nome,  
Seu nome so é como um sêllo augusto  
Que, a despeito dos numes, sanctifica  
A causa que elle abraça; — é fôrça ingente,  
Antemural onde o impeto se quebra  
De tantos, tam vaidosos inimigos.  
Quem pôde ouvi-lo, vê-lo so, e n'alma  
Não sente um religioso terror sancto,  
Que opprime e eleva, humilha e exalta o ânimo  
Como o aspecto de um nume? É Roma inteira,  
É o terrível deus do Capitolio,

O Genio de Quirino que está n'elle,  
 E deante do qual o proprio Cesar,  
 Cesar á frente de hostes invenciveis,  
 Suberbas da conquista do universo,  
 Cesar triumphador treme e vacilla.  
 Ah, se em vez de me dar barbara patria  
 N'estes certões inhospitos da Libya,  
 Me outorgaram os ceus nascer Romano ;  
 Se, como tu, podesse, ó caro Porcio,  
 Chamar-lhe pae! — Não ha maior ventura  
 Que possam numes conceder na terra.

**Porcio**

Teu coração, amigo, te compensa,  
 Nova patria te dá. Nascer Romano  
 É glória so quando estremados feitos,  
 Quando virtude austera desimpemham  
 Nome — que foi tam nobre... e hoje! — Principe,  
 Do vicio a nódoa, as máculas do crime,  
 Não as podem lavar do Tibre as águas.

**Sempronio, á parte**

Não posso ouvi-los mais. (Alto) Meu Porcio, deixo-te:  
 Não tarda que o senado se convoque.  
 D'esta sessão solemne e derradeira  
 Depende tudo. Adeus! É necessario  
 Incitar uns, suster a vacillante  
 Virtude de outros. — Principe, o teu nobre  
 Esfôrço e coração Roma precisa

N'esta hora de perigo—extrêma... a última  
 Talvez! — porêm amigos como Juba  
 N'esta hora é que se acham.

**Juba**

Não duvides  
 De mim, Romano. O sangue não vingado  
 De meu pae inda ahi está revendo fresco  
 Deante de meus olhos. Na orphandade  
 Tua patria me adoptou; tua patria é minha.  
 Aomenos para dar por ella a vida,  
 Roma é tam minha como tua.

## SCENA VI

PORCIO, JUBA

**Porcio**

Juba,  
 Que tens, que tam severo respondeste  
 Ao senador? Tam triste e pensativo  
 Fitas no chão os olhos carregados;  
 Em que meditas?

**Juba**

Eu? — Na mal-azada,  
 Pouca ventura minha, que me trouxe  
 Á situação penosa em que me vejo.  
 Porcio, tu — tu conheces a minha alma;  
 Mas elles não. Suspeitam-me, duvidam

Da minha fe : extranho sou, um barbaro  
Entre vós.

**Porcio**

Entre nós, tu, Juba! — Ingnas-te:  
Amam-te, querem-te, honram-te. Não ouves.  
Meu pae como te falla, quantas vezes  
Te chama filho?

**Juba**

Teu pae, sim : oh, esse  
É o maior dos homens, o mais nobre,  
Mais generoso; mais leal. Mas, Porcio,  
Quantos Catões ha em Roma? — Este Sempronio  
Desconfia de mim.

**Porcio**

Elle!

**Juba**

As palavras

Que me disse ao partir... Não reparaste  
Como fallou de amigos, da arriscada  
Hora do p'riço?

**Porcio**

Qué! interpretaste

O seu dizer assim? — Não dês, amigo,  
A vans suspeitas attenção funesta.  
Assás, principe, assás nos sobram causas  
De dor e de afflicção. Ai! todo o esforço,  
Toda a virtude de Catão não bastam  
Para suster o péso do infortunio.

E que póde elle so contra a torrente  
 D'um povo inteiro, uma nação d'escravos  
 Que humildes correm a accurvar-se ao jugo!  
 Em Utica encerrado, triste chefe  
 D'um exército frouxo e destroçado,  
 O que hade elle esperar, — que nos sobeja  
 D'essa van sombra de senado e Roma?

**Juba**

Sobeja-nos Catão: e é muito ainda.

**Porcio**

É muito: — porêm quanto hade durar-nos!  
 Vamos, amigo, vamos, que a hora chega,  
 Ve-lo entrar para a curia. Aproveitemos  
 Esta occasião de contemplar ainda  
 Mais uma vez aquella face augusta  
 Reverberando toda a majestade  
 Da extincta Roma, — e ouvir o som tremendo  
 D'aquella voz que, em meio do senado,  
 Troa como echo d'essa voz divina  
 Com que a nossos avós salvou da infamia  
 Jove Stator. — Como o severo aspecto,  
 Tam severo e tam placido! — me infunde  
 Respeito e amor! — Disseste bem, meu Juba:  
 Feliz a quem tal pae os deuses deram!  
 Mas... ai de mim! oh, que presagios negros  
 Me agoira o coração no sobresalto  
 Com que me anceia, n'estes baques rijos,

Desincontrados que me dá no peito  
Co'a so lembrança, a idea de perdê-lo!  
Prouvesse aos deuses immortaes que ao menos  
Adeante eu vá,—nem veja o sacrificio  
Que nas aras da patria... Indigna Roma,  
E meréce-lo tu?—Eternos deuses,  
Como soffreis que o vicio, o crime, a infamia  
Reinem sos, coroados do perjurio,  
Na avassallada terra!—Amigo, vamos:  
Seja maior que a mágoa o soffrimento;  
De atormentar-nos se invergonhe o fado;  
E se cumpre ceder, cahir co'a patria,  
Caiamos sim, mas homens, mas Romanos.

## ACTO SEGUNDO

Interior delapidado de antigo edificio barbarico,  
preparado para a convocação do senado

### SCENA I

CATÃO, MANLIO, MARCO-BRUTO, SEMPRONIO,  
LICTORES, SENADORES

Vão entrando os senadores e tomando seus assentos, que estão dispostos em semicirculo.— Depois de breve espaço, Catão precedido de lictores. Os senadores se erguem para o saudar. Permanecem todos em silencio por algum tempo. Catão levanta-se para fallar ao senado, e se lhe inclina.

**Catão**

Padres de Roma, augustos senadores,  
Da patria moribunda unico apoio,  
Quanto inda folgo de vos ver unidos,  
De contemplar em vós esses Conscriptos  
Que de sôbre o tremendo Capitolio

Repartiram os fados do universo,  
E aos reis vencidos, ás nações prostradas  
Deram co'a espada leis, co'as leis virtudes!  
Permitti que a minha alma se demore  
N'estas ideas de passada glória:  
Ah, quem sabe se é ésta a vez extrêma  
Que me é dado ante vós o recordá-las,  
E a derradeira vez góso a ventura  
De olhar-vos junctos e vos ver Romanos!  
Sim, ó Padres, assás glória e renome  
Coube a nossos avós; maior nos cabe,  
(Não duvideis) maior nos cabe ainda.  
N'este humilde logar, entre estes muros,  
Quasi cercados de armas inimigas;  
Sôbre nossas cabeças cada instante  
Vendo troar da tyrannia os raios;  
Sem accurvar ao péso do infortunio,  
Unidos inda pela voz da patria...  
O senado de Roma é mais augusto.  
— Ésta patria, ésta Roma o seu destino  
De vós espera agora: a vós incumbe  
Decidir de seu fado.— Cesar chega:  
Um exército..., (sim, o horror do p'rito  
Dissimular não cumpre a vossos olhos,  
Nem diminuir o péso ao sacrificio)  
Um exército forte, victorioso,  
Formidavel o segue. Escassas, debeis  
São nossas fôrças, fracos os reparios,  
Attenuados os muros.— Que nos resta!



Que nos convem fazer? Como devêmos  
 Tractar esse homem temerario, ardido,  
 Ambicioso, insaciavel?—A fortuna  
 Tem coroado seus crimes com victorias.  
 —Desculpae-me o avivar chagas que sangram,  
 Recordar os horrores de Pharsalia!  
 Esse dia fatal lhe intregou Roma,  
 E a morte de Pompeu o Egypto e o Nilo.  
 Juba, Scipião cahiram por seu ferro...  
 Inda fumma talvez a areia ardente  
 Da Numidia, insopada em sangue fresco;  
 E no vasto silencio do deserto  
 Inda arquejam talvez corpos romanos.  
 Não ha sangue que o farte, não ha crime  
 Que o detenha: seu carro de triumpho  
 Não impeça nos montes de cadaveres  
 Que lhe juncam a estrada. Fique o mundo  
 Todo um sepulchro, um so moimento a terra...  
 Mas reine elle senhor sôbre esse tumulo.  
 —A cubiça de imperio que o devora,  
 Que lhe incha o coração, lhe rala o peito,  
 Té os mesquinhos areaes estereis,  
 Estes plainos torrados, infructiferos (pausa)  
 Da Libya nos inveja. —Agora, ó Padres,  
 Dizei: qual é vossa alma, as tenções vossas?  
 Inda ousais defender a liberdade?  
 Firmes em acabar primeiro que ella,  
 Inda ousais preferir a morte honrada  
 Ao jugo, á escravidão?—ou ja cançados,

Fatigados do péso do infortunio,  
 Baixos os corações, curvos á sorte, (pausa)  
 Dispostos vos sentis a?...—Bruto falle.

**Marco-Bruto**

Eu voto a guerra.—E guerra so nos cumpre.  
 Nada nos resta mais, bem sei, que o ferro,  
 Amontoadas legiões Cesar commanda;  
 Mas a espada que temos é romana,  
 Mas as legiões que o seguem são de escravos:  
 E póde um cidadão tremer ante elles?  
 Poucos somos: mas livres, mas ousados.  
 No furor da peleja, quantas vezes  
 Um so braço bastou a decidi-la?  
 E quantas foi um golpe venturoso  
 Longas victorias desmentir n'um dia?  
 Tem uma vida so, como os mais homens,  
 (Se homem podeis chamar-lhe) esse tyranno.  
 Cesar... Ah! co'este nome em vossos peitos  
 Não ferve a indignação, não pulla o odio?  
 Não ouvis esses manes insepultos,  
 Cujos honrados, venerandos corpos,  
 Pasto deixado nos areaes da Lybia  
 Foram aos monstros do aspero deserto?  
 Não lhe ouvis os clamores de vingança:  
 Mais de metade do senado augusto,  
 De que vós so restais, la jaz com elles;  
 E este mesmo senado inda duvida,  
 Pausado agita, frio delibera

Sôbre a causa da patria... Ah; não, ó Padres,  
 Não vale em lances d'estes a prudencia,  
 So produz enthusiasmo as acções grandes.  
 Ei-los, nossos irmãos, sagradas victimas,  
 Ei-los bradando de Pharsalia ainda!  
 Que as chagas rôxas do rasgado peito  
 Nos apontam, nos mostram, nos excitam!  
 Vêde-a, do gran'Pompeu a sombra inulta,  
 Vêde-a, como nos fita despeitosa,  
 Como a troar da maldicção os raios  
 Quasi prompta... Ah! mas vós, vós sois Romanos:  
 Em vossos corações ja vejo a patria,  
 Ja leio em vossos olhos a victoria.  
 Senadores! romanos senadores  
 Vós sois:—á vante, eia á vante, ó Padres!  
 Não aguardemos que o inimigo ousado  
 Venha em nossas muralhas atacar-nos;  
 Vamos nós mesmos, nós, o ferro em punho,  
 Por entre essas indomitas phalanges  
 Longa abriremos sanguinosa estrada...  
 Se não para a victoria que nos foge,  
 Á glória ao menos de expirar Romanos.

### Catão

Bruto, esse furor não é romano.  
 Cumpre esforço, valor, constancia rigida,  
 E não temeridade. Co'as extrêmas  
 Do vicio intesta a raia da virtude:  
 Pôz-lhe eterna barreira a natureza;

Mas não a vê o que vendado corre  
De paixões cegas;—passa, e não conhece  
Os prescriptos limites;—confundindo  
Vícios, virtudes, indiff'rente os segue  
O espirito agitado; e em seu delirio  
Crimes perpetra por acções de glória.  
Discriminá-los, e a face augusta  
Da virtude estremar do vicio occulto,  
Obra é so da razão, so ella o ensina.  
O nobre enthusiasmo, o patriotismo  
Que, audaz mas firme, ardido mas prudente,  
P'rigos não busca — mas não teme os p'rigos,  
Raios não troa — mas não teme os raios,  
Este valor, ó Marco, ésta ousadia  
Foi a dos Scipiões, era a dos Fabios,  
Ésta é so da Razão — e so romana.  
—Esses nossos romanos companheiros  
De tanta cicatriz innobrecidos,  
Que a espada tantas vezes impunharam,  
Tanto sangue verteram por seguir-nos,  
Por defender da patria a sancta causa,  
De suas vidas acaso a mesma patria  
Não nos confiou a nós cuidado e guarda?  
E iremos nós, mais barbaros que Cesar,  
Arrojar-lhe ás suas hostes famulentas  
Esses poucos fieis — como repasto  
Dado a feras no circo! — Iremos impios  
Dar-lhe a beber á fraticida espada  
O puro sangue civico Romano!

E Roma que dirá?—com que justiça  
 Não clamará que, barbaros e insanos,  
 So nos guiou phrenetico delirio;  
 Que prodigos do sangue de seus filhos,  
 Vaidosos, sem piedade o derramámos  
 Por fazer nossa quéda mais brilhante?  
 Que nossa morte—sacrificio inutil  
 De pompa van, de fasto espediçado,  
 A de mil cidadãos custou á patria?  
 Não, Padres, não vos cegue o falso brilho  
 D'esse heroismo vão: sejamos homens,  
 Que homens fomos primeiro que Romanos.  
 —Manlio, os teus sentimentos livremente  
 Expõe agora.

**Manlio**

A grandes desventuras  
 Nos reservaram despiedosos fados.  
 Infeliz quem, no choque tumultuario  
 De civis dissensões, o pôz a sorte  
 Ao mui difficil leme do govérno!  
 N'esse arriscado, perigoso impenho  
 O menor dos desastres é a morte:  
 Das marulhosas vagas açoutada  
 Sossobra a nau do Estado; e é fôrça em breve,  
 Se lhe não accalmar contrário vento,  
 Nas sorvedouras syrtes affundir-se.  
 Embora impregue sabedoras artes  
 O piloto infeliz; que hãode imputar-lhe,  
 Hãode fazer-lhe das desgraças—crimes.

Erra de orgulho, cega de vaidade  
Quem presume guiar com mão certa  
O tropel desvairado e tumultuario  
D'uma revolução. Rebenta subito  
Em turbilhões torrente impetuosa,  
Que arrastra e leva planos e projectos,  
E, co' o homem que os urdiu, os roja ao abysmo.  
Confesso, ó Padres; timida a minha alma  
Não fita sem horror tam negras scenas.  
Pela patria morrer sei que é virtude:  
Mas pede Roma a nossa morte?  
Póde-lhe ella atrazar um so momento  
A inevitavel quéda? o nosso sangue,  
No mar da escravidão gotta invisivel,  
Adelgaçar-lhe os ferros que a agrilhoam?  
Derrubando as columnas vacillantes  
Que o edificio ruinoso escoram  
Da patria liberdade, — essas ruinas  
Não desabam mais presto ao precipicio?  
Co'a nossa morte Cesar satisfeito  
Hade a espada embainhar, depor o sceptro?  
Ser-lhe-hão degraus para descer do throno  
Os cadaveres nossos? Não, ó Padres:  
De taes futuros não me illude a esp'rança.  
Pésa a severa mão d'alta justiça  
Sôbre o orgulhoso collo dos Romanos:  
Da nossa liberdade o altar cruento  
Na alheia escravidão foi cimentado;  
Livres, fomos lançar grilhões ao mundo,

E temerosas Aguias desferiram  
O vôo assustador, do Capitolio,  
Ao sôpro da ambição. São esses ferros  
Com que os povos da terra agrilhoámos  
Que hoje revertem para os nossos pulsos.  
Tarde ou cedo reduz justo castigo  
Povo conquistador a povo escravo:  
E sempre... Mas, o horror de nossos crimes  
Basta de recordar: cumpre ameigar-lhe,  
E não exacerbar da patria as dores.  
Cesar vence e triumphá; e ao mundo inteiro  
Utica resta so. E Utica póde  
Salvar o mundo? Não.— Aligeirar-lhe  
A certa escravidão? Sim: póde, e deve.  
No naufragio geral, uma so tabúa  
Que se possa afferrar, conduz ás vezes  
(Embora moribundo) á praia o nauta;  
E o que fiou dos braços vigorosos,  
Experto nadador, sua esperança,  
Mais vezes inda, cança, esvai-se e morre.  
Toca-vos escolher. Voto que a Cesar  
Se invie legação, paz se proponha:  
Vejam se um tractado póde ainda  
As reliquias salvar da liberdade;  
Ou antes — imbotar á tyrannia,  
Pouco que seja, o gume assacalado.  
É morta Roma, sim, morta de todo:  
Aos filhos orphams, salve-se-lhe ao menos  
Um retalho siquer da patria herança.

**Marco-Bruto**, Que tem dado signaes de grande impaciencia  
durante a falta de Manlio

Acabaste?

**Manlio**

Acabei.

**Marco-Bruto**, Tirando um punhal do seio

Ves este ferro!

Romanos como tu igual resposta

De mim so levam...

**Catão**, Levanta-se e todo o senado

Temerario! um ferro

Arrancas no senado! Este é o respeito

Que lhe guardas! Assim a majestade

Acatas da republica!—Lictores,

Expulsae o insensato que profana

Tam sagrado lugar.

**Manlio**

Eu lhe perdoo...

**Catão**

Mas não perdoa Roma. Nas cohortes

Como raso soldado seja inscripto:

Sob o centurião, em dura schola

Milite e apprenda—emquanto, mais de espaço,

O castigo cabal dar a seu crime

Á curia não appraz.



~~Manlio, Bruto.~~

Humilde ob'deço

Às ordens de Catão.

Catão

Às do senado.

## SCENA II

CATÃO, MANLIO, SEMPRONIO, SENADORES, ETC.

**Manlio**

Impetos juvenis! — a alma de fogo  
O cerebro lhe escalda.

**Catão**

Manlio, agora

Ja nos não ouve Bruto... — Tu pretendes  
A ti proprio illudir-te. Baloçando  
Do precipicio ás bordas escarpadas,  
Não lhe ves todo o horror. Ja vais de rôjo  
Pelo despenhadeiro, e cuidas inda  
No meio da cahida segurar-te?  
Inganas-te: deludem-te vãos sonhos,  
É uma, é uma so a liberdade,  
Indivisivel sempre: se um so ponto  
Roubar-lhe intentas, — ella que te foge  
Para mais a não ver. Roma, tu dizes,

Não quer a nossa morte. Não, porcerto.  
Porém que idea formas tu da vida?  
Vivem acaso em ferros os Romanos?  
Não morre o homem quando vive o escravo?  
E quem te diz que o orgulho do tyranno,  
Que imagina um dom seu deixar viver-te,  
Não hade n'algum' hora de capricho  
Infastiar-se da d'adiva? e a um aceno  
Do ferreo sceptro está contigo a morte.  
E vida tal, appreciá-la podes?  
Tam precaria, miserrima existencia  
Vale o momento de morrer com honra?  
Votas que a Cesar legação se invie:  
Quero que a accete, quero que inda possas,  
Co'esse phantasma vão de um vão tractado,  
Salvar isso que chamas as reliquias  
Da nossa liberdade. Que cegueira!  
Libras sôbre a palavra d'um tyranno  
De liberdade esp'ranças? Tu confias  
Thesouros de valor nas mãos do avaro!  
Que fe póde guardar quem fés quebranta?  
Que tractados manter quem leis despreza?  
Roma não tinha leis quando Tarquinio  
De cidadãos Romanos fez escravos?  
Phantasmas esses são de liberdade  
Que, nem phantasmas, mais do que horas duram:  
Todo o veo da illusão se rasga em breve;  
Cai-lhe o postiço manto mal seguro,  
E em todo o horror da morte se descobre

Da escravidão o livido squeleto.  
 Não, de remedios taes eu não confio;  
 Ou liberdade, ou morte.— Este é o meu voto.

**Sempronio**

Ou liberdade ou morte!—é voto unanime  
 Do senado. Romanos somos todos:  
 E que Romano a discrepar se atreve  
 De tua sentença, de teu nobre voto,  
 Ó Catão? Tu es a alma da republica,  
 O genio que preside a seu destino.  
 Tu, salvador magnanimo da patria,  
 Confusão de perversos, de traidores,  
 Flagello de tyrannos, tu decide,  
 Dispõe de nós: em tuas mãos se intregam  
 Estes poucos fleis, que irão contentes  
 Por ti, contigo, té o extremo, á morte.  
 Tu faze, tu governa: em tua dextra  
 Poderosa o senado põe a esp'rança  
 E a auctoridade toda da republica.  
 Senadores, não é este o consenso,  
 O desejo, o voto último e concorde  
 De quantos somos pela patria ainda?

**Catão**

Não é o meu.

**Manlio**

Nem o meu.

**Sempronio**

É o de nós todos.

**Muitos senadores**

Todos!

**Catão**

Padres, ouvi-me. Estes momentos,  
Que temos de conselho, valem seculos,  
Não são de desperdiçar. De dictadores  
Temos sobejo poragora em Cesar.  
Prouvesse aos deuses immortaes que a fôrça  
Dos que se oppoem á auctoridade illicita,  
Usurpada de Julio, tal crescesse  
E tanta, que mister nos fosse ainda  
D'essa magistratura formidavel,  
Que a miudo salvou, que salvar póde,  
E póde destruir a liberdade,  
Que a anniquilou emfim! Em nosso triste,  
Desamparado, des'esperado estado,  
Crear um dictador fôra... de mofa,  
De escarneo — e proprio objecto para o riso  
De nossos inimigos, — do universo,  
Que os olhos tem cravados n'estes muros,  
N'estes rotos pardeiros que muralhas  
Foram d'Utica. — Falla, honrado Manlio:  
Tua sentença não é a minha; oppostos  
São nossos votos; serão sempre unidos  
Nossos principios. — Tu não julgas inda  
Necessario escolher entre os dous termos,

De morte ou liberdade. Embora ! oicamos :  
Expõe teu voto : um parecer contrário  
Não offende a Catão ; e é honra, é glória  
Ser contestado pela voz de Manlio.

### Manlio

A minha voz, Catão, tu bem o sabes ;  
A minha voz, o meu sincero impenho,  
Todo o meu coração é pela patria,  
É pela liberdade. Ah ! este braço,  
Que ora treme de velho, ja foi rijo  
E pelejou por ella.— Mario, Sylla,  
Catilina me viram sempre á frente  
De seus mais resolutos inimigos.  
Ésta lingua, que mal hoje articula  
Ineloquentes sons, ja deu mais forte  
Brado na curia ; nem se ouviu meu brado  
N'outra causa senão da liberdade.  
É trémula hoje a voz, trémulo o braço,  
Mas em Pharsalia não tremiam...—Padres,  
Desculpae, perdoae—um derradeiro  
Lampejar de decrepita vaidade...  
Que fiz eu ? o que todos vós fizestes ;  
Menos, que menos arrisquei por certo.  
Poucos dias de vida inférma e inutil,  
Que me sobram na terra, é sacrificio  
De preço vil e abjecto. Orpham de prole,  
So, deixado n'um êrmo ao pé da campa,  
Que hostia sou eu para o altar da patria ?

Serve assim mesmo o sacrificio? Prompto  
 Aqui está todo o sangue: pouco, frio,  
 Sem vida é ja, mas de vontade e facil  
 Hade deixar as congeladas veias.  
 Cuidais que por mim fallo, que me importa,  
 Que me pèza das horas minguadas  
 Que hade cercear-me o ferro do tyranno?  
 Não, Padres: é por vós, é pela patria  
 Que fallo, peço, que supplico, imploro:  
 Não pereçais em sacrificio inutil.  
 Vossos dias—e os teus, glória de Roma,  
 Esplendor derradeiro de seu nome,  
 Catão, esses teus dias preciosos,  
 Oh, não os barateies tam sem fructo!  
 Cesar teme, respeita essas virtudes  
 Que adornam o mais digno dos Romanos.  
 Tu podes inda ser o amparo, o abrigo  
 Da abandonada patria. A liberdade  
 Acabou: mas seus filhos desherdados,  
 Foragidos, caçados como feras  
 De serra a serra, e do povoado ao monte,  
 Hasde desemparrá-los, quando podes  
 Alliviar-lhe as penas, protegê-los,  
 Ser-lhes pae?... Oh! não posso mais... succumbe  
 O coração tam velho á mágoa, ao... (senta-se)

Catão

Nobre

Coração é o teu — e generoso,

Que as nobres qualidades d'elle imprestas  
A quem não sabe, nunca soube a têmpera  
De que taes corações são fabricados.  
Cesar não tem mais sentimentos n'alma  
Que um so,—desejo de podêr. De affectos,  
De paixões de homem, uma so lhe absorve  
As outras todas—ambição. Virtudes,  
Crimes, feitos de infamia ou de honra, o cego  
Não distingue; nem crê o impio em deveres,  
Em virtudes, em leis de homens ou deuses.  
Finge (e fingir sabe elle) esse respeito,  
Esse amor de acções nobres e de glória.  
Aonde viste que ao podêr supremo  
Subisse usurpador sem o cortejo  
Da hypocrisia?—Ama-me, diz elle;  
Respeita-me, crês tu!—Quizesse o fado  
Dar-me vivo em suas mãos... (vivo não hadè)  
E verias ao carro maniatado,  
Jungido como um barbaro captivo,  
Esse Catão cuja amizade o perfido  
Tanto finge buscar.—Virá o dia  
De seu triumpho: ve-lo-ha Roma: e o pejo  
Fara suar no marmore as estatuas  
Do Capitolio. Fabio, Cincinnato,  
E tu, ó gran'Censor! —mais que essas brutas  
Pedras em que os Romanos se tornaram,  
Vossas imagens sentirão a affronta,  
Quando a minha —levada em pompa infame  
Deante do vencedor... (Silencio geral)

Padres, viemos  
 A este conselho por mais alto impenho,  
 Para maior objecto. Desviaram  
 Prevenções generosas de amizade,  
 De mui cega amizade—para um tenue,  
 Inconsid'ravel, minimo interêsse.  
 Senadores, da patria é que se tracta,  
 Da liberdade, e do que nos incumbe  
 Fazer por ambas n'este caso extrêmo.  
 Fallae:— Manlio e... Sempronio...

**Sempronio**

Guerra, guerra,  
 E liberdade, emquanto ha sangue a dar-lhe!  
 E Catão dictador: meu voto é este,  
 Foi e hade ser. Inutil imbarço  
 É um senado aqui, deliberando  
 Entre armas e combates...

**Manlio**

E quem trouxe  
 Para aqui o senado? Quem, Sempronio,  
 Quem declamava mais entre as cohortes  
 Contra esse a quem agora generoso  
 A dictadura off'reces? Quem bradava  
 Que estes poucos, dispersos senadores  
 Se deviam juntar, e pôr limites  
 Á auctoridade de Catão, que a ôlho,  
 Dizia tu, crescia desmandada



E ameaçava a republica? Tu foste;  
 Tu, Semprenio, e teus garrulos clientes.  
 Convocou-nos esse homem suspeitoo,  
 Esse Catão que...

**Catão**

Eu te rógo, amigo;

Manlio, basta.

**Manlio**

Não temas: serei breve;  
 Conter-me-hei.—Viemos, consultámos,  
 Deliberámos; e o podér supremo  
 Quinhoámos entre nós; commum a todos  
 Nos foi a glória da tenaz contenda,  
 D'esta longa, porfiada resistencia  
 Que eterno hade fazer o nome de Utica.  
 Spontaneos, voluntarios, a nós propios  
 Nos constituimos em senado e curia;  
 E á nossa auctoridade submettêmos  
 Milhares de homens!—Voluntarios, digo,  
 Viemos ao perigo—e, emquanto longe,  
 Governámos senhores, respeitados,  
 Como no Capitolio obedecidos.  
 E havemos agora—oh vil, indigna  
 Proposição, de proferir covarde,  
 Affrontosa de ouvir!—e agora havemos  
 Nós mesmos, nós, quando mais perto arrocha  
 O laço do perigo—o péso grave  
 Que espontaneos tomámos, arrojá-lo  
 Ao chão, sem pejo!—ou—que tanto vale,

Descahir co'elle todo sôbre os hombros  
 Do Atlante a quem vaidosos não quizemos  
 Confia-lo atéqui? Tal fôra a mancha  
 Da acção vil, que nem todo o nosso sangue  
 A deliria no porvir da historia.  
 Não, senadores; não cubrais de infamia  
 Os ultimos instantes do senado.  
 Minha opinião sabeis: persisto n'ella:  
 Se for possivel transigir com Cesar,  
 Pactuar sem desaire, e poupar sangue;  
 Faça-se. Mas fugir covardemente,  
 Desertar, como transfugas, do pôsto  
 Que escolhemos!... Pereça a idea ignobil,  
 E pereçamos todos: reine Cesar,  
 Reine, — mas seja so por crimes d'elle.

### SCENA III

CATÃO, MANLIO, SEMPRONIO, PORCIO,  
 SENADORES, ETC.

Porcio

As portas da cidade se appresenta  
 Um legado de Cesar: pede audiencia.

Sempronio

De Cesar!

Manlio

Ó Catão, talvez nos traga  
 Honrosas condições de paz: atende-o.

**Catão**

Ou traga paz ou guerra, entre e se escute.

**SCENA IV**

**CATÃO, MANLIO, SEMPRONIO, SENADORES**

**Sempronio**

Queres ouvi-lo?

**Catão**

E porque não?

**Sempronio**

**Discorda**

Condescendencia tal de teus principios.

**Catão**

Principios meus! — Os da razão so tenho.  
É dever escutar os homens todos.

**Sempronio**

Um tyranno tambem!

**Catão**

**O fanatismo**

Está mais longe ainda da virtude  
Do que todos os vicios. E se unida  
A hypocrisia lhe anda...

**Sempronio**

Não mereço

Que tam feia suspeita. . .

**Catão**

Não mereces,

Tens razão,— não mereces nem suspeitas.

### SCENA V

CATÃO, MANLIO, SEMPRONIO, DECIO *com cortejo,*  
SENADORES, ETC.

**Manlio**

É Decio o embaixador.

**Catão**

Quem?—Oh vergonha!

Decio, um homem equestre!... Vista indigna!

**Decio**

A Catão, saudar Cesar envia.

**Catão**

Catão não vejo aqui, vejo o senado.

Eu Cesar não conheço.

**Decio**

O invicto, o grande

Triunphador do mundo a ti me envia.  
 Suas hostes em frente d'estes muros  
 O signal so aguardam da peleja...  
 Antes o da victoria. Mas tal preço  
 Tem Catão a seus olhos, tanto adora  
 O dictador magnanimo as virtudes  
 De seu grande inimigo, que estremece  
 Pela primeira vez, — e mal se atreve  
 A seguir a fortuna que o precede.  
 Deante do teu, seu genio acovardado  
 Vacilla: — teme o vencedor da terra  
 De ficar vencedor! Tal é o zêlo,  
 O impenho com que, á custa de seus louros,  
 Quêr salvar os teus dias preciosos.  
 No rendido universo tu somente  
 Lhe resistes: e a grande alma de Julio  
 Com tal competidor se insuberebece.  
 Virtuosa vaidade, ambição nobre!  
 Triumphar de Catão, Cesar deseja,  
 Mas não co'a espada. Generoso outorga  
 Aos companheiros teus, por teu respeito,  
 Amnistia geral: dadiva tanta  
 Por condições so tem — 'Catão amigo.'

**Catão**

Disseste ?

**Decio**

Disse.

**Catão**

**Julio nada envia:**

A dizer ao senado ?

**Decio.**

Nada.

**Catão**

Parte.

**Decio**

Catão, ouve um momento. Os teus amigos  
Queres sacrificar ? Queres tu mesmo  
Desafiar do vencedor as iras ?  
Quando elle generoso vem propor-te  
O sancto bem da paz, nem ouvir queres  
As condições ?

**Catão**

As condições são éstas :

Desarme as legiões, deponha a purpura,  
Abdique a dictadura ; á classe torne  
De simples cidadão, e humilde aguarde  
A sentença de Roma.—Então eu proprio,  
Quanto inimigo fui, cordeal amigo,  
Seu defensor serei. **Jamais** no fóro,  
No senado se ergueu meu brado austero  
Para defender crimes :— e a tal crime  
Como o d'elle, Catão será patrono.  
Se-lo-ha : por elle subirei aos Rostros,  
E heide pedir, rogar, supplice, humilde,

Impenhar quanto sou e valho em Roma,  
E alcançar-lhe o perdão, volvé-lo á patria.

**Decio**

Mas ve que...

**Catão**

Nada vejo.

**Decio**

Acaso ignoras

Quem Cesar nomeou á dictadura?

Que o senado de Roma?...

**Catão**

Esse senado

É vil rebanho dos mais vis escravos:

Nem ás margens do Tibre existe Roma.

Eu e os que ves, nós somos o senado:

E em nossos corações é que está Roma.

Dizei, ó Padres: ao tyranno Cesar;

Guerra votais ou paz?

**Todos**

Guerra.

**Catão**

Ouviste?

**Decio**

E vós, que vos dizeis os paes de Roma,

Os dias de Catão em nada os tendes!

Tam preciosa vida:...

**Catão**

A minha vida  
É a vida de Roma; e os meus dias  
Vincularam os ceus aos dias d'ella.

**Decio**

E tu, Manlio, tambem! — Tu moderado,  
Prudente, e cedes ao impulso louco  
D'esta cegueira!

**Manlio**

Cega é a honra, Decio?  
Que condições de paz trouxeste? Ignobil,  
Indulto vil do vencedor soberbo.  
Quaes crimes nos perdoa? O amor da patria,  
A lealdade a Roma? — Que fianças  
Da vida de Catão nos dá? — Fui sempre  
Eu aqui o advogado da paz; — unico  
Na curia fui, e persisti: mas hoje,  
Agora, a minha voz foi a primeira  
Que bradou guerra — e bradará constante  
Emquanto houver de optar entre as desgraças  
Da guerra — e a infamia de tal paz.

**Decio**

Embora!

Minha mensagem dei. Cesar perdoa,  
Mas não a ingratos. Chorá-lo-heis já tarde.

**Sempronio**

E com que audacia tu, com que soberba .



Contas assim tam certo co'a victoria?  
 Fallas com tal despejo, tam seguro  
 Como se a todos nós ja sôbre o campo  
 Viras extinctos, ou nós ferros torpes  
 De teu feroz senhor maniatados.  
 Ja supplices nos crês aos pés de Cesar?  
 Ja por escravos teus nos imaginas?  
 De nossas fôrças quem te disse o estado?  
 Temos armas, e braços de sobejo  
 Que essas temidas legiões rechassem.

#### Catão

Um Romano, Sempronio, nunca mente.  
 Decio, não temos nada: debeis, poucos  
 Moribundos soldados nos defendem.  
 Frageis muralhas entre nós e a morte  
 Intermeiam apenas. Pouco resta  
 Para a espada de Cesar. Mas não julgues,  
 Ainda assim, tam facil a victoria.  
 Emquanto a dextra segurar um ferro,  
 Emquanto a voz não fenecer nos labios,  
 Emquanto aqui não resfriar de todo  
 No sangue de Catão, de Roma o sangue...  
 —Terra e ceus a abandonem! —desvalida  
 Não ficará de Roma a liberdade.

Decio retira-se acompanhado de seu cortejo, e de soldados romanos e numidas. — Depois de breve espaço, Catão, precedido dos lictores, sai por outro lado: seguem-n'o os senadores todos.

# ACTO TERCEIRO

mesma vista do acto precedente

## SCENA I

MARCO-BRUTO, DECIO

**Marco-Bruto**

Não aporfies mais: eu não recebo  
Mensagens do tyranno.

**Decio**

Se souberas  
O que incerra ésta carta!...

**Marco-Bruto**

Incerre embora  
Os thesouros do mundo. Não a acceito. .

**Decio**

Marco, dá-me atenção—ao teu amigo...

**Marco-Bruto**

Amigo tu!

**Decio**

Outr'ora m'o chamavas.

**Marco-Bruto**

E quanto me inganei!

**Decio**

E eu que esperanças  
Não concebi de tuas virtudes!

**Marco-Bruto**

**Fallas**

Tu... fallas em virtudes!... tu!

**Decio**

**E pensa**

De Catão o discipulo orgulhoso  
Que a avara natureza os seus thesouros  
So os gastou com elle,—e desherdados,  
Para o inriquecer, deixa aos mais homens?

**Marco-Bruto**

Homens!... Homens sois vós?

Decio

Mui falsa idea

Fizeste da virtude: amena e doce,  
 Não aspera, selvagem, desabrida,  
 A crearam os ceus; ao peito humano  
 Foi dadiva e mercê, não foi castigo.  
 Tua philosophia arida, abstrusa,  
 Não corrompe talvez — porém desseca  
 O coração, e ao natural impulso  
 De ingenuos sentimentos substitue  
 Compressão de phantasticos preceitos.  
 Artificiaes virtudes são as vossas,  
 Não as que o sôpro dos eternos deuses  
 Influiu n'alma do homem. Marco, Marco,  
 A virtude é mais bella, mais formosa  
 Do que teus vãos philosophos a pintam.  
 Não é esse squeleto descarnado  
 Após o qual subis estereis montes  
 Por caminho de fragas, precipicios...  
 Chegais ao cimo — que encontráis? — deserta,  
 Desabrigada solidão de rochas,  
 Sem ~~uma~~ flor, um verdejar de relva,  
 Nem um pallido musgo que dê vida  
 Á cumiada esteril! — E essa é a meta  
 A que tendeis! É esse o Bem supremo  
 A que aspiram desejos, esperanças,  
 Trabalhos do homem!

Marco-Bruto

Decio, espedicaste

Em ruins ouvidos a arte parasita,  
Essa arte insidiosa, enganadora,  
Filha da escravidão e da baixeza,  
Que servos alcunharam de eloquencia.  
Eloquencia!— Não é:— os rebicados,  
Meretricios infeites com que se orna  
Seduzem, não convencem: cegam alma,  
Ao coração não chegam seus podêres.  
— Quando nossos avós, austeros guardas  
Da patria liberdade, se opposeram  
A que artes gregas na severa Roma  
Ousassem metter pé — esses Romanos  
Bem lh'entreviam a peçonha occulta  
Na apparente belleza. Adornos falsos  
A formosura natural impannam  
Da verdade, — da candida verdade,  
Que é per si bella e não carece de arte.  
Verdade era a eloquencia dos antigos  
Oradores latinos. Nunca ouviram  
Outra o senado, os turbidos comicios;  
Jamais emquanto Roma foi... romana.  
A Grecia, d'onde houvemos n'outro tempo  
Leis de ouro — a Grecia escrava e corrompida  
Já não tem Aristogitons, Harmodios  
Para Hipparcos romanos, nem Demosthenes  
Para nossos Philippes: avexada  
De proconsules crus (mercê latina,  
Dom de ferro, por tanto aureo presente  
De sciencias, de leis, que houvemos d'ella!)

Vinga-se como escrava, — propinando  
 A seus senhores o veneno lento  
 Que impeçonhou o sangue de Leonidas,  
 E a cuja virulencia nem resiste  
 O de Fabricio e Cincinnato. Inxames  
 De garrulos sophistas, de grammaticos  
 Vieram corromper a incauta prole  
 De Roma: seus theatros e palestras,  
 Seus livros, seus poetas e oradores  
 Affeminaram o viril aspecto  
 Da virtude latina. . . — Aos homens todos,  
 Deu-lhes um livro so a natureza,  
 O proprio coração.

**Decio**

E n'esse livro  
 Achas ferocidade uma virtude?

**Marco-Bruto**

N'uma palavra so — questões deixemos:  
 Essa carta é de Cesar? Não a acceito.

**Decio**

Ve o que fazes: libram n'éssta carta  
 Os futuros destinos dos Romanos.

**Marco-Bruto**

Como!

**Decio**

Ouve: de Catão (bem o conheço)

Temes a rigidez? Pois bem: a elle  
Vai tu mesmo levá-la: elle que a leia. (Entrega-lhe a carta)

## SCENA II

MARGO-BRUTO, só

A Catão... ésta carta...— E eu recebi-a!...  
Não me illudes, escravo; ei-la, que a rasgo.  
Que faço!... ella de Roma incerra os fados.  
Que importa! incerre os fados do universo:  
É do tyranno, rasgo-a...

## SCENA III

MARCO-BRUTO, CATÃO

Catão

Bruto?

Marco-Bruto

Oh deuses!

Catão

Que fazias aqui?

Marco-Bruto

Eu!—ésta carta...

Não a quiz — resisti — foi quasi á fôrça...  
Começada a rasgar...

**Catão**

A estes sitios  
Como ousaste voltar — com que licença?

**Marco-Bruto**

Ordens do centurião.

**Catão**

Que carta é essa!

**Marco-Bruto**

Decio...

**Catão**

Decio!

**Marco-Bruto**

De Cesar...

**Catão**

Que oiço!

**Marco-Bruto**

Ah...

**Catão**

Dá-m'a. (Lê)

*Cesaria Bruto. — O coração não soffre*



*Occultar-te mais tempo o arcano (oh deuses!)  
 Dos vínculos... que me unem (ceus!) a Bruto:  
 Tu... es... meu filho — Saberás o resto  
 Nos braços paternaes... Vem, vem, meu filho,  
 Ajudar-me a reinar sôbre o universo.*  
 (Silencio longo)

**Marco-Bruto**

Perfido, mente. Eu filho do tyranno!  
 Este sangue?...

**Catão**

É de Cesar. (Silencio longo.)

**Marco-Bruto**

Eu succumbo  
 Ao oppróbrio, á infamia. — Sangue este é de Cesar?  
 (Tira a espada)  
 Impossivel! Não é. — Todo aqui jorre  
 Na terra; e o coração desaffrontado  
 (Em acção de ferir-se)  
 Do sangue vil — romano expire ao menos.

**Catão, desarmando-o**

Filho!... Tu es meu filho. (Abraçam-se.)

**Marco-Bruto**

Pae!... Não; outro,  
 Deuses, deuses crueis! não podeis dar-m'o.

**Catão**

Sim, sim; eu sou teu pae: de tenra infancia  
 Como a filho (e que filho!) te amei sempre.  
 Eu te formei essa alma de Romano,  
 Que lagrymas... oh, lagrymas de gôsto  
 Me faz verter agora. De teus dias  
 Occultei o segredo emquanto pude...

**Marco-Bruto**

Qué! filho eu sou?...

**Catão**

De César. (Silencio.)

**Marco-Bruto**

Dá-me o ferro:

D'este sangue uma gotta, uma so gotta,  
 Não, não deve ficar sôbre o universo.

**Catão**

Basta; meu filho es, filho de Roma:  
 Teus paes são estes.

**Marco-Bruto**

Cesar...

**Catão**

É um monstro.

**Marco-Bruto**

Mas...

## Catão

O acaso não é crime. Escuta.  
 Ninguém ao despontar da juventude  
 Annunciou talentos mais brilhantes  
 Do que Julio mancebo. Na sua alma,  
 De romana grandeza, de virtudes  
 Desinvolvia o germe esperançoso  
 Que tam mal prosperou, que tanto soube  
 Illudir-nos, cegar-nos. O perverso  
 So se valeu dos lucidos talentos  
 Que em dom fatal lhe dera a natureza,  
 Para os fazer servir a seus projectos  
 D'avareza, ambição, de tyrannia.  
 Enquanto a van grandeza de sua alma  
 Nos fascinava os olhos, entretanto  
 Que de suas virtudes mentirosas  
 Nos deslumbra a candidez fingida,  
 Manhoça serpe no dobrado peito  
 A peçonha nutria de seus vicios;  
 No refalsado coração lhe ardia  
 A negra tocha de execráveis crimes.  
 Do popular favor ja precedido,  
 Caro a patricios, a plebeus acceito,  
 O idolo de Roma era então Cesar.  
 Todos n'elle agouravam firme esteio  
 Da patria, que d'então ja começava  
 A baixar de valor, cahir de glória.  
 Confesso, eu proprio me ceguei com elle:  
 Amei-o — amei-o tanto como a filho.

Qual o meu coração, minha pousada  
 Franca sempre lhe foi — E o monstro... o monstro  
 Fingia amar-me ; parecia, ao vê-lo  
 Nomear-me seu pae tam docemente,  
 Que me adorava o perfido. — Servilia...  
 Oh lembrança... lembrança de tormento !  
 Servilia, minha irman, por essas eras  
 Dava mate ás bellezas mais falladas  
 Da capital do mundo. Pura e simples,  
 Sua alma era mais candida do que ella.  
 O coração, que o rosto debuxava,  
 Era a mesma innocencia. Viu-a o perfido ;  
 Viu-a, attractivos tantos o prenderam :  
 Sem dó de mim, sem mágoa da innocente,  
 Intentou seduzi-la... deshonorá-la...  
 Marco... ai de mim !... A tímida donzella  
 Inexperta cahiu no laço indigno...  
 D'esse horroroso amor tu foste o fructo ;  
 E a victima infeliz nas âncias cruas  
 D'algoz remorso pereceu em breve.

**Marco-Bruto**

E elle ?

**Catão**

Abandonou-a.

**Marco-Bruto**

E tu ?

**Catão**

Eu pude  
Vencer commigo a não morrer de pejo.

**Marco-Bruto**

E esse monstro é meu pae ?

**Catão**

Gerou-te.

**Marco-Bruto**

Oh deuses !

**Catão**

Deves-lhe o dom mesquinho da existencia.  
Fui eu que te eduquei ; tu es meu filho.  
Com os foros de pae vêem mais incargos :  
E quem os não cumpriu, pae não é esse.

**Marco-Bruto**

Mas... filho d'elle...

**Catão**

Filho es so de Roma.

**Marco-Bruto**

Devo...

**Catão**

Ser cidadão.

**Marco-Bruto**  
E elle...

**Catão** Um tyranno  
É algoz, não é pae.

**Marco-Bruto**, em acção de partir  
Oh Roma! oh Roma!

**Catão**  
Aonde vais?

**Marco-Bruto**  
Aonde vou!... Aonde?  
Vou desafiar de Cesar os furores,  
Vou lançar-me por entre éssas phalanges,  
Procurá-lo, buscar-lhe a ponta á espada,  
Guiar-lh'a ao coração: o sangue impuro,  
Que d'elle recebi, elle que o verta;  
E, se o crime o fez pae, o crime apague  
O titulo odioso e o nome horrivel.

**Catão**  
E Roma?

**Marco-Bruto**  
Ah! Roma...

**Catão**  
Manda-te que vivas:

Ordena-t'ó Catão em nome d'ella.  
 Adeus.— Apperta o tempo. Nas muralhas  
 Vou confortar os raros defensores  
 Da agonizante liberdade. — Marco!  
**Marco-Bruto**, meu filho, olha o que deves  
 A Roma, a ti, a mim!

## SCENA IV

MARCO-BRUTO só

Ordena-o Roma;  
 Viverei, sim: — manda-o Catão; eu vivo.  
 Mas este sangue... oh sangue abominavel!  
 Em sacrificio á morte está votado.  
 Um de nós, Cesar!... — Gemes, natureza?  
 Quando a patria folgar -- oh, geme embora.

## SCENA V

MARCO-BRUTO, SEMPRONIO

**Sempronio**

Viste Decio?

**Marco-Bruto**

Ochala que nunca o vira!

**Sempronio**

Porque?

**Marco-Bruto**

- Não sei.

## SCENA VI

SEMPRONIO *só*

Que enigma, que mysterio  
 Occulto incerra este dizer de Bruto ?  
 Fallou com Decio... — e 'ochala (diz elle)  
 Que nunca o vira!' — Decio prometteu-me  
 De não partir sem ajustarmos antes  
 Nossas condições todas... — E tam louco  
 Seria elle que de Marco-Bruto  
 Fiasse... do mais cego entusiasta  
 De Catão — o discipulo dilecto...  
 Nossos communs projectos de vingança ?  
 Não pôde ser : astuto, arteiro é Decio.  
 E quem sabe ? — O mancebo é caro a Cesar,  
 Que o ama como a filho ; — e rumor corre  
 De haver entre elles vinculo secreto,  
 Tacita intelligencia... Trahir-me-hia  
 Decio por amor d'elle ? — Se tal fôra !...  
 Oh, se de tantas lidas e perigos,  
 Sustos, remorsos, (ai! tambem remorsos)  
 Que ésta conspiração me tem custado,  
 So me rêsta colhêr o fructo amargo  
 Que a miudo vêem traidores — o desprezo,



O castigo, e — inda mais acerbo! o escarneo  
 Do proprio ingrato que lucrou no crime!  
 Embora: mas sacie-se ésta sêde  
 De vingança, o intranhavel odio d'alma.  
 Depois — oh, depois venha oppróbrio e morte.  
 Decio não chega! E o sol cai no horisonte  
 Precipitado ja. Decerto é ido

(Olhando para um lado da scena)

De Útica. — Oh, ei-lo sai agora as portas.  
 Se me trahiu!... E que trahisse: o golpe  
 Hade dar-se; jurei-o pela Styge.  
 Orgulhoso inimigo, hasde prostrar-te  
 A meus pés! Ver-te-hei, com estes olhos,  
 Varrendo a Sacra-via — não co'a toga  
 Negra, que tua stoica vaidade  
 Ostentava no fóro, no pretorio;  
 Não! mas com a vil tunica d'escravo,  
 No triumpho de Cesar. — Pouco resta  
 De minha ardua tarefa. Juba, o cego,  
 O presumpçoso Numida, está certo.  
 Ésta noite, ésta noite! — Mas, tranquillos  
 Serenemos o rosto, e componhamos  
 A máscara: não veio o tempo ainda  
 De a rasgar. — Approxima-se a hora, dada  
 De prazo a Juba para aqui nos vermos.  
 Não tardará. — Ahi vem: — e vem correndo  
 Agitado... sem côr... — Oh, se!...

## SCENA VII

SEMPRONIO, JUBA

**Juba**

Sempronio,

Sempronio, é impossível — impossível!  
 Não esperes de mim... Sabe-se tudo. .

**Sempronio**

Sabe-se tudo! — Barbaro, trahiste-me!...

**Juba**

Barbaro!... Eu sei, Romano, que sou barbaro;  
 Porque... não vim ao dia aopé do Tibre.  
 E tu — nasceste na Cidade-eterna.  
 Porém ésta alma, não a tróco... — Juba  
 Nunca trahiu ninguem, Romano.

**Sempronio**

Ah principe,

Trahir! Traição é crime que se roce  
 Por corações como esse! E tu fizeste  
 Tal injustiça ao teu amigo! — Barbaro!  
 Imaginaste que te chamei barbaro!  
 O barbaro sou eu: e n'ância d'alma  
 Barbaro me chamei, traidor, infame,  
 Que assim te expuz a perfidas suspeitas:

Que por meu zêlo — indiscreto, cego,  
 Demaziado talvez — puz em perigo  
 A tua glória, a não-manchada fama  
 Do mais illustre principe da terra.  
 Oh, que este louco amor da liberdade,  
 Ésta cegueira por Catão me perdem !

**Juba**

Perdoa-me, Sempronio : essa virtude  
 Não se finge : venceste, convenceste-me.  
 Eu duvidava — não de ti, amigo,  
 Mas de teus socios. Porcio — tu bem sabes  
 Que alma é a de Porcio ! — não confia n'elles,  
 E em seu zêlo não crê de liberdade.

**Sempronio**

Pois revelaste a Porcio ?...

**Juba**

Ja te disse  
 Que não sei atraiçoar, Romano. Extrêmo  
 És em suspeitas !

**Sempronio**

É mais do que extrêmo,  
 Excessivo é meu timido receio  
 N'esta causa, meu principe. Covarde  
 O coração me bate a um rumor leve...  
 Se no inquieto leito em breve somno

Repoiso acaso — descompostas larvas  
 Me pintam na convulsa phantasia  
 Catão no profanado Capitolio  
 Rojando ferros... e os crueis motejos  
 Da soldadesca... e o mais cruel sorriso  
 De Cesar triumphando na sua victima...  
 Ah!...

**Juba**

Não prosigas, que me rasgas alma.  
 Prompto estou para tudo. Ávante! Salve-se  
 Catão. Pereça tudo, e salve-se ellé.  
 — Mas ouve: eu não confiei a Porcio nada  
 De teus projectos. Porém elle sabe  
 De sedições em que entram, são cabeças  
 • Muitos de teus mais intimos amigos.  
 Fallou-me em Decio, e occultas conferencias...

**Sempronio**

Decio!

**Juba**

Que entre elle e um senador houvera:  
 Mas não disse quem foi.

**Sempronio**, fica algum tempo pensativo

Ahi ves bem certo  
 Quanto te hei ditto. Insidiosa trama  
 Em Útica se fórma. Esses malvados,  
 Do dia ao fenecer, querem as portas

Abrir ao dictador. Da vil perfidia  
Os covardes auctores — **bem aocerto**  
Não os conheço. Que imprudente fôra,  
Em circumstâncias taes, fazer patentes  
Ao senado, a Catão minhas suspeitas:  
Principe, bem o vês. Desconfianças,  
Incerteza cruel acabariam  
De desunir de todo os pobres restos  
Da agonizante Roma. Tu conheces  
De Catão a franqueza descuidada:  
Nada teme e de nada se acautella.  
Sua politica é aberta, simples  
E tal como a sua alma; os seus projectos  
Patentes sempre são. Ignora, odeia  
Essa que chamam arte de govêrno.  
**Mas ah**, quam mal os deuses collocaram  
N'este universo d'hoje homem tammanho!  
Os seculos de crime, em que vivêmos,  
Nem d'elle dignos são, nem elle é d'elles,  
Cercada de artificios, de maldades,  
É fôrça que a virtude lhe succumba,  
Se artificios tambem (que os ha com honra)  
Não souber cautellosa oppor-lhe a tempo.

#### **Juba**

Amigo, tens razão: por tua bôcca  
Falla a prudencia. Dize-me, aconselha-me  
O que é mister fazer; de que maneira  
Cumpre atalhar a desleal perfidia.

Minha espada, meu braço, os meus soldados,  
Tudo está prompto: falla.

**Sempronio**

Antes de tudo,  
Inviolavel segredo é necessario.  
Nem Porcio, nem Catão, ninguem o saiba;  
Ou baldâmos trabalho.

**Juba**

Mas...

**Sempronio**

Depende  
• Todo o exito d'aqui. Dá-me a tua dextra:  
Ninguem...

**Juba**

Morre commigo o meu segredo.

**Sempronio**

Pois bem. As portas velam do occidente  
Soldados teus. Romano algum com elles  
Não vigia ésta noute. Mal comece  
A ingrossar-se o crepusculo da tarde,  
Calladamente com tuas tropas marcha  
A imbuscar-te detraz d'aquelles combros  
Que á esquerda vês, não longe da cidade.  
D'alli, quando seguras avançarem  
As legiões de Cesar, repentino

A retaguarda subito lhe cortas ;  
 Emtanto nós á frente os commettêmos :  
 E a que julgam victoria indisputavel,  
 Ser-lhe-ha talvez miserrima ruina.

**Juba**

Amigo — oh, meu amigo, que ventura  
 Se Roma eu posso libertar, se um Numida,  
 Um barbaro resgata a escrava Roma !  
 E Catão — e salvar Catão ! Oh glória  
 Sem par ! — Cesar, sou eu que heide punir-te.  
 Romano senador, atraçoaste  
 A liberdade ; e um principe, nascido  
 Entre escravos, senhor, hade arrancar-te  
 Da frente o diadema insanguentado . . .  
 Que o calque o Povo-rei aos pés. — Sempronio,  
 Admiras-te de ouvir-me ? Ve qual fôrça  
 Tem o exemplo, os dictames respeitados  
 De homens como Catão. Nasci, amigo,  
 No throno : mas se o throno hade custar-me  
 Uma so violencia, um so gemido  
 Dos infelizes que se crêem nascidos  
 So para o sustentar — abjuro o throno.  
 Quanto mais prézo e quero o fôro augusto  
 De cidadão romano, que essa c'roa,  
 De tanto sangue e lagrymas banhada  
 Na frente de meu pae ! . . . — Meu pae ! vingar-te  
 É so minha ambição. Vingar-te juro.  
 Co'este braço a teus manes venerandos

O tyranno de Roma heide immolar-te.  
 Oh meu pae, oh, dirige o golpe ardido,  
 Leva-lh'o ao coração da tua victima.  
 Cesar! Cesar! ás furias implacaveis  
 Da pallida vingança aqui te voto;  
 E sôbre essa cabeça criminosa  
 Seu flagello conjuro. Atros podêres  
 Do Averno, ouvi a imprecação tremenda:  
 'Por vingativas mãos pereça o monstro.  
 Se ás minhas o negais, seja o mais caro  
 Amigo seu, — seja seu proprio sangue  
 Que aquelle sangue em vosso altar derrame.  
 Oh, se um filho elle tem... Justiça eterna  
 Dos deuses immortaes, ao parricida  
 Da patria — puna emfim o parricidio!'

**Sempronio, á parte**

Estremeço de ouvi-lo. (Alto) Juba, principe,  
 Modera-te: tuas vozes soam alto;  
 (Olhando para dentro da scena)  
 Podem ouvir-nos... — Vês? Porcio caminha  
 Para aqui. — Não te mostres n'esse estado  
 De tanta agitação. Disfarça, occulta;  
 Ou estamos perdidos...

**Juba**

Não te assustes.  
 Ferve-me sangue d'Africa nas veias;  
 É o sangue de meu pae: mas a alma é filha



De Catão que a formou.—Ves o meu rosto?  
Está sereno agora, e...

**Sempronio**

Porcio chega.

### SCENA VIII

SEMPRONIO, JUBA, PORCIO

**Porcio**

Caro príncipe!

**Juba**

Amigo!

**Porcio**

Venho, Juba,  
Despedir-me de ti. Ha longo tempo  
Que te procuro em vão; e a noite vinha  
Apertando,—e eu sem alma de ir-me embora,  
Para dizer-te adeus.

**Juba**

Que dizes, Porcio.

Onde vas?

**Porcio**

Ao meu pôsto. Fui ditoso,  
Que o melhor pude obter, — o de mais p' rigo;

Onde mais derrocadas as muralhas  
 Aos primeiros assaltos do inimigo  
 Hão de ficar expostas.—Vou-me á morte,  
 Certa, meu Juba ; vou...

**Sempronio**

E a grande alma  
 De Porcio desalenta assim no p'riço ?

Porcio, olha para Sempronio, e sem lhe responder,  
 volta-se a Juba

Não me falta a coragem que o arrosta,  
 Mas fallece a esperança de vencê-lo.  
 Eu não temo, — temer é de covardes ;  
 Mas desanimo. Roma está perdida ;  
 E meu pae... e Catão não sobrevive  
 Á Republica. — Sou Romano, Juba ;  
 E vejo, satisfeito, alçar-se o golpe  
 Que no altar da patria hade immolar-me.  
 Mas sou filho tambem : e a natureza  
 É mais forte que Roma. Oh resta ainda  
 O sacrificio último ! — meus olhos  
 Não te hão de ver, dia de mágoa e lucto !  
 Succumbe-me a alma !... Não, estes meus olhos  
 Não o hão de ver no instante derradeiro  
 Fitar ainda a moribunda Roma...  
 Principe, um não-sei-quê me diz no peito  
 Que este adeus é talvez o derradeiro  
 Que me é dado dizer-te. Ó meu amigo,

Ca te deixo inda mais do que a minha alma.  
 Um pae, Juba... e que pae! Não o abandones,  
 Oh, não o desempares um momento.  
 Tu conheces Catão : sua alma nobre  
 Não se deixa vergar : seus pulsos livres  
 Não soffrerão grilhões : e o braço firme  
 Primeiro ao coração... Adeus, amigo,  
 Principe, amigo, adeus!

**Juba**

Meu Porcio, escuta ;  
 Não vejas de tam perto essas desgraças.  
 Eu tenho esp'rança ainda. E tu, Sempronio,  
 Não esperas tambem ? (Com ar de intelligencia)

**Sempronio, baixo**  
**Principe !**

**Juba, para Porcio**

Amigo,  
 Tambem um não-sei-quê me diz no peito  
 Que ésta sanha do fado hade accalmar-se...

**Porcio**  
 Oh, cega esp'rança !

**Juba**  
 Não é cega, Porcio.  
 Eu heide — eu posso...

Sempronio, á parte para Juba  
Juba!

Juba

Vai, meu Porcio,  
Vai; cedo nos veremos.

Porcio

E bem cedo.

A formidavel hora vem chegando;  
E onde ha perigo, ahi certo está Juba:  
Quem o ignora, meu principe? Lá junctos  
Nos veremos ainda — entre os cadaveres  
Dos escravos de Cesar! — Minha esp'rança,  
Minha consolação unica é essa;  
Que heide morrer assim — livre e vingado.  
Meus amigos, adeus! É tarde, e a noite  
Ja vai poisando em nossos tristes muros.  
Vôo á minha estação. Oh, venha cedo  
Esse temido e desejado instante!  
Venha, que ja me tarda; e acabe um'hora,  
Termine de uma vez ésta agonia  
Tam lenta, tam cruel. — Eu corro, amigo,  
O coração me diz que á morte certa...  
Mas, seja ella honrada!... Adeus. (abraçam-se)

Juba

Oh Porcio!

## ACTO QUARTO

Portas da cidade, do lado de dentro — Noite

### SCENA I

MANLIO, SOLDADOS

**Manlio**, defendendo-se, a sahida da porta contra alguns soldados  
romanos

Detende-vos, traidores. — Gente infame!  
Heisde passar por cima do meu corpo.  
E soldados romanos sois, indignos!  
Soldados de Pompeu! — Eia, rebeldes,  
(Os soldados param diante de Manlio)  
Começae n'este velho, que em Pharsalia  
Vos guiou contra as hostes do tyranno,

Começae vossos feitos gloriosos.  
 Aqui estou so, feri: que vos demora!  
 Oh, faltava-nos mais ésta vergonha,  
 Ésta vergonha derradeira! — Roma,  
 Ahi tens os teus heroes. Catão, são esses,  
 Ei-los, da liberdade os defensores!...

Os soldados mostram irresolução e parecem consultar entre si: mas a final investem com a porta, e atropellam Manlio. Ao mesmo tempo entra de fóra Marco-Bruto guiando uma cohorde, e os repelle para dentro.

## SCENA II

MANLIO, MARCO-BRUTO, etc.

Marco-Bruto

Perfidos!... Ah covardes! Tarde vinheis,  
 Em má hora. — Soldados, desarmae-os,  
 Ligae-lh'os pulsos... Ja! losos d'escravos  
 N'essas mãos vis ficam melhor que a espada.

(Os soldados de Marco-Bruto desarmam e ligam os rebeldes)

Mas quê!... Tu, Manlio! — tu tambem com elles!  
 Nunca me inganei eu. — Erguei-o, amigos,  
 D'esse lodo em que jaz... inxovalhando  
 Em sangue e infamia as cans... as cans traidoras  
 Do refalsado velho! — O que eu devia  
 Co' ésta espada... Não; vive, miseravel,  
 E arrastra ao sepulchro essa vergonha.

**Manlio**, levantando-se ajudado dos soldados  
 Impetuoso mancebo, onde apprendeste  
 A injuriar um velho que?... Perdôo-te  
 Mais ésta vez: perdoar é para velhos.  
 — Marco-Bruto, a vergonha está contigo  
 Que insultaste, sem causa, as cans honradas  
 D'um patricio romano — e d'um amigo.  
 Bruto, esse nome que te inleva tanto,  
 Não se illustrou assim. O ouro escondido  
 No baculo, era a imagem da prudencia:  
 E com essa é que Roma foi liberta.

**Marco-Bruto**

O gran'Censor não era mais discreto  
 Em seus conselhos. Manlio precisava  
 Defender-se primeiro...

**Manlio**

Defender-me!

**Marco-Bruto**

Pois não te vi agora?...

**Manlio**

Viste um velho  
 So, desarmado, e... — Não me justifico:  
 É indigno de mim.

## SCENA III

CATÃO, precedido de lictores, e soldados romanos com faxes accesos;  
 MANLIO, MARCO-BRUTO, etc.

**Catão**

Filhos de Roma,

Que é isto? que fazeis? que intento é o vosso?  
 Rebeldes vós, traidores os Romanos!  
 Manlio, Bruto, fallae: que insania é ésta?  
 O traidor onde está, quem é? — Dizei-m'ô.

**Marco-Bruto**

O traidor? — Esse infame.

**Catão**

Quem?

**Marco-Bruto**

É Manlio.

**Catão**

Manlio!... Manlio eu conheço. — O que?... Observa,  
 Inexperto mancebo, aquelle rosto.  
 Ves um traidor alli? — Marco, meu filho,  
 O crime... o crime tem outro semblante.  
 Apprende a ler no coração dos homens  
 Pelas linhas da fronte. — Meu amigo,  
 Perdoa-lhe: seu zêlo é cego ainda.



**Manlio**

Ja lhe tinha perdoado.

**Catão**

Ouviste, Marco?

Arrepende-te e emenda-te, meu filho. (Pausa)

— Mas que mysterio de perfidia é este?

Sempronio... aonde está? Juba? o meu Porcio?

**Marco-Bruto**

Não sei. Eu no tropel imbaralhado

De tropas fugitivas, de rebeldes,

De combatentes, mortos, de feridos,

Nada vi, nada sei. So sei que o ferro

Sobejos immolou á liberdade:

So vi, para os ferir, peitos covardes.

A vingança, o furor, a sanha da ira

So me deixaram olhos para a espada.

Foi tam cruento e rapido o conflicto!

Mas succedeu-nos bem. Os vis traidores,

E as legiões de Cesar que ja vinham

Direito ás portas e a junctar-se co'elles,

Foram desbaratadas. As phalanges

Leaes cahiram, como raios vivos,

Sôbre os montões de escravos que ameaçavam

Esmagar-nos: — tam poucos que nós eramos!

Mas: — 'Avante (bradamos) eia! morra,

'Pereça Roma com seus filhos todos!

'Foi menos glorioso o sacrificio

‘Dos Fabios. Roma um dia hade vingar-nos,  
 ‘Como os vingou a elles. Eia, ávante!’  
 E ávante fomos ; e vencêmos. Morre  
 Quanto não foge. Dispersou-se tudo.  
 Voltámos fartos de matar — cançados  
 Ainda não. Mas era fôrça : os muros  
 Desguardecidos, e o temor de nova  
 Traição, nos fez volver ás portas de Utica.

**Catão**

Manlio, mas tu... tu immudeces? Falla:  
 Mata-me esse silencio.

**Manlio**

O meu silencio...  
 Ah, deixa-m’o, Catão : — oh, não desejes  
 Ve-lo quebrado.

**Catão**

Quê! Porcio... meu filho...  
 Acaso?...

**Marco-Bruto**

Porcio vela do outro lado  
 Da cidade, no lanço da muralha  
 Mais expugnavel — onde se precisam  
 Defensores como elle.

**Catão**

E Juba?

**Marco-Bruto**

Juba...

Não me lembra de o ver.

**Catão**

Que escuto! **Manlio**,

O principe?...

**Manlio**

Não falles n'esse monstro:

Foi traidor como um barbaro.

**Marco-Bruto**

Elle! — O sangue

Não desmente das obras. Um tyranno;  
Quando deixa de o ser, é sempre escravo.

**Catão**

Deuses, guardaveis-me inda o trago acerbo  
Para o meu coração! — Fado inimigo,  
Ja não consegues abalar-me o peito.  
Vi desertar da causa da republica  
Seus mais strenuos fautores: vacillante  
Pompeu, — e Marco-Tullio arrependido  
De seguir nossas miseras fortunas,  
Tergiversar, fugir porfim... e a purpura  
Consular pela estrada de Tarento  
Arrastrando no pó, ir supplicante  
Humilhar-se ao tyranno... Ah! — tudo hei visto,  
Tudo: mas nada me feriu ainda

Tam vivo n'alma como Juba ingrato...

(Silencio geral.—Catão dá algumas voltas, passeiando,  
como abstracto; — e logo prosegue:)

E Sempronio?

**Manlio**

Pois quê! ignoras inda  
Que o auctor da traição foi esse indigno?

**Marco-Bruto**

Sempronio! — Ha poucas horas a mim mesmo  
Se me gabou que ousára no senado  
Desafiar a Decio, e que...

**Catão**

Apprende,  
Marco, d'ahi a conhecer os homens.  
O valor verdadeiro não se ufana,  
Não blasona atrevido; — cinge a espada,  
Mas so no campo de que a tem se lembra.

**Marco-Bruto**

Sempronio!... que — a Tiberio ja não digo,  
Mas nem a Caio-Graccho na vehemencia  
Do orar cedia, que á mais leve idea  
De servidão bramia mais terrivel!...

**Catão**

Desconfia onde vires tanto zêlo  
Em palavras: discreto, parco d'ellas  
É o verdadeiro amor da liberdade.

**Manlio**

Ah Catão! dize agora: que esperanças  
De Roma tens ainda?

**Catão**

Eu tenho as mesmas.

**Manlio**

As mesmas!

**Catão**

Sim; as de morrer por ella.

**Manlio**

Ai! nem ja isso, amigo, nos é dado:  
Nem um extrêmo esforço de agonia  
Para expirar com glória! A moribunda  
Loba do Capitolio não tem fôrças  
Nem ja para investir, no último arquêjo,  
Com seus brutaes senhores, e cravar-se,  
N'um glorioso e nobre desespêro,  
Em suas lanças traidoras. Cahiremos  
Como rézes em torpe sacrificio...  
Imbelle morte, inulta!...

**Marco-Bruto**

Inulta! Nunca:  
Sem se vingar, sem vos vingar, não hade  
Perecer Marco-Bruto. — E o holocausto  
Hade espantar, hade aterrar o mundo!...

**Catão**

Vingança! E para que? Que dás á patria  
N'esse holocausto inutil?

**Marco-Bruto**

Tu lhe chamas  
Inutil! — O atro sangue d'um tyranno  
Desparzido no altar da liberdade,  
Inutil póde ser? — A mão ditosa  
Que o ferro imbebe no malvado peito,  
Que lhe descose as perfidas intranhas,  
E vai ao coração buscar-lhe a vida  
Para cortar-lhe o fio negregado,  
Não é mão d'um heroe? Ha sacrificio  
Que apraza mais aos deuses justicuosos?  
Oh, que ha vingança que tambem é numen!  
Da liberdade a árvore não cresce,  
Se a não regar dos despotas o sangue:  
Embora a plantes; não lhe ves o fructo:  
Hade-te ir definhando a pouco e pouco,  
E da heivada raiz hãode brotar-lhe  
As parasitas plantas, que mui breve  
Gigantes crescerão, e hãode assombrar-te.  
Vingança! — Eu sempre vi esses Romanos,  
Raios da patria, exemplos de virtude  
Imitados por ti, por ti citados,  
Sempre os vi abrazados de ira sancta  
Ferir sem dó, e derramar sem pena  
O sangue dos malvados que attentavam

À majestade augusta da republica.  
 Mais nomes não direi que um so, — antiga  
 Honra dos meus, cuja tremenda imagem  
 Inda no Capitolio brande a espada,  
 Terror dos reis, e salvação de Roma:  
 Junio-Bruto...

### Catão

E que sangue esparziu Bruto!  
 Que vingança tomou? — Da voz ingente  
 Aos brados formidaveis se ergueu Roma,  
 E fugiu pavorosa a tyrannia.  
 Mas a voz que troou no Capitolio,  
 E que hade eterna resoar no mundo,  
 Os braços não armou, não alçou ferro  
 Para lavar dos despotas no sangue  
 As injúrias da patria. Sua espada  
 So desimbainhou para afastá-los  
 E não para feri-los. N'esses tempos  
 (Eras ditosas que não mais veremos!)  
 A romana altivez, o nobre orgulho  
 Perdoava generoso, e desdenhava  
 De inxovalhar o ferro em sangue immundo.  
 — Sangue correu então: mas qual? seu proprio,  
 Seu proprio ás mãos do algoz jorrou na terra  
 Quando os filhos indignos sacrificá  
 À merecida pena, á morte justa.  
 Mas privado juiz não foi nem d'elles;  
 O cutello das leis é que os immola.  
 — Um tyranno é, sem duvida, na terra

O malvado maior: mas nem por isso  
 Te é licito puni-lo. Magistrados  
 Que o julguem, leis que o punam — com algozes  
 Para as executar — tem a republica.  
 Usurpas tambem tu se em juiz privado  
 De publicas offensas te institues.

#### Marco-Bruto

Mas uma lei, ó pae, tu me insinaste  
 Que sôbre todas respeitar se deve:  
 Mais veneranda e antiga m'a dizias  
 Que todas essas leis, — que plebiscitos,  
 Que senatusconsultos, — em mais clara  
 Equidade fundada do que o Album  
 Do pretorio, — gravada n'outro bronze  
 Mais duravel que as tâbuas dos decemviros;  
 Lei das leis, immutavel e suprema,  
 — A da salvação publica.

#### Catão

##### O difficil

É conhecer, meu filho, quando a fôrça  
 D'essa maxima lei quebra a das outras;  
 Quando o feito que é injusto, opposto a ellas,  
 A salvação da patria o revalida.  
 — Em meus primeiros dias, no ingenuo  
 Despertar de innocente puberdade,  
 Me levaram, ó Marco, aos sanguinosos  
 Paços de Sylla. — De meu pae amigo



Fôra o monstro! — Inda as carnes se arripiam  
C'o presente spectaculo que tenho  
Deante dos olhos, — do cruor esparso,  
Dos palpitantes membros strangulados,  
Dos tabescentes, lividos cadaveres  
Nas cruces pelos atrios; — a viuva  
Gemendo além, carpindo o orpham; — e o torvo  
Aspecto, o feroz riso dos ministros  
Do tyranno, apupando com motejos  
As sanguentas cabeças dos mais nobres,  
Mais illustres varões que Roma tinha,  
E que hasteadas em triumpho hediondo  
De atroz pompa levavam... Vista horrivel!  
E... inda mais de indignar! e mais ainda  
As trementes intranhas me excitava,  
O ver, o ouvir as turbas circumstantes  
Devorando seus tremulos gemidos,  
Disfarçando, — cobrindo a face pallida,  
Que lhes não vissem a furtiva lagryma!  
E a mão, que stringir devia o ferro,  
E que talvez segura no mais rijo  
Da batalha o brandira, — mal ousava  
De ir, co'a orla da toga, a medo e trépida,  
Aos olhos que a alma timida arrazava  
De feminino pranto... — O que é o povo?  
O que são homens! — Hontem expulsastes  
A Coriolano, porque ousou negar-vos  
Os baldios communs: hoje, fugindo,  
Abandonais á furia dos patricios

Graccho que vo'-lo's dava! — E agora... O íntimo  
 D'alma joven, ardente me anciava  
 C'o spectaculo feio e vil. — 'E como  
 (Disse a meu pedagogo) como em Roma  
 'Não ha quem mate Sylla!' — 'Não (me torna  
 Branco de medo o velho), não; detestam-n'o:  
 'Mas temem-n'o inda mais.' — 'E porque (cego  
 De ira lhe respondi) porque uma espada  
 'Me não dás, que o vou eu matar — e livro  
 'A patria?' — A grande custo me conteve,  
 E me levou d'alli o ancião prudente;  
 Nem la voltámos. — Vinha de bom ânimo  
 A tenção: mas que importa! Mario ahi estava  
 Para inutilizar o feito ardido,  
 Se meu infante braço o executára.  
 — Ah! que fructo da patria ao bem resulta  
 Com lhe ficar um despota de menos?  
 Vanglorioso do golpe que vibraste,  
 Cuidas que o monstro feneceu com elle?  
 Ingnas-te: as cem frontes d'essa hydra  
 De seu proprio veneno reproduzem;  
 Por uma que decepas, mil te surgem:  
 Mal, que julgavas ter de todo extincto,  
 Então se aggrava mais.

#### Marco-Bruto

Quê! socegados  
 Veremos ingolphar no abysmo a patria,  
 E tranquillos no meio da procella,

**Ve-la-hemos assim ir-se affundando**  
**No mar da escravidão! Anciada embora**  
**Supplices mãos estenda aos filhos caros;**  
**Que os virtuosos filhos não se atrevem**  
**A perpetrar o crime de salvá-la. . .**  
**É virtude — confésso — que me admira,**  
**Que jamais conheci.**

### **Catão**

**Na tua idade**  
**Respeitam-se os anciãos, ouve-se e aprende-se.**  
**Mancebo, escuta: — Libertar a patria,**  
**E dar pelo resgate a propria vida,**  
**Não é mais que dever; grande heroismo,**  
**Acções de glória, n'isso não as vejo:**  
**O homem que assim obrou foi homem de honra,**  
**Cumpriu sua obrigação. — Mas outros meios**  
**Tem de empregar mais certos, mais seguros,**  
**Quem se abalança a imprêsa tam difficil,**  
**Se baldos não quer ver cuidado e riscos.**  
**Desaffogar a patria de um tyranno,**  
**É transitorio allivio: impeiora a miudo**  
**C'o esse remedio o mal; tens cem tyrannos**  
**Em vez de um: nem talentos nem virtudes**  
**Occuparão, no Estado, o grau supremo**  
**Entre vis demagogos repartido**  
**Por facções, por subornos, peitas, crimes.**  
**Tincta era em sangue a purpura, — era ferreo**  
**O sceptro do tyranno: mas as togas**

Dos decemviros! . . . tinge-as cruor negro,  
E pallidos venenos as mosqueam  
De nódoas que revêem torpeza, infamia,  
Flagícios! — Que lucrámos na mudança  
Perigosa? Os proconsules os mesmos  
Peculadores; servos os tribunos  
E facciosos; avara e perdularia  
A questura, roubando o derradeiro  
Sestercio ao povo, a última drachma ao Erario;  
Os pretores vendendo em hasta pública  
A justiça; — emfim todo o mesmo vício,  
A mesma corrupção, — mais desfaçada,  
Mais clara so, mais despejada. — E é ésta,  
É ésta a liberdade que nos destes!  
E são éstas, decemviros, as tábuas  
Da promettida lei, que tanto tempo  
Levaram a gravar! — Veio Apio-Claudio  
Fazer chorar em Roma por Tarquinio . . . (pausa)  
— Se queres libertar-nos, corta rijo,  
Corta pela raiz a tyrannia,  
Cerceando por abusos, profundando  
Nas fistulosas úlceras do Estado,  
E levando c'o balsamo o cauterio  
Ao mais solapado — onde a peçonha  
Do arraigado cancro tem nascença.  
Depois o faxo da razão accende  
Com mãos puras e limpas de interêsse . . .  
Puras! — que em dextra sordida essa tea  
É labareda sem clarão, — que abraza

Sem dar luz — queima e rapida devora  
 Antes que um so vislumbre rompa as trevas,  
 Que, em vez de dissipar, deixou mais crassas.  
 — Com elle, co'esse faxo luminoso  
 A teus concidadãos mostra a vereda  
 Que ao alcaçar conduz da liberdade,  
 Não coroado de spolios sanguinosos  
 Mas puro todo e candido como ella.  
 Salva-os das convulsões, da crise horrível  
 Que as populares commoções arrastram;  
 Moderação e paz reine em teus labios;  
 Generoso perdoa, austero pune,  
 Mas pelo orgam da lei, mas so com ella.  
 Os pendões hastear da Liberdade  
 Nas ameias da horrífica Discórdia,  
 Grito amotinador alçar aos povos  
 Para os deixar no cahos da anarchia,  
 Mutuamente e á porfia destruir-se,  
 É querer lacerar o seio á patria  
 Sem jamais a salvar.

**Manlio**

Homem como este,  
 Ceu, creaste-o jamais, tu viste-o, mundo? (Oa-  
 ve-se vozeria e tumulto de soldados de fóra dos muros.)

**Marco Bruto** (ob. erva da porta)

Oh! que tumulto é este? — Numerosa  
 Legião... de peões e cavalleiros...

E de Cesar não são: — e nem Romanos  
 Tampouco. — Ah! são Numidas. . . E Juba  
 Com elles. O traidor! Qué! pensa o barbaro  
 Surprehender-nos ja, e vem? . . . (desimbainhando  
 a espada e voltando-se para os soldados)

Amigos

A elles! — Não sois vós os veteranos  
 De Pompeu? Co'esses barbaros em terra.  
 E seja — se ha de ser o derradeiro!  
 Um derradeiro feito de justiça,  
 — Castigar esses perfidos — o nosso.

Manlio

Qué! sahir-lh'ao incontro — com tam poucos  
 Homens de lança — a unica defesa  
 D'estes muros desertos! — E elles tantos  
 Os barbaros! — Não fôra mais prudente  
 Cerrar as portas e? . . .

Catão

Detem-te, Marco, (depois  
 de observar o tropel dos Numidas que vem approximando,  
 volta da porta e prosegue:)

E contém esses bravos companheiros  
 De honrada desventura. — Abri mais amplas  
 As portas, retirae-vos a esse lado,  
 Deixae-me so c'os Numidas.

Manlio

Tu! nunca.

A ti é que elles buscam.

**Marco-Bruto**

So com elles!...  
 Não te obedeço. — Amigos, companheiros,  
 Defendâmos Catão; morramos todos...

**Catão** (alçando a voz com severidade)

Soldados, eu governo ainda em Utica (os solda-  
 dos obedecem.)

Manlio, Bruto, ide vós... ide e pejae-vos  
 Do exemplo que vos deram. (Retiram-se ambos para  
 ao pé dos soldados; Catão prosegue com brandura:)

Filho, amigo,

Socegae: nem as barbaras cabildas

De Juba, nem as hostes ordenadas

De Julio teem podêr sôbre ésta vida.

Posso morrer aqui — não ás mãos d'elles. (De-  
 simbainha a espada; abre as portas de par em par, e fica  
 so, no meio d'ellas.)

**SCENA IV**

CATÃO, MARCO-BRUTO, MANLIO, JUBA, SEMPRONIO,  
 SOLDADOS NUMIDAS, ROMANOS, ETC.

As legiões numidas param fóra das portas; Juba entra só com alguns  
 soldados conduzindo Sempronio algemado.

**Catão**

Que é isto, Juba? — a que voltaste?

**Marco-Bruto**

Infames!

**Catão**

Não respondes? — Sempronio em ferros! Falla,  
 Sempronio, explica-me este enigma. Voltas  
 Como um escravo a seu senhor: — escravos  
 São para Cesar; n'estes pobres muros  
 Não os ha. — Immudeces? — E tu, principe,  
 Tu callado tambem? Falla, não temas.  
 Teus soldados ahi estão.

**Juba**

Os meus soldados  
 São auxiliares teus e da republica.

**Catão** (prosequindo sem o attender)

Não tens que receiar: não es Romano,  
 Nem deveres de patria te obrigavam  
 A seguir nossos fados. Tomar parte  
 Na sorte do infeliz é pêso grave  
 Que a descontento amigos vão levando,  
 Levando — até que enfim ja se não soffre:  
 Arrojá-lo quizeste: não te culpo.  
 Os vinculos do alliado te prendiam...  
 Mas de taes allianças que proveito  
 Havias de tirar? Desgraças, p'rigos,  
 Talvez a morte. — Vai, segue a ventura:  
 O ceu derrame sôbre ti mil bençams.



**Juba**

Bem a mereço, a exprobração amarga  
 D'essa ironia.— Fiz-me abjecto, fiz-me  
 Vil a meus proprios olhos. Desprezae-me, (pausa)  
 Romanos: sou um barbaro.— Ah, não bate  
 Em vossos peitos coração mais puro  
 Que o do barbaro, —zêlo mais ardente  
 De liberdade não vos queima o sangue! (pausa)  
 Mas qui' -lo o fado assim.— Cuidei aomenos,  
 Ó Catão, que arguir-me te dignasses!  
 Esperava castigo de meu êrro,  
 E encontro oppróbrio so.— O teu desprêzo,  
 O teu desprêzo... não, não o mereço.  
 Juba foi cego, louco, arrebatado,  
 Foi desobediente a teus preceitos,  
 É criminoso, mas traidor não.— Ouve,  
 Ouve-me por piedade, e depois julga.

**Catão**

Falla, principe: ouvir-te é dever nosso.  
 Julgar-te! Quem, aqui?— Ja houve tempo  
 Em que Roma julgava os reis da terra.

**Juba**

Oh, oiça-me Catão, julgue-me;— e absolva-me  
 Se podér,— que eu não quero outra sentença. (Pausa  
 consideravel)  
 Sempronio, tu es senador romano,  
 Eu um chefe de Numidas selvagens.  
 Teu testemunho invoco, e me contento

So com elle,—Fui eu traidor a Roma?  
 Desmereci do titulo prezado  
 De amigo de Catão?—Tu não respondes,  
 E surris! Proprio é o riso: mofa e escarneo  
 Mereço eu—e de tí... com mais justiça. (Apontando  
 para Sempronio)

Catão, esse... esse perfido enganou-me:  
 Meu natural singelo e poucos annos  
 Cahiram facil no inredado laço  
 Que de vagar e ha muito anda tecendo.  
 Persuadiu-me—e algum numen inimigo  
 Me fascinava então! que a salvar Roma  
 Me fadavam os ceus, e a punir Cesar;  
 Que em Ujica tramava poderosa  
 Conjuração occulta, que ésta noite  
 Ao dictador as portas abriria,  
 E vivo em suas mãos ia intregar-te.  
 Estremeci de horror, perdi de todo  
 A razão; ajudou-o o meu enleio:  
 Tudo obtive de mim. Na hora aprazada...  
 Na hora que aprazada elle dizia  
 Pelos conspiradores, manso deixo  
 A porta do occidente, que eu guardava  
 Co's meus Numidas.—Saio; e mal, um tiro  
 De setta, me affastára das muralhas,  
 Conheço, mas ja tarde, a vil perfidia.  
 Da porta, que eu deixára quasi inermes,  
 Seus socios na traição rompem,—e as hostes  
 De Cesar, que imbuscadas o aguardavam,

Se juntam co'elles. Desmaiei de cholera,  
De vergonha e despeito. Mas foi prompta  
Minha resolução. Sem lhes dar tempo  
A mais, invisto c'o podêr immenso  
Do inimigo. Brado allarma ; e allarma  
Me respondem dos muros. Commandadas  
—Não conheci por quem—fleis cohortes  
Sahem a sustentar-me. Trava, ás cegas,  
Pela treva o conflicto : ambos á uma  
De oppostos lados, Numida e Romano,  
Demos sôbre o traidor e sôbre as hostes  
Do tyranno de Roma,—que ingodadas  
Das promessas do indigno, mal cuidavam  
Incontrar tam porfiada resistencia.,  
Tanto contrário, aonde sem peleja  
Contavam co'a victoria. Rechassadas  
Foram completamente. Ia d'involta  
Na fuga o scelerado :—descubri-o,  
Corri sôbre elle ;—e fomos longo espaço  
No arriscado impenho os cavalleiros  
Todos : porém valia a pena e o p'rigo,  
Valia tudo !—Segurei-o eu proprio  
Co'éstas mãos,—fiz lançar-lhe essas algemas,  
E salvei para os golpes dos lictores  
A torpe vida, que anhelavam todos  
Arrancar-lhe á porfia... Ah, nem tu sabes  
Não... nem tu sabes inda quantos crimes  
Tens que lavar no sangue do malvado !  
Porcio...

**Catão** (interrompendo-o)  
 Meu filho?...

**Juba**

Assassinou-o o infame.

**Catão**

Respiro, oh ceus! traidor não foi meu filho.  
 (Silencio longo)

**Marco-Bruto**

Covarde, e como tanto ousou teu braço  
 Fraco?—tam fraco e vil como a tua alma.

**Juba**

Ousar!—Foi á traição.

**Marco-Bruto**

Monstro!

**Manlio**

Oh, ei-lo,

Ei-lo ahi, moribundo o vêem trazendo.  
 Que miseranda vista—oh, que espectáculo  
 Para os olhos de um pae! Porcio deitado em umas  
 andas formadas de escudos e lanças, aos hombros de solda-  
 dos numidas, e guardado por consideravel numero de caval-  
 leiros numidas, vem lentamente approximando-se da porta da  
 cidade; passa por entre as legiões de Juba, que lhe abrem  
 alas. Ouvem-se gemidos, e o lamentar discorde de Romanos,  
 de Numidas e do povo que vai acudindo.

## SCENA V

CATÃO, MARCO-BRUTO, MANLIO, SEMPRONIO,  
JUBA, PORCIO, etc.

Catão (indo ao encontro do filho)

Vem, vem, meu filho,

Nos braços de teu pae morrer com honra.  
Ve dos olhos paternos, ve correr-me  
Éstas lagrymas—doces, não de pena,  
Meu Porcio, não de dor, mas de saudade. (Abra-  
çando-se com elle)

Morres homem, meu filho, e morres livre.  
Oh, não te pèze de deixar a vida.  
Que te fica na terra?—que perdeste?  
Um mundo indigno, baldado de virtudes,  
Farto de crimes—solidões juncadas  
De mortos, moribundos—e assassinos.

Porcio

E... o pae... que eu deixo...—Adeus! (Põe os  
olhos no pae e expira.)

Catão

Morre, meu Porcio,  
Que vives para a glória! Oh caro filho,  
Sobe, alma venturosa, á eternidade! (Inclina-se  
sobre o cadaver, e fica algum tempo com a face escondida,

soluçando baixo e como quem se comprime. — Longo silencio. — Levanta-se e prosegue:)

Meus amigos, chorei: não me invergonho (inchugando o rosto):

De ser homem. — Está pago o tributo

À natureza. — Agora Roma. (Dá alguns passos, e incara outra vez com o cadaver)

Filho!

Meu filho, tu não hasde ve-la escrava!

Deram-te abençoada morte os deuses. (Pausa breve)

Tu choras, Marco — e tu, Manlio — e vós todos,

Amigos? — Eu sou pae, e ja não choro.

Animo! vinde, approximae-vos d'elle;

Contemos as feridas gloriosas

D'este cadaver. Nunca tam formoso

Me pareceste, meu querido Porcio... (beja-o uma e muitas vezes)

Bejo ésta face pallida, ésta fronte

Impastada de sangue, e éstas mãos hirtas. . .

Ah, que! . . . (fica algum tempo abraçado com o cadaver, e em silencio)

—Levae-o amigos.

**Marco-Bruto**

Não; detende-vos.

Não hade ir a jazigo deshonrado

O corpo do heroe. Aqui o sangue

Do matador queremos. Pede-o Roma,

Pedimo'-lo nós todos, e é devido

A seus manes. Soldados, companheiros,  
Dizei-o : soffrereis tammanha injúria ?

**Povo e soldados**

Morra, morra o traidor.

**Catão** (com severidade aos soldados e povo)

Basta. (Depois de longa pausa, volta-se para Sempronio)

**Sempronio,**

Eu já fui pae—e sou Romano ainda.  
Ves aquelle cadaver?—é meu filho :  
Tu m'o roubaste. . .—Com algoz perfidia  
Machinaste o exicio da republica ;  
E co'as mãos parricidas—impio !—foste  
Á garganta da patria moribunda  
Para afogar-lhe o derradeiro alento.  
—Todos quantos ahi ves pedem tua morte ;  
Pedem teu sangue as leis e a natureza.  
Mas eu posso perdoar. . . Roma não deve.  
Malvado, treme : a espada da justiça  
Sobre tua cabeça está pendente. (Volta-se para os  
soldados)

Dos crimes ao maior, pena a mais crua,  
Nós a devêmos, filhos de Quirino :  
Morra. . . Sim, morra para sempre o perfido :  
Tirae-lhe esses grilhões, abri-lhe as portas.  
Péza-lhe a liberdade ? aos ferros corra :  
Para Roma expirou,—com Cesar viva.

**Manlio**

Oh virtude!

**Juba**

Oh sentença de Romano!

**Sempronio**

Triumphaste de mim: essa grandeza  
Inda é maior... maior do que o meu odio! (Sol-  
tam-n'o os lictores, e o põem fóra das portas.)

## SCENA VI

CATÃO, MARCO-BRUTO, MANLIO, SOLDADOS, ETC.

**Manlio**

Mas duvido que possas impedir-lhe  
Que o furor dos soldados...

**Catão**

Um Romano

Em sangue tal não inxovalha a espada.  
Lictores, de Sempronio o vil castigo  
Annunciae ás cohortes; e intimae-lhe  
Que é não ser cidadão, frustrar-lhe a pena.

**Marco-Bruto**

Oh meu pae! a teus pés deixa prostrar-me;  
Deixa adorar em ti...



**Catão:**

Ergue-te, filho;  
Eu fiz o meu dever: não te accostumes  
A admirar com espanto uma acção boa.  
Faze hábito da honra e da virtude,  
E so te admirarás de ver um crime. (Saem todos  
acompanhando o cadaver de Porcio)

## ACTO QUINTO

Galeria aberta, com columnas. Os intervallos do peristyllo são tomados com cortinas corrediças.—Vê-se perto o mar e algumas naus romanas.—De outro lado, parte das muralhas da cidade.—Vem amanhecendo.

### SCENA I

CATÃO, LIBERTOS

Os libertos estão em distancia, no fundo da scena. Catão apparece sentado e lendo. Sobre o abaco, em que descança o livro, alguns rolos de pergaminho e uma espada nua. Depois de ler algum tempo, fecha o livro; pèga na espada, examina-lhe o gume e a ponta, e torna a poisa-la sobre o abaco.

Catão (reparando nos libertos)

Ainda não é tempo.—Oh!... Ide a Manlio,  
E chamae-m'o aqui logo.—Ide vós todos.

## SCENA II

CATÃO, só, torna a pegar no livro

Consolaste-me, Socrates: não morre  
 Com este corpo o espirito que o anima.  
 Ja me não prendem dúvidas; fujamos  
 Do vil carcere: a morte so é termo  
 Da vida, — da existencia não. . . No intimo  
 D'alma o pôz Deus o sentimento vivo  
 Da eternidade. Este viver continuo  
 D'esp'ranças, este ancian pelo futuro,  
 Este horror da anniquilação, e o vago  
 Desejo de outra vida mais ditosa,  
 O que são? — Indistinctas, mas seguras  
 Reminiscencias da perdida patria.  
 E saudades de voltar a ella. (Levanta-se)  
 Ver-te-hei, mansão dos justos! . . . — O sepulchro  
 Não é jazigo é estrada. — Convenceste  
 A minha alma, Platão: heide incostar-me  
 Tranquillo e repousado no atahude,  
 Como viajante reclinado á poppa  
 Da galé que em bonança vai cingrando  
 Com brandos ventos para o porto amigo. (Sen-  
 ta-se, lê breve espaço, e torna a levantar-se)  
 Inda me resta que fazer na terra;  
 Deveres sacratissimos, restrictas  
 Obrigações. — Fiel e honrado é Manlio;  
 Vou confiar-lhe tudo. . . Oh, ei-lo chega.

## SCENA III

CATÃO, MANLIO

**Catão**

Manlio, ouve-me attento. A tua dextra  
Em pinhor do segredo.

**Manlio**

Ei-la.

**Catão**

Romanas

São ainda éstas mãos: não, meu amigo?

**Manlio**

E duvida-o Catão?

**Catão**

Não, não duvida.

**Manlio**

Pois bem, falla, eu te escuto.

**Catão** (depois de breve pausa, chegando-se para aopé da galeria)

Que formoso

Vem arraiando o alvor tenue do dia!

Ves, Manlio? — Como é bello este universo!

Quanto mais bella não será a etherea  
 Região que de **tam longe** reverbera  
 Toda essa formosura! — Observa, amigo,  
 Aquella estrella **pallida**: é a ultima  
 Que ficou no lutar da luz co'as trevas  
 Do incerto crepusc'lo. **Chega-lhe** a hora  
 Emfim,—**morre...** Mas **amanha** c'roada  
 A verás de luz nova e **mais brilhante**  
 No firmamento azul. Não heide eu ve-la...  
 D'este lado da campa, **aomenos...**

**Manlio**

Como!

Não te percebo. Quê! — tu...

**Catão**

Descançado

Serei ja a essa hora no jazigo.

**Manlio**

Tu!

**Catão**

Sim.

**Manlio**

Pois quê! perdeste ja de todo  
 Aquellas esperanças?

**Catão**

Não ; nem penço.

Ves ésta espada? N'ella so as tinha :  
 Não me serviu a libertar a patria,  
 Serve para morrer.

**Manlio**

Tu!

**Catão**

Sim, amigo,

Eu.

**Manlio**

Nem assim! ai! nem assim... É inutil.  
 Foi tempo — ja lá vai — em que o cadaver  
 D'um cidadão romano, gottejando  
 Sangue no fóro, incendiava as turbas,  
 E era como um vexillo formidavel  
 D'emtôrno ao qual suas férvidas phalanges  
 A publica-vindicta arrebanhava.  
 Mas hoje!... o callo da cerviz passou-lhes  
 Ao coração: nem ha...

**Catão**

Sôbre esses males

So me resta gemer: assás contra elles  
 Luctei de balde.

**Manlio**

Então...

**Catão**

Co'a minha morte

So este coração, so a minha alma  
Quero salvar do crime.

**Manlio**

O crime é d'elle,  
Do tyranno, e não nosso... ou é da sorte.  
Se Deus Optimo Maximo o permite,  
O homem fraco...

**Catão**

Não façás tam pequeno  
Nem tanto abatas o homem. Pouco vale  
Se escravo das paixões, fraco se deixa  
Ir ao sabor das ondas do destino.  
Mas o homem que é digno de ser homem,  
O varão forte, que o revez incara  
D'avessos fados, que lhe appara os golpes  
No adamantino escudo da virtude,  
Que, arca por arca, lucta c'o infortunio  
E consegue atterrâ-lo — oh, esse é grande,  
Esse não teme, desafia a sorte.  
Por certo não é crime ser escravo,  
So desventura grande ; mas, podendo  
Espedaçar os ferros vergonhosos,  
Não o fazer é vil baixeza torpe,  
É covardia, — e a covardia é crime.  
A natureza, que nos deu a vida...  
A natureza — Deus Optimo Maximo,  
Deu-nos co'a vida essenciaes direitos,  
Inalienaveis, que são parte d'ella ;

Deveres nos impôz strictos, sagrados,  
 Condições da mercê. Quem perde aquelles,  
 Posterga est'outros, e so préza e guarda  
 O dom da vida — offende a natureza  
 E ultraja o Creador.

**Manlio**

E pôde o homem,  
 Com sua falha razão, acertar justo  
 N'esse termo?... E se errar?— Porque não hade  
 O mesmo Sòprò Eterno que dá vida,  
 Distribuir a morte?

**Catão**

E eu morro, amigo,  
 Quando a minha alma eterna assim liberto  
 Dos vinculos do corpo? Se ésta essencia  
 Que da vida ás funcções em nós preside,  
 Porção da Divindade, é pura essencia  
 De espirito immortal, não obro crime,  
 Não renuncio á dadiva celeste  
 Se a livro de baldões, e denodado  
 De oppróbrio indigno a salvo. E se, ao contrario,  
 Combinação fortúita do acaso  
 Me formou a materia; se a minha alma  
 Morredoura e mortal como o meu corpo...

**Manlio**

Ainda então...— E essa doutrina abjuro...



**Catão**

Abjuro-a eu tambem. Abhorrecido  
Seja dos homens, e de Deus malditto  
O impio que a propagar; — morra, e castigo  
Lhe não quero maior! — crendo o que insina.

**Manlio**

Pois bem. Mas ainda então, e se tal fosse  
A triste realidade, outro motivo  
Deveria prender-te.

**Catão**

Qual?

**Manlio**

A patria.

**Catão**

A patria... patria — e agora!

**Manlio**

Sim. — Perdoa

O sincero fallar, amigo, a um velho:  
Quanto es, bem sei, por ella te has votado;  
Catão so com sua espada e com seu nome  
Defendeu a republica, e de Roma  
Protegeu a orphandade, quando todos,  
Vil! — a desamparam os seus filhos!  
Mas agora no extrêmo, n'este afflicto,  
Appertado momento da agonia,  
Na hora do passamento é que a abandonas?...

## SCENA IV

CATÃO, MANLIO, JUBA.

**Juba**

Catão, ao porto, ao porto! O vento serve,  
Estão prestes as naus. Bruto me manda  
Dizer-te que não tardes. As cohortes  
De Cesar assaltaram de repente,  
E por todos os lados nos investem.  
As muralhas esbroam-se a pedaços  
Sob os golpes do ariete incessante:  
Raros sôbre ellas, a um e um, se contam  
Da liberdade os tristes defensores:  
Mas com elles é Bruto; disputadas  
Hãode ser as ruinas palmo a palmo,  
No emtanto, ao porto! Bruto assim t'o roga:  
Nos muros basta elle: — e defender-nos  
Muito tempo, é impossivel.

**Catão**

Bem: a hora  
Chega emfim.— E os velhos senadores,  
E o povo?

**Juba**

Esse tropel de gente inerme  
Andam como alienados pelas ruas  
Bradando, lamentando; — outros furiosos

Sobem aos muros de impeto e se arrojam,  
 A perecer, nas lanças inimigas.  
 Recresce a confusão com o alarido  
 Das mulheres que vão de templo a templo  
 Huivando espavoridas, desgrenhadas.  
 Velhos, crianças — miseranda vista!  
 As seguem com tristissimos gemidos:  
 E c'os nomes dos deuses, de mistura,  
 O teu invocam: por ti choram, clamam,  
 E ullulando 'Catão' desatinados  
 Vagam áquem, além. — Escuta: ahi correm  
 Para este lado. Ouve-los? — Receio  
 Que se atrevam talvez... Ha sediciosos  
 Entre elles: e é prudente... (Tira a espada e chega-  
 se para as columnas: Manlio faz o mesmo)

**Catão**

Juba, Manlio,  
 Que pretendeis? Deixae para o tyranno  
 O acutillar o povo: o officio é d'elle  
 Que lhe tem medo, eu não.

## SCENA V

CATÃO, MANLIO, JUBA, POVO

**Povo** (de fóra)

Catão, acode,  
 Catão, acode ao povo!

**Catão** (corre as cortinas do peristyllo; e apparece a praia  
 cuberta de povo, o qual vem subindo a escadaria quasi até o nivel da scena;  
 Catão dirige-se a elles)

Meus amigos,  
 Que quereis? Aqui estou. Quereis meu sangue?  
 Tomae-o.

Povo

Não, não, não!

Um do povo

Pereça o ingrato

Que de seu sangue té á ultima gotta  
 Por ti não der!

Povo

Pereça!

**Catão**

Povo de Utica,

Romanos — que vós sois Romanos ainda,  
 Que pretendeis? As legiões de Cesar  
 Estão ja sôbre nós. Esse alvorôto,  
 Esse acclamar o nome d'um proscripto  
 Moverá sua cholera tremenda  
 Contra vós. Ide em paz, amigos, ide.  
 Meu coração trasborda agradecido  
 C'ô esse applauso sincero e não suspeito...  
 Mas, Uticenses — não deis pasto ás iras  
 De Cesar: sua causa vencedora  
 Achou graça ante os numes. Ide, oh, ide;

E guardae d'este impeto primeiro  
 Os filhos, as espôsas. Não façamos  
 Mais victimas. Escape ao sacrificio  
 Algum siquer de quantos se atreveram  
 A ser amigos de Catão... (gemidos e choro geral en-  
 tre o povo)

Um do povo

Quem hade

Desemparar o bemfeitor, o amigo,  
 O pae do povo, o protector constante,  
 A nossa última esp'rança?

Povo

Ninguem. — Morra

Quem o desemparar.

Catão

Basta, meus filhos... (para Manlio)

Eu não posso deixar de internecer-me  
 Com tanta devoção, Manlio, — e n'êsta hora! (para o  
 povo)

Basta, que me rasgais os seios d'alma.  
 Não as ouvis cahir, essas muralhas  
 De vossa forte patria? Raza em terra  
 C'os areaes será Útica em breve...  
 Olhae! não vêdes como vêem com ellas  
 Alanceados, partidos a pedaços,  
 A suverter-se no montão das ruinas  
 Os poucos, derradeiros defensores

Que nos restavam? Oh, tende piedade  
De vós, de vós!

Um velho

A nossa vida é nada:  
Somos velhos inúteis.

Uma mulher

E mulheres,  
Que não podemos defender a patria,  
A liberdade.

Um velho

Mas queremos todos  
Morrer por seu magnanimo caudilho.

Povo

Queremos!—por Catão!—morrer!

Catão

Oh Cesar,

Assim não triumphaste nunca!—Amigos,  
É forçoso; curvêmo'-nos ao fado.  
Fizemos quanto humano esforço dava;  
Mais não podemos, que é tentar os deuses.  
Concidadãos, não tenho mais que dar-vos:  
Conselhos só;—ouvi-os, attendei-os.  
Pae me chamastes?—Escutae a extrêma  
Vontade, o último rôgo e mandamento  
De um pae. . . e promettei-m'o aqui n'esta hora  
Solemne,—n'este instante derradeiro

Da despedida — promettei cumpri-la :  
 Jurae-m'ó, filhos!

Povo .  
 Sim, jurâmos.

Catão .  
 Ide ;

Obedecei á voz agonizante  
 De Roma que vos falla por meus labios.  
 Salvae-vos! Ahi estão naus aparelhadas  
 Para quantos não ousam confiar-se  
 Na clemencia de Cesar. . . A clemencia  
 De Cesar!—A seus lares socegados  
 Voltem os outros. Ide, fuge o tempo:  
 Adeus!

Um do povo  
 Vem tu connosco, e iremos todos  
 Contentes inda além das portas d'Hercules.

Povo .  
 Vem, vem connosco, pae!

Um do povo  
 Sos onde iremos?  
 Sos, sem Catão, não vamos.

Povo  
 Não! não vamos.  
 (Grande rumor entre o povo)

**Catão**, a grandes brades

Perjuros! renuncio ao vosso affecto.  
Desobedientes, vosso amor fingido  
Lanço de mim; e impreco os sanctos deuses  
Que sôbre vós...

**Povo**

Catão, não nos maldigas:  
Obedecêmos ja. (Começa a dispersar-se o povo)

**Catão**

Filhos de Roma,  
Não meus,—filhos de Roma, e dignos d'ella,  
Proteja-vos o Deus que a desempara  
Por nossos crimes — e a vós vos salve,  
Que innocentes sois d'elles. (Vai-se retirando o povo,  
parte para as naus, parte para o interior da cidade)

## SCENA VI

CATÃO, MANLIO, JUBA

**Catão**

Vai, meu principe  
Com a tua presença — que eu não posso,  
Commoveu-me demais este spectaculo!  
Pôr ordem n'esse embarque. Reservada  
Das triremes fique uma: é para Manlio,  
Para ti,— para aquelles que poderão  
Escapar.



**Juba**

Mas...

**Catão**

Qué?

**Juba**

Oiço a cada instante  
 Redobrar o conflicto... E eu longe d'elle!  
 Que dirá de mim Numida e Romano?  
 —D'aqui... oh, d'aqui vejo Marco-Bruto  
 So, impavido, e firme como o Atlante,  
 Em pé sóbre um accervo de ruinas,  
 De pedras — cimentadas com cadavêres  
 E sangue! — d'aqui lhe oiço a voz ingente  
 A Romanos e a Numidas bradando,  
 Dando ordens; e co'a intrepida firmeza  
 D'aquella alma, so menor que a tua,  
 Sustentando, contendo o marte adverso...  
 — E a mim de tanto p'rigo e tanta glória  
 Não me hade caber nada!

**Catão**

Nobre Juba,  
 O louro dos heroes custa mais sangue  
 E lagrymas, do que águas leva o Tibre,  
 A cujas ribas cresce a fatal rama.  
 É mais bella, mais pura e digna do homem  
 A do carvalho civico. Vai, Juba:  
 Salva esses cidadãos. Eu tambem tenho

Amor á minha glória, e aqui estou.— Quanto  
Póde inda Bruto sustentar-se?

**Jubá**

Uma hora

Breve, escassa... (Olha da galeria)

Nem tanto porventura!

Oh, Catão, aproveita-a, que...

**Catão**

Não tarda

A minha hora... mas não veio ainda.

—Vai onde te pedi, vai: não descanço

Emquanto éstas galés não desafferram.

## SCENA VII

CATÃO, MANLIO

**Catão**

Manlio, em que pensas tam profundo?

**Manlio**

Penso

Na desgraça de Roma,— que, de todos  
Abandonada, nem Catão lhe acode.

**Catão**

Outra vez t'ó repitto: meu amigo,  
Eu — que posso eu j'agora?

**Manlio**

Pódes muito.

Teu nome e auctoridade é respeitado  
Do dictador. Pódes tentar aomenos  
Um derradeiro esfôrço a pró de Roma :  
Talvez ainda stipular com Cesar...

**Catão**

Com Cesar stipular ! Entrar em pactos  
Com o forte não póde o fraco : estala,  
Antes de dado, o laço da alliança,  
Da convenção, do nome que mais queiras  
A taes convenios dar. — Amigo, é baldo,  
É louco esperar nada mais de Roma.  
Eu resisti por honra, por estricto  
Civico pundonor, — não que esperasse  
Fructo da resistencia : fructo, digo,  
Para o colhermos nós ; que a resistencia  
Do povo a seus tyrannos e oppressores,  
Nunca é van, não se perde. Mallograda  
A vemos hoje : e o coração fallece  
A quem ve tanto sangue derramado,  
Tanto infeliz, tanta miseria — e tudo  
Em vão. . . — Mas não foi vão ! — Virá um dia. . .  
Quando, não sei ; a Sempiterna Essencia  
Em tábuas de diamante o tem marcado :  
Virá um dia. . . — Mas é longe ainda  
Esse dia de nós. — Ai ! quantas vezes  
O temos ditto ambos ! Inda agora

M'o repettiste, Manlio : Roma é serva  
 No coração, tem alma escrava ha muito,  
 Precisa de tyranno. Catilina,  
 Sylla, Mario cahiram de pouca arte,  
 De pouco expertos no mester difficil  
 De dourar os grilhões : foram lançar-lh'os  
 Rudos, negros ao collo inda lembrado  
 De antigas ufanias. Julio é outro :  
 Sobeja-lhe arte para ser tyranno  
 De sua patria decrepita. — Não mata,  
 Algoz que é so cruel, a liberdade :  
 O sangue não a affoga ; reverdece  
 No martyrio. — Senhor, como esse, fôra  
 Uma benção do ceu sôbre a republica  
 Emquanto ella tem fôrças para a cura,  
 Que, ja'gora, so póde dar-lhe o ferro  
 D'um tyranno — que rasga, dilacera,  
 Estimula, espedaça, — mas, ás vezes,  
 Como a espada de Achilles fabulada,  
 Sara o que fere. — Porém Cesar !... Cesar  
 É tyranno mais dobre, mais astuto.  
 Esse é traidor algoz : não mata a ferro,  
 E so vai propinando lentamente  
 Venenos incubertos, disfarçados,  
 Que, sem travar nos labios levam morte  
 Ao coração, — e o derradeiro affogam  
 Desejo, idea, imagem da proscripta  
 Liberdade. . . (silencio longo)  
 Oh! — Já vão sahindo o porto,

Ja largaram as naus. Respiro: um pêso  
Ferreo se me tirou de sôbre o peito.  
Estão salvos, e eu livre! — Meu amigo,  
Tu vais com elles.

**Manlio**

Eu!

**Catão**

Sim tu, meu Manlio,  
E Juba vai contigo. — E Marco-Bruto  
Irá tambem: vou-lhe mandar que cesse  
O combate, e que as portas abra a Cesar.

**Manlio**

Bruto não cede assim, nem te abandona.  
E heide fazê-lo eu?

**Catão**

Sim, hasde. — Marco  
Hade tambem obedecer-me. Ardente,  
Arrebatado é o joven, mas sincero,  
Probo, leal. — Perdoa-lhe, eu te rôgo,  
Perdoa-lhe, ama-o pelo amor antigo  
De Catão, que t'o pede. — Bruto e Juba,  
Ambos são filhos que adoptou minha alma;  
E ora t'os lego, amigo. — Vai com elles  
E esses poucos fleis que inda restarem,  
Buscar asylo, ou seja na Numida,

Ou além nas indomitas Hispanhas,  
 Ou onde quer que amigos vos acoitem  
 Das proscipções de Cesar.

**Manlio**

E tu proprio  
 Porque não vens connosco? Ó meu amigo,  
 O povo com justiça t'o pedia:  
 Vamos co'estas reliquias d'outra Cannas,  
 Vamos a demandar novo Cannusio,  
 Donde talvez, contigo, inda possamos  
 Volver a conquistar o Capitolio  
 E resgatar a patria. — Das Hispanhas,  
 Inda não-subjugadas, nos convida  
 O filho de Pompeu, que entre esses povos  
 Fortes legiões instrue, e co'ellas jura  
 Vingar o pae. . . Surris? — Talvez de incredulo.  
 Mais illustres proscriptos (não é elle  
 O primeiro) ahi acharam gazalhado,  
 Defensores e patria. . . — e patria, amigo,  
 Menos ingrata do que a nossa Roma.  
 E porque não iremos nós entre elles  
 Procurar as fortunas de Sertorio  
 Lá no extrêmo Occidente, n'esses montes  
 Ferozes de sua ingenua liberdade?  
 Depararemos porventura ainda  
 Com algum Viriato que esquecido  
 Não tenha o amor da independencia antiga.  
 Deante d'esses feros Lusitanos,

D'esse nobre, indomado povo duro,  
 Ja muita vez tremeram de assustadas  
 Aguias romanas, e . . . — Tu ris!

**Catão**

Sim, rio,  
 Manlio, e de ouvir-te. O cego entusiasmo  
 De Bruto não se inflamma, não centelha  
 Com mais viva eloquencia, nem lhe rompe  
 Com tanta convicção do intimo peito.  
 Que seductora é a amizade, Manlio!  
 Tu, cuja razão clara e exp'imentada  
 Ri das vans esperanças de mancebos,  
 Fez-te mais cego que elles a cegueira  
 Do amor que me tens. Não me quizeste  
 Inganar, bem o sei, não: o enganado  
 Foi o teu coração. — Meu caro Manlio,  
 De illusões basta ja: eu nada espero  
 (Nem o esperas tu; bem o conheço)  
 Do mancebo Pompeu ou de suas armas.  
 Esses barbaros sim — mas será tarde —  
 Os barbaros, que tanto desprezámos,  
 De quem nós, de quem Gregos, nossos mestres,  
 Mofaram tanto — esses hão de ainda  
 Os altares erguer da liberdade,  
 Que nós, impios, sacrilegos prostrámos.  
 Elles accenderão seu fogo sancto  
 Para allumiar, purificar a terra.  
 Diz-m'o no peito um Deus: n'essa esperança

Morro: — essa esperança me consola  
 No desespero de morrer sem patria... (fica algum  
 tempo em silencio e meditando; — levanta-se e prosegue:)  
 Oh! minha morte não será inutil!  
 Um dia inda virá que este meu sangue,  
 Hoje aqui derramado em sacrificio  
 Á liberdade sancta — reverdeça  
 D'ante os olhos da oppressa humanidade,  
 E alce clamor com que tyrannos tremam,  
 E acordem povos... (depois de longa pausa, vem a Manlio,  
 e apertando-lhe mão.)

Manlio, meu amigo,  
 Baste este adeus. Não mais: sejamos homens:  
 Adeus! — Parte, que é tarde. — Adeus!

Manlio

E é fôrça,  
 É fôrça... que este seja o derradeiro! (Abraçam-se;  
 Manlio retira-se lentamente.)  
 Obedeço-te.

Catão

Vai! — Oh, ver-nos-hemos  
 N'outra patria mais bella e mais ditosa...

## SCENA VIII

CATÃO 66

Quebrou mais este laço. Foi violento



O golpe... É ha inda onde fira um golpe  
 No coração que todo é chaga viva...  
 Antes callosa úlcera insensivel?  
 Oh, van philosophia! (Para longa)  
 É morta Roma!  
 É morta Roma... e eu sou vivo ainda!  
 Começa a invergonhar-me ésta fraqueza.  
 Morrer! — Mas eu receio acaso a morte?  
 Não porcerto; não vejo na minha alma  
 Nem a menor sanidade da existencia.  
 Sinto no peito o coração tranquillo;  
 Pelas veias o sangue vai pausado...

## SCENA IX

CATÃO, MARCO-BRUTO, JUBA

**Marco-Bruto**

Meu pae, estamos sos alfim... Não resta  
 Mais um Romano em Utica. Os escravos  
 Do tyranno inundaram a cidade.  
 Apenas ésta casa se defende  
 Com um resto de Numidas.

**Catão**

E o passo  
 Que occulto leva ao porto e ás naus — seguro  
 E livre é inda?

**Juba**

Sim, e guarnecido  
Com cem frecheiros meus: o passo é estreito,  
Facil de defender; nem o descobrem  
Tam cedo.

**Catão**

Bem está. — Ide, meus filhos;  
Ide, que Manlio so por vós espera  
Para levantar âncora. Adeus! — Marco  
Respeita o honrado ancião. — Juba. . . estremeces?  
Medo não é. — Tu coras, Marco, e infias  
Ao mesmo tempo? — Filhos! . . . (Deitam-se ambos aos pés  
de Catão e o abraçam.)

**Juba**

Tremo, e é medo  
De te deixar, meu pae!

**Marco-Bruto**

Pae, não te deixo.  
Não eu! Maldize embora o filho.

**Catão**

Filho!  
Es cruel com teu pae.

**Marco-Bruto**

Impio me chama:  
Não parto. — Fugir eu, salvar a vida  
E abandonar Catão! Tal se não hade

Dizer de Marco-Bruto. Se forçosa,  
Se a Roma necessaria é ésta fuga,  
Dá-nos o exemplo tu: vem.

**Catão**

Mui diff'rentes  
São os nossos deveres: Bruto deve  
Para a patria viver; mancebo é inda,  
Talvez um dia . . . poderá servi-la:  
Catão velho, caçado, e a Roma inutil. . .  
So lhe resta morrer.

**Juba**

Morrer!

**Catão**

Sim.

**Marco-Bruto** (levantando-se)

Morre:

Mas eu não vivo.

**Catão**

Vives, que eu t'ó ordeno,  
Que o manda Roma.

**Marco-Bruto**

Roma! — Que o decretem  
Os soberanos deuses, Bruto deve,  
Onde expirar Catão, morrer com elle.

**Catão**

Meu filho! Ha poucas horas inda eu tinha  
 Outro filho... Levou-m'o a patria. Embora!  
 Cahiu n'ésta hecatombe derradeira...  
 Fiquei eu so das victimas marcadas!  
 — Mas tu, tu es tambem meu filho... filho-  
 Da minha escolha, mais querido ainda,  
 Que orpham te pôz o crime em meu regaço..

**Marco-Bruto**

E eu heide abandonar-te nas mãos d'elle!

**Juba**

Abandoná-lo! Aqui morrémos ambos  
 Comtigo: e mais gloriosa morte...

**Catão**

Juba,

Tuas obrigações são mais restrictas  
 Que as d'elle ainda. Onde o poder supremo  
 Se tolera n'um so, — todo lhe incumbe,  
 É responsavel pelo incargo inteiro  
 Da republica. Deves-te a ella, principe;  
 Não es teu ja.

**Marco-Bruto**

Meu pae, os teus preceitos  
 Foram, como os decretos soberanos  
 Dos deuses, para mim sempre. Mas hoje,  
 Não te obedeco. Eu d'aqui não saio.

Juba

Nem eu. (Silencio consideravel: Catão medita algum tempo.)

Catão

Ficæ embora: mas juræ-me  
Que salvareis a vida.

Juba

Juro.

Marco-Bruto

Juro

Se...—Jurarei—se... Ah! Mas tu...

Catão (tomando-o pela mão)

Meu filho,

Marco-Bruto, meu filho... Oh, que este nome

É de todos os nomes o mais doce!

Pela vez derradeira um pae te falla,

E tu não hasde ouvir as vozes d'elle!

Minha extrêma vontade, hade o meu filho

Desprezar de seu pae! O último rôgo

Ja feito sôbre a margem do sepulchro,

Hasde esquecê-lo tu? Catão supplica,

Pede Catão, e Bruto não o attende!

Meu filho, vem, recebe no teu peito

O longo, o saudoso adeus da campa,

Que so vai terminar na eternidade... (abraçando-se)

— Este abraço de morte inda é romano,

Éstas mãos que te apertam não tem ferros!

Meu filho, adeus! Sê virtuoso sempre.  
 Não podes ser Romano, — mas sê homem.  
 Roma acabou-se, — resta-te a virtude.  
 Já não tens pátria, — mas tens honra ainda.  
 Vai — apenas o estado mais tranquillo  
 Das coisas o permitta, repousar-te  
 Nas avitas Sabinas: deixa o mundo  
 A Cesar, e tu vive socegado  
 Cultivando o teu campo. Glorioso  
 É aquelle terrão que tantas vezes  
 O gran'Censor co'as proprias mãos lavrava.  
 Dou-t'o em dote da filha a quem mais quero,  
 A minha Porcia: pela antiga usança  
 Da boa e velha Roma foi criada:  
 Ama-a, que o vale. Eu t'a colloco e intrego  
 Digna esposa de Bruto. — E adeus, meus filhos,  
 (abraçam-se todos tres)

Recordae-vos de um pae que vos amava,  
 Para chorá-lo, não, que morreu livre;  
 Mas para vos lembrar de seus conselhos,  
 Para segui-los sempre. Adeus! (vai a tomar a es-  
 pada de sôbre o abaco, e não a acha)

Traidores!

Que fizestes! Quereis ir intregar-me  
 Escravo, servo com as mãos atadas,  
 Aos algoces de Cesar, ou á infamia  
 Peior, maior, de seu perdão? Ingratos,  
 Vós meus filhos não sois: eu vos abjuro,  
 Vos renego.

## SCENA X

CATÃO, MARCO-BRUTO, JUBA, MANLIO

**Manlio** (trazendo a espada imbrilhada na toga)

Fui eu, fui eu: perdoa-me;  
 Não pude resistir... Cuidei...— Occulto (Ap-  
 pontando para uma porta interior)  
 Vigiava d'alli... Mas ja é tarde.  
 Meu amigo, estão ja n'esse atrio... Foge,  
 Foge, ou...

**Catão**

Fugir eu! Dá-me essa espada. (**Manlio**  
 recua: **Catão** alça a voz tremendamente)  
 Dá-m'a! (**Manlio** entrega a espada)  
 Oh Roma, oh Roma! Oh minha patria,  
 (Fere-se)  
 Ja não ha mais que a vida — ei-la: recebe-a:  
 Vamos, aomenos, junctos ao sepulchro... (**Cai**:  
 — tomam-o nos braços)

**Marco-Bruto**

Meu pae!

**Juba**

Venceste, Cesar, o universo:  
 Não venceste **Catão**. Dae-lhe ésta glória,  
 Iniquos deuses!

**Manlio**

Expiraste, ó Roma!

**Catão**

Amigos; estes últimos instantes,  
 Não m'os façais amargos. Por piedade...  
 Essa dor — a meus olhos — occultae-a...  
 Não me deis — morte... morte de... covarde...  
 (Desfallece)

**Marco-Bruto**

Oh meu pae! (Procuram estancar-lhe o sangue)

**Manlio**

Meu amigo! Que velhice,  
 Que extremos dias me guardava o fado! (Ouve-  
 se alarido de soldados que se approximam: tiram as espa-  
 das)

**Juba .**

Morrámos defendendo este cadaver.

**Catão (tornando a si)**

Impios! — o juramento...

**SCENA XI**

**CATÃO, MARCO-BRUTO, MANLIO, DECIO** com  
 legionarios de Cesar

**Decio**

Paz! clemencia!  
 Paz em nome de Cesar! Honra e glória  
 Ao seu nobre inimigo, ao homem grande



Que o dictador magnânimo respeita,  
Ama, e... (dá com os olhos em Catião)— Oh! que vejo! tu...

**Catião** (esforçando-se para falar)

Ja — na... da  
Tenho... que... receiar... de... suas... iras...  
Nem... de... seus beneficios... — Mas, amigos,  
Vós trahis-me! Porque... vedar-me o sangue?  
Deixae-me — eu sei morrer. (Mette as mãos ambas na  
ferida e, rasgando-a com ultimo esforço, exclama:)

Oh... Roma! (Expira)

**Manlio**

É morto

Com a patria nos labios. — Ai, que patria  
Lhe fadaram os ceus! (silencio longo)

**Marco-Bruto** (para Decio)

Contempla indigno,  
Contempla a tua obra. Lê, perverso,  
No horror d'aquella chaga os teus delictos.  
Colhe, escravo, esses louros sanguinosos,  
Leva-os a teu senhor: da-lhe, que o beba,  
Na taça da ambição aquelle sangue...  
C'um parricidio mais orna-lhe a glória.  
Que mais quer, que lhe falta? Esse malvado  
Porque não vem gosar do seu triumpho?  
Venha, venha rever-se no seu crime;  
Venha, venha folgar sobre o sepulchro

De Catão e de Roma... Quer mais sangue?  
 Resta-lhe o meu... — Pois venha derramá-lo:  
 Tome-o, dou-lh'o: — resgate-me da infamia  
 De o trazer n'estas veias... — mate a sêde  
 Do coração atroz...

**Decio**

Lembra-te, ó Marco,

Da carta...

**Marco-Bruto**

Que vieste recordar-me! (Pausa)

Sabes o que disseste? — Mal conheces

Que sentença de morte proferiste.

Eu, elle não... — Porquê? O parricida

É elle, não sou eu. Se é d'elle o sangue,

Para que m'o legou com tantos crimes?

— Abominado sangue!... (Depois de breve pausa, vai direito  
 a Decio, trava-lhe da mão, e apontando para o cadaver)

Ves aquelle?

Aquelle sangue é que é o meu, escravo.

Sorvi-o, gotta a gotta, co'estes labios;

E entrou no coração, todo; aqui todo

M'o deixou a vingança inthesourado. (Ajoelhando  
 deante do cadaver, arranca-lhe o punhal, e levanta-se)

Este ferro, este ferro precioso

É legado d'um pae... — Pae... oh! que nome!

Onde ha maldicção como ésta minha?

Sou filho d'elle, sou: — e heide mostrar-me

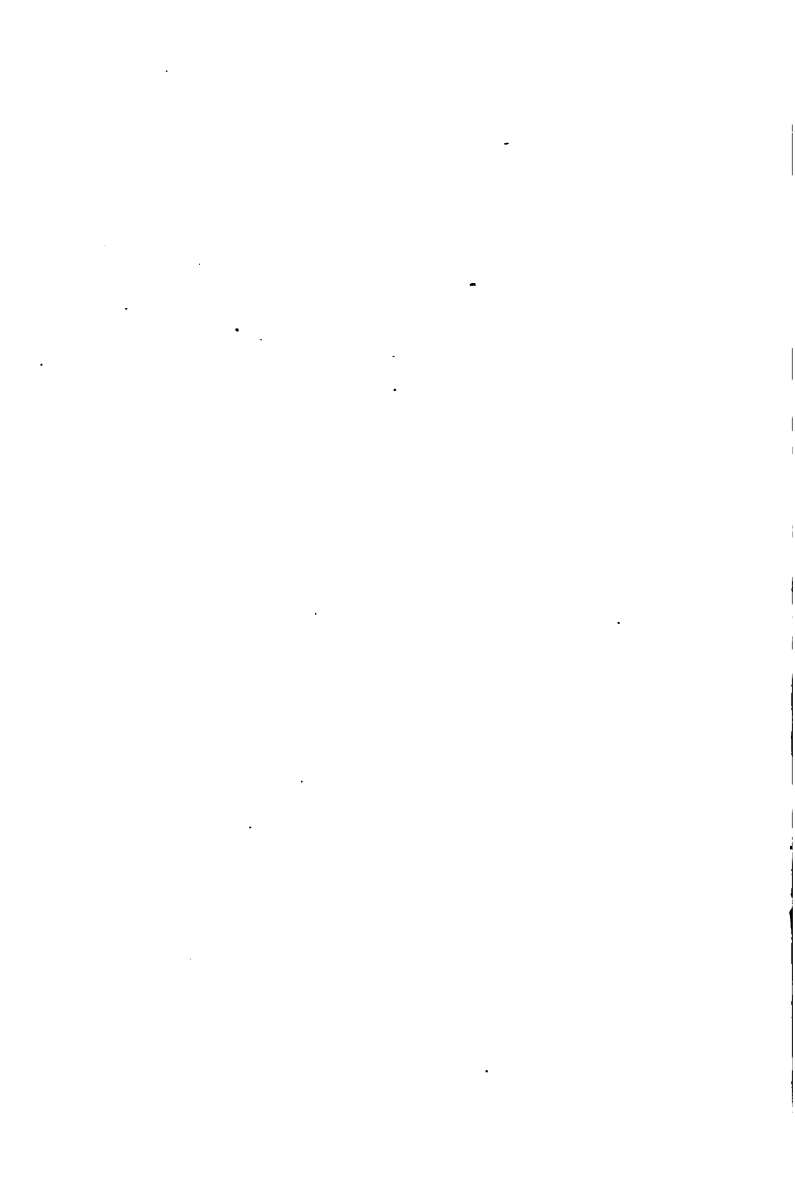
Digno do pae no parricidio... — Oh! tremes,

Covarde coração! Que horror! Eu filho  
D'elle... d'elle! — Não sou: é falso: mente.  
Sou filho so de Roma. — Pae ja tive... (Apontando  
para o cadaver)

Quem m'o roubou? — O mesmo parricida  
Que matou Roma. E heide eu ter remorsos?  
Remorsos!... — Insinou-me a desprezá-los  
Esse a quem devo... — Devo so vingança.

Pronuncia as tres últimas palavras com grande brado, e al-  
vantando a espada para o ceu. — Cai o panno.

## NOTAS



## NOTAS

### AO ACTO PRIMEIRO

#### NOTA A

Fracos sobejos da fatal derrota  
De infeliz Pompeu...

Sc. I., pag- 67.

Os defensores de Utica eram principalmente os restos do exército de Cneu Pompeu que nas planícies de Pharsalia fôra completamente derrotado por Cesar. A este Pompeu chamaram o grande por seus grandes feitos: era de nobre familia equestre; seus paes Pompeu Strabo e Lucilia. Seguiu, nas facciosas guerras de Sylla e Mario, as partes do primeiro; e não tinha mais de vinte e seis annos quando, ja conhecido por sua eloquencia no fóro, foi ganhar pasmosa celebridade como general, conquistando e tirando do poder de Mario a Sicília, e logo, em quarenta dias, a Africa toda. A victoria era por conta de Sylla; mas Sylla tremeu de seu proprio auxiliar, e o mandou voltar a Roma. Veio elle, mas, não contente do título de *Grande* com que foi saudado por seu patrono, quiz, exigiu e obteve porfim as honras do triumpho que a nenhum simples caval-

leiro romano até então se tinham dado. Já não era o cliente mas o rival de Sylla; por sua propria conta logo, foi combater, e venceu o resto da facção de Mario commandada por Lepido; obteve novo triumpho, e foi nomeado consul. No seu consulado restabeleceu a dignidade do poder tribunicio, e em quarenta dias veio a cabo dos piratas do Mediterraneo que perseguia até suas extremas guaridas da Cilicia. O partido popular, que serviu sempre, com ser de habitos e inclinações aristocraticas, lhe fez dar o commando do exercito d'Asia na famosa guerra-Mithridatica; venceu prompto os dous tremendos inimigos de Roma, Mithridates e Tigranes, e dispoz do Oriente como de coisa sua; deu, tirou coroas, e so de uma vez recebeu a homenagem de doze reis. Conquistada a Syria, reduzida a Judea a provincia romana, voltou a Italia, e quando os Romanos tremendo curvavam já o collo ao novo senhor que n'elle esperavam, Pompeu desarma as legiões, e entra em Roma como simples cidadão. Valeu-lhe a modestia um novo triumpho e o amor dos verdadeiros republicanos, que já eram menos e mais corruptos, mas ainda poderosos. Entraram no thesouro, com os despojos que intregou, 20:000 talentos; e as rendas do erario cresceram de 50 a 85 milhões de drachmas. Mas Pompeu não amava sinceramente a liberdade, senão o poder; e so affectava humilhar-se e cortejar o povo, para dominar em seu nome. Logo o mostrou, formando com Cesar e Crasso aquelle primeiro triumvirato que não so foi norma do segundo, mas de todas as ligas tyrannicas, que, sob diversos nomes e pretextos, teem avexado as nações e o mundo. A Crasso tocou a Syria, a Pompeu a Africa e as His-

panhas, Cesar ficou com o resto e com o governo da Gallia. — A liga quebrou-se logo com a derrota de Crasso por uma parte, — e por outra com a morte de Julia, filha de Cesar que, dada em casamento a Pompeu, era um dos pinhoes da união. Pompeu, fomentando a anarchia em Roma, queria tornar necessaria a dictadura que ambicionava. Cesar quiz o consulado, e obtivera-o se não fosse a opposição de Catão. Recusaram-lh'o, e marchou sobre Roma. Pompeu fugiu, com elle os consules e parte do senado que lhe deram o poder discricionario que desejava: a sua causa era popular pela assistencia de Catão a quem mettiam mais medo as declaradas intenções de Cesar contra a republica, do que os proprios vicios de Pompeu, — que todavia a minavam e destruiam do mesmo modo. Tudo porém cedeu ás disciplinadas legiões de Cesar, que perseguiu Pompeu até á Grecia, onde se deu emfina a celebrada batalha de Pharsalia; perdida a qual, Pompeu foi obrigado a fugir disfarçado e a ir buscar asylo no Egypto juncto a etrei Ptolomeu, que infamemente o trahia, mandando-o matar apenas deslmbarcou. Cesar, a quem o indigno rei mandou a cabeça do seu amigo, fugiu horrorizado da vista atroz, e derramou muitas lagrymas. Foi morto Pompeu no 48 anno A. C. N., com 59 de idade. Catão, com os

Fracos sobejos da fatal derrota  
De Pompeu,

foi junctar-se com Scipião em Africa; e, desbaratado tambem este pelas irresistiveis armas de Cesar, accollheu-se a Utica, na situação em que o presente drama o figura.



Veja *Valer. Max.* 2, cap. 10; *Plut., vita Pomp.*; *Vel. Patere.* 2 e 29; *Dio. Caes.*; *Caes., de bell. civ.*; *Eutrop.*; *Cic. ad Attic., orat.* 68 etc.; *Flor.* 4.

## NOTA B

..... Qu'é d'ella, a liberdade?

Quanta nos deram Mario, Sylla? — Quanta

Nos daria Pompeu se triumphante

Com suas legiões voltasse ao Tibre!

Sc. II., pag. 70.

O que sería Pompeu se triumphasse de Cesar, e de Pharsalia marchasse vencedor sobre Roma, em vez de fugir vencido para Alexandria, bem se póde inferir de suas inclinações, que o proprio Catão conhecia muito bem, apesar de o patrocinar sempre contra Cesar, por princípio de politica, esperando quebrar na opposição éstas duas ambições rivaes que ameaçavam a liberdade. Na nota anterior se viu o resultado d'essa combinação, que não podia ser outro senão o triumpho de um dos dous tyrannos. A antiga constituição de Roma estava destruida, ja se não podia restabelecer. Muito grande, muito ricca, muito corrupta, era-lhe forçoso servir. As facções armadas dispunham sos, ha muito, do poder que se dizia havido do povo, em quanto o povo passava da tyrannia de Mario para a de Sylla, da d'este para a d'aquelle, sem ousar tomar parte n'uma questão que so era sua, porque, vencesse qual vencesse, elle povo tinha de pagar o triumpho. Mario era um camponez rustico; das fileiras subiu a general, e seis vezes foi consul. Sylla nobre e pulido, mas pobre, chegou a ser riquissimo, foi dictador e dominou o mundo.

Aquelle á frente da facção popular, este da aristocratica, ambos disputaram de tyrannia, de atrocidades e de crimes. Qual degollou mais cabeças, qual derramou mais sangue? Não sabe responder a historia, não o poderiam dizer nem os contemporaneos. Mario prezava-se de ignorante, do desprêzo em que tinha as letras, do odio que professava a seus cultores. Sylla foi esplendido patrono das sciencias e das artes. Mas a um a ignorancia, a outro a instrucção levaram aos mesmos crimes e sepultaram nos mesmos vicios. De Mario sabemos que morreu na imbriguez; de Sylla, comido de piolhos pela corrupção em que sordidas crapulas lhe pozeram o sangue.

Nenhum amava a liberdade, nenhum a serviu; mas ambos a arvoraram em seus vexillos para capa de paixões, de odios, de ambições, de caprichos pessoaes. Mario, homem do povo, atirava ao povo com as cabeças dos senadores e cavalleiros romanos; e o povo tonto gritava: Viva a liberdade!— Sylla, nobre e cavalleiro, mandava espetar nas pontas das lanças dos seus as cabeças dos amigos de Mario; e as classes superiores gritavam: Viva a liberdade!— E todos diziam bem em seu sentido; porque, em *lingua facciosa*, LIBERDADE quer dizer a *dominação do meu partido sóbre o contrario*.

Qual foi a consequencia? que os Romanos se cansaram por fim, e Cesar reinou absoluto.

Veja *Cic. in Verr. etc., C. Nep. in Attic.; Tit. Liv. 75 etc.; Paus. 1, c. 20; Val. Max. 12; Flor. 3, c. 5 e 1. 4 c. 2; Polyb. 5; Just. 37 e 38; Plut. in vit.; Eutrop. 5, c. 2; Vel. Pat. 2, 17; Luc. 1; Virg. Æn. 6, etc.*

## NOTA C

..... Os Quincios  
 Já não voltam .....

Sc. II., pag. 71.

Lucio Quincio Cincinnato deixou o seu nome e glorioso desinterêsse em proverbio aos Romanos, e de perpétua accusação e vituperio aos falsos republicos de todas as nações para quem o enthusiasmo da liberdade não é senão capa de ambição e de inextinguível sêde de dominio. Viveu á volta de 460 A. C. N. É bem sabida a sua historia. Andava lavrando e com a mão á rabiça do arado quando lhe chegou mensagem do senado que o elegêra dictador. Deixou com pezar o sulco meio-aberto, mas correu ao campo; venceu os Volscos e Equos que cercavam o exército romano e entrou triumphante em Roma. Dezeseis dias depois da eleição, depôs a dictadura e voltou á sua lavoura. Outra vez foi chamado á dictadura quando já octogenario; venceu, e no fim de vinte dias tornou a depor o podêr supremo, recusando todas as recompensas que lhe queria dar o senado.

Veja *Cic. de Fin.* 4; *Flor.* 1; *Til. Liv.* 3.

## NOTA D

... Aquella pobreza sancta e livre  
 De Fabricio .....

Sc. II., pag. 71.

Caio Fabricio é outro nome que as antigas virtudes romanas fizeram proverbial no mundo. Quatrocentos talentos (320:000,000 réis) entraram no thesouro, dos despojos das victorias que ganhou contra os Samnites

e Lucanios em seu primeiro consulado; elle ficou pobre como d'antes. Dous annos depois, indo de embaixador a Pyrrho, recusou com indignação os presentes e offertas do attonito rei, que ainda mais o ficou quando o proprio embaixador lhe veio denunciar a traição do seu medico que se offerecêra para o inveni-  
 nenar. Morreu e viveu na maior pobreza: foi enterrado a expensas públicas; e duas filhas que deixou, foi necessario que as dotasse o Povo Romano, como liberalmente fez.

Veja *Plut. in Pyrrh.*; *Val. Max. 2, 4*; *Cic. de off.*; *Virg. Æn. 6.*; *Flor.*

## NOTA E

Marco Tullo venceu a Catilina;  
 E hoje — mollemente passeiando  
 Em seus jardins de Tusculo, revendo-se  
 Em marmores de Athenas, manso e quèdo  
 Philosophando val. — . . . . . Sc. II., pag. 71.

Cicero, depois da derrota de Pharsalia, acolheu-se para Brundusio; e amnistiado por Cesar, foi viver retirado no campo, com os seus livros e os seus marmores: gôsto e paixão que sempre teve e de que o partido *irracional* lhe fazia crime, segundo costuma. Receioso dos projectos liberticidas de Julio Cesar, que ja na questão de Catilina se tinha de sobejo denunciado, Cicero seguira, sem se fiar n'elle, as partes de Pompeu; mas não amando menos a liberdade do que o proprio Catão, julgou todavia inutil o sacrificio de ir com elle para Africa; e dando por perdida, desde Pharsalia, a causa da liberdade, assentou de se abster, como

homem de bem, de toda a participação em negocios publicos, e dar-se todo aos seus caros estudos da philosophia e das lettras.

Depois da morte de Cesar, voltado ao poder o partido que se honrava de contar a Cicero entre os seus, o illustre orador recusou do mesmo modo os cargos publicos, e toda a sua influencia impregou em dissuadir de vinganças. Pagaram-lh'o, como costumam, os que dirigiram a reacção que depois veio: no segundo triumvirato, o de Antonio, Lepido e Augusto, Cicero foi sacrificado á sanha de Antonio, e assassinado, aos 63 annos, 11 mezes e 5 dias de sua idade, e 43 A. C. N., no caminho de Caieta para onde fugia n'uma liteira. Cortaram-lhe a cabeça que levaram para Roma e a penduraram no fóro. Aquella eloquentissima das linguas romanas foi ahi publicamente traspassada de uma agulha feminil pela propria mão da mulher do triumviro, a vingativa Fulvia.

Cicero era um verdadeiro *doutrinario*, no bom e leal sentido da palavra, sincero amigo da liberdade, mas contrario ás vinganças e cruéis odios dos partidos: d'ahi o respeitavam e odiavam os mandões d'elles todos. O povo chorou-o, e a posteridade ainda não admirou ninguem mais.

Veja *Cic. oral.*; *Flor.*; *C. Nep. in Attic.*; *Quintil.*; *Plut. in vit.*; *Dio. Cass.*; *Apian. etc.*

#### NOTA F

..... Que resurgissem  
Os Grachos .....

Sc. II., pag. 71.

Tiberio e Caio Graccho eram filhos de T. Sempro-

nio Graccho, duas vezes consul e uma censor, e de sua mulher Sempronia, da familia dos Scipiões, matrona de grande virtude, espirito e piedade, mãe exemplar no desvelo e amor com que os educou. Ambos foram eloquentes oradores, e exagerados propugnadores do princípio democratico, ao qual queriam fazer subservientes todos os outros elementos da sociedade. Mas eram sinceros em suas opiniões, leaes e constantes em seu procedimento.

Tiberio quiz restaurar a lei agraria, e conseguiu pela violencia fazer decretar de novo ésta antiga origem das maiores desordens e calamidades de Roma. Mas no meio de seu triumpho, rodeado da plebe toda que o ia reeleger tribuno, foi atacado em pleno fóro por P. Nasica, e assassinado vergonhosamente no meio do povo attonito que o abandonou de covarde.

Socegaram por algum tempo as desordens. Mas Caio, que tambem foi tribuno, e muito mais exaltado que seu irmão, fez em breve recrudescer todos os antigos odios; usurpou de facto a auctoridade suprema, em nome das *massas* (como hoje se diz) opprimiu as outras classes todas, e levou a tal ponto os vexames, que excitou uma reacção tremenda contra si. Tambem este foi abandonado pelo povo, obrigado a fugir, e emfim morto por ordem do consul Opimio no templo de Diana onde se refugiára, A. C. N. 121, á volta de treze annos depois de seu irmão Tiberio.

Lançaram-lhe o cadaver no Tibre, e prohibiram a viuva de tomar lucto por elle!

Veja *Plut. in vit.*; *Cic. cat.* 1; *Luc. Ph.* 6.

## NOTA G

Quando o favor dos *mobiles Quirites*  
 Tinha sédes-curaes e tribunatos,  
 Consulados que dar . . . . . Sc. III., pag. 73.

Ficou-se chamando *Quirites* aos Romanos desde que  
 admittiram na sua cidade os Sabinos de *Cures*, donde  
 derivaram *Quirites*.

Veja *Varr. de LL. l. 4. lib. 1; Ovid. fast. 3.*

Sédes *Curaes* eram dadas so aos grandes magistra-  
 dos ou altos funcionarios da republica, o dictador, os  
 consules, os censores, os pretores e edis. Eram cadei-  
 ras de marfim em que nos actos publicos tomavam as-  
 sento. Os senadores que tinham servido aquelles car-  
 gos conservavam as honras da cadeira de marfim, e  
 n'ella eram levados ao senado por seus escravos. Tam-  
 bem o triumphador subia ao Capitolio em séde curul.

O tribunato foi creado no anno U. C. 261, depois  
 da celebrada dissensão do Monte-Sacro. Os tribunos,  
 ao principio dous, subiram logo a cinco, e d'ahi a dez.  
 Tinham o *veto* nos decretos do senado, convocavam as  
 assembleas populares ou comicios, julgavam em mui-  
 tos casos de crimes publicos. Annulou-os Sylla, cer-  
 ceando-lhes as attribuições; restituiu-lh'as Pompeu. E  
 de tal modo tinham usurpado porfim a auctoridade  
 soberana da republica, que Augusto, para instaurar  
 definitivamente a tyrannia, fez-se tribuno perpetuo.

Havia, além d'estes, os tribunos *militares*, chama-  
 dos *laticlavii* ou *augusticlavii* do particular uniforme  
 que traziam os de origem patricia ou equestre; e se

*disiam rutuli* os nomeados pelo consul, *comitiales* os nomeados pelos comícios.

Depois houve também os tribunos dos pretorianos: os tribunos *æuarii*, especie de pagadores das tropas; e os *tribuni voluptatum* encarregados dos espectáculos publicos. Romulo tinha nomeado os capitães da sua guarda *tribuni celerum*.

O officio dos dous consules annuaes substituiu o dos reis expulsos em 244 A. U. C. — Eram ambos patricios até 388 A. U. C. em que se decretou que um fosse do povo, outro da classe patricia. A lei requeria, nos candidatos a este primeiro cargo, 43 annos de idade, e o ter servido os impregos de questor, edil e pretor. Mas pouco caso se fez d'esta, assim como de muitas outras leis constitucionaes, quando as facções democratica ou aristocratica desequilibravam o estado, até que veio — forçosamente! a tyrannia. Depois, duraram de nome até o anno de 1294 A. U. C. ou 541. A. D. em que Justiniano aboliu totalmente o simulacro d'esta auctoridade que so existia nominalmente desde Augusto.

Durante a republica eram eleitos pelo povo.

#### NOTA H

Que podem os ciosos cavalleiros,  
Os suberbos patricios? ..... Sc. III. pag. 73.

A ordem equestre era a intermédia entre os patricios e a plebe; foi talvez a que deu maiores homens á republica. Chama o texto *ciosos* aos cavalleiros, porque effectivamente o eram, e eternamente o serão to-



das as classes médias, collocadas, por sua posição, entre a preponderancia moral das dignidades e riqueza da aristocracia, e a força material do número das classes inferiores. O *ciúme* será tanto maior quanto menos equilibrada for a constituição por excesso democratico, ou aristocratico — ou monarchico.

## NOTA I

Ei-lo aqui vem o principe dos Numidas.

Sc. IV., pag. 79.

O principe dos Numidas aqui introduzido é um character verdadeiramente historico. Seu pae Juba I, amigo de Pompeu, resistira a Julio Cesar até ser derrotado em Thapso, pelo que perdeu o reino e se deu a morte. O moço Juba tinha seguido o partido dos amigos de seu pae; nenhum estrangeiro foi nunca tam popular entre os Romanos nem se *romanizou* tanto. Captivo e levado por Cesar em triumpho depois da guerra, por tal modo ganhou a benevolencia de todos, grandes e pequenos, em Roma, que Augusto lhe veio a restituir o reino entre os applausos geraes. Escreveu em Grego e Latim de diversos assumptos; historia, zoologia, grammatica, etc.

Veja *Orosio, Strab., Suet. e Dion. Hal.*

## NOTA K

O genio de Quirino que está n'elle, Sc. V., pag. 83.

Nome que os Romanos davam a Marte, seu princi-

pal padroeiro, e a Romulo tambem que imaginaram  
filho d'aquelle.

Veja *Ovid. fast.* 2.

NOTA L

Troa como echo d'essa voz divina

Com que a nossos avós salvou da infamia

Jove Stator.....

Sc. VI., pag. 86.

Jupiter (ou Jove) *Stator* era adorado em Roma no  
templo que lhe levantára Romulo sob ésta invocação,  
em memória do milagre que alcançára, fazendo (*stare*)  
parar, sustar, os Romanos que fugiam dos Sabinos.

Veja *Tit. Liv.; Flor. etc.*

AO ACTO SEGUNDO

NOTA A

..... Lictores,

Expulsae o insensato.....

Sc. I., pag. 97.

Os lictores eram officiaes que acompanhavam sem-  
pre os consules, ou as auctoridades que estavam *po-*  
*testate consulari*, como Catão aqui em Utica.

## NOTA B

Roma não tinha leis quando Tarquinio  
De cidadãos romanos fez escravos? Sc. II., pag. 99.

A constituição de Roma foi livre desde Romulo e Numa: os ultimos Tarquinios fizeram-se tyrannos, e por taes cahiram e trouxeram a republica. É a inevitavel e perpétua reacção da sociedade: os excessos monarchicos trazem a democracia, os desvarios demagogicos a tyrannia.

## NOTA C

Vossas imagens sentirão a affronta,  
Quando a minha — levada em pompa infame  
Deante do vencedor... Sc. II., pag. 104.

No Capitolio estavam as imagens dos homens grandes da republica. Cesar com effeito levou, no seu triumpho, a imagem de Catão deante de si, ja que o não pôde levar em pessoa. E o povo não se fartou de dar vivas ao triumphador! — Catão prophetiza aqui o que realmente veio a succeder. Levar as imagens dos mortos em triumpho, é como hoje diriamos inforçar em estatua.

Veja *Plut. Cal. min.*

## NOTA D

Decio, um homem equestre!..... Sc. V., pag. 109.

*Homo equestris* — por cavalleiro, da ordem dos cavalleiros ou equestre.

## NOTA E

Deante do teu, seu genio acovardado

Vacilla: .....

Sc. V., pag. 110.

É como se hoje dissesse um piedoso christão: 'O meu anjo da guarda treme deante do teu.' Tinham os Romanos — e os Gregos, e creio que todos os povos — que a cada homem era dado por Deus um genio, *δαίμων*, que d'elle tomava conta á nascença e so na morte o largava. A este, que os Romanos principalmente chamavam *Genius*, referiam o homem moral todo, o poder intellectual e diriginte do individuo.

Vencia Scipião uma batalha, era o genio de Scipião que a ganhava; predominava Augusto sobre Antonio, era o genio de Antonio que succumbia ao de Augusto.

Assim Racine, tam propriamente e com tanto sabor romano, fez dizer a Nero, fallando de Agrippina:

Mon génie étonné tremble devant le sien.

Britann. act. II., Sc. 2.

Veja *Cicer, tusc. 1.*; *Plut. de gen. Socr.*

## NOTA F

..... por elle subirei aos Rostros, Sc. V., pag. 111.

Logar alto no fóro, ornado com as proas, ou esponsões das proas, das galés tomadas aos inimigos, e que d'ahi tirava o nome de *Rostri*, os *esponsões* ou pontas ferradas dos navios antigos. A este logar subiam os oradores, como a tribuna, para fallar ás turbas.

## AO ACTO TERCEIRO

## NOTA A

..... nossos avós, austeros guardas  
 Da patria liberdade, se opposeram  
 A que artes gregas na severa Roma  
 Onsassem metter pé ..... Sc. I., pag. 118.

Os austeros Romanos da tèmpera velha tinham medo à civilização, e ás artes que da Grecia lh'a traziam. Catão censor, ditto o velho ou *Calo major*, foi um d'esses.

A aristocracia republicana, que é sempre a mais dura de todas por necessidade de posição, era a que mais temia os progressos das luzes entre o povo. Por vezes expulsaram da cidade os philosophos e os grammaticos e *rhetores* que, diziam elles, corrompiam a mocidade. Avaliem-se por aqui os desvarios que a este respeito disse o democratico Rousseau, e fizeram os seus discipulos.

M. Bruto, criado nas antigas austeridades, e fanatico sincero na sancta causa da liberdade, imagina portanto que os Gregos, então ja vassallos de Roma, se vingavam de seus senhores, mandando-lhes estes fataes presentes para a corromper.

Proconsules se chamavam ordinariamente os que iam governar as provincias sujeitas da republica. O que administrava a Grecia dizia-se proconsul da Acchaia.

Harmodio e Aristogiton foram dous celebrados athe-

nienses que libertaram a patria do jugo dos Pisistratos, A. C. N. 510.

Veja *Plut. Cat. maj.*; *Paus.* 1; *Herodot.* 5, c. 55.

#### NOTA B

Servilia, minha irman, por essas eras  
 Dava mate ás bellezas mais falladas  
 Da capital do mundo. . . . . Sc. III., pag. 125.

São historicos e authenticos os illicitos amores de Julio Cesar com Servilia, irman de Catão; e foi commum, quasi geral, a crença pública de que Marco Junio Bruto era filho d'elle e não do marido de sua mãe, distincto jurisconsulto que tambem se chamava M. Junio Bruto.

Na narrativa do texto so ha alguns ornatos de ficção; o fundo é real. Mas foi menos tragico; porque nem Servilia foi seduzida, e era ja casada e experta, nem parece que mulher de se deixar morrer porque a deixasse um amante.

Catão certamente levava a mal éstas immoralidades, mas não com o sentimentalismo que aqui lhe dá o poema. Parece até, pelo que se depreheende dos historiadores, que Servilia é quem fizera a côrte ao elegante Cesar, que foi grande *dandy* nos seus tempos.

Um dia lhe escreveu ella uma carta apaixonada e cheia de requebros com que lhe pintava seu amor: mandou-lh'a ao senado onde estavam em sessão. Era no calor dos debates sôbre a conspiração de Catilina. Catão que viu intregar uma carta a Cesar, protestou que era dos conspiradores e exigiu que se fizesse lei-

tura d'ella. Cesar não respondeu, e entregou a carta a Catão. Mal a correu com os olhos o austero senador, e indignado lhe atirou com ella, exclamando: *Toma, bebado.*

N'aquelle tempo diziam-se as coisas pelo seu nome.  
Veja *Corn. Nep. All.; Put. in Cic.*

## NOTA C

..... Ver-te-hei, com estes olhos,  
Varrando a Sacra-via — não co'a toga  
Negra, que tua stoica vaidade  
Ostentava no fóro, .....

Sc. VI., pag. 130.

Catão trajava sempre de escuro: o que os seus inimigos attribuiam a affectação philosophica.

Veja *Put. in. Cat. min.*

## NOTA D

..... Eu sei, Romano, que sou barbaro

Sc. VII., pag. 131.

Gregos e Romanos chamavam barbaros a todos os outros povos. So talvez a favor do Egypto faziam excepção, por d'ahi lhe terem vindo essas mesmas luzes com que tanto se desvaneciam, e por que se reputavam, e eram, superiores aos outros povos da terra.

## NOTA E

Quanto mais preço e quero o fóro angusto  
 De cidadão romano, que essa c'roa,  
 De tanto sangue e lagrymas banhada  
 Na frente de meu pae! ..... Sc. VII., pag. 136.

No auge de grandeza e dominação da republica os reis solicitavam o fóro de cidadão romano, e se prezavam d'elle mais que de nenhum outro titulo. Quanto aos reis Jubas, pae e filho, veja, para intelligencia d'este ponto, a nota I ao Acto I., Sc. IV.

## NOTA F

..... ao parricida  
 Da patria ..... Sc. VII., pag. 137.

Dizia-se parricidio, no sentido generico, todo o homicidio de proximo parente: ao matricidio, até ao que mais propriamente diriamos *Micidio*, se deu este nome. Parricidio e parricida da patria, é expressão exacta.

## AO ACTO QUARTO

## NOTA A

Bruto, esse nome que te inleva tanto,  
 Não se illustrou assim. O ouro escondido  
 No baculo, ..... Sc. II., pag. 141.

Falla-se aqui de Lucio Junio Bruto, ascendente d'este



Marco Junio Bruto. Lucio era filho d'outro Marco e de Tarquinia, filha de Tarquinio Prisco, que ambos, com seu filho mais velho, mandou matar Tarquinio soberbo. Chamaram-lhe, por alcunha, *Bruto*, porque bruto e estúpido se fingiu para escapar ás prescripções de Tarquinio soberbo. É muito sabida, e passou em proverbio, a allegoria do baculo ou bordão tosco de sabugo, que trazia na mão como simples que se fazia, com o ouro escondido no amago como fino que era. Por morte de Lucrecia, 509 A. C. N., Bruto mostrou deveras quem era.

A alcunha porém tornou-se em appellido, e os da familia Junia todos se honraram, d'ahi em diante, do verdadeiro fidalgo nome de Brutos.

Veja *Tit. Liv. l. 1, e 56, II. c. 1 etc.*; *Dion. Hal. 4 e 5*; *Virg. Æn. 6*; *Plut. in vit. Brut. et Caes.*

#### NOTA B

'Foi menos glorioso o sacrificio      Sc. III., pag. 146.  
'Des Fabios. ....

Trezentos e seis valentes cidadãos compunham a poderosa e nobilissima familia dos Fabios quando se arrojaram a tomar sôbre si, sem mais auxilio público ou particular, a guerra de Veios. Fizeram prodigios, mas succubiram na batalha campal de Cremera, ao desmesurado número dos inimigos. Toda a familia alli pereceu com as armas na mão, excepto um que, por criança, ficára em Roma e do qual procedeu depois a illustre descendencia dos Fabios.

Vinham originariamente de honrados lavradores

cuja principal lavoura eram favas, *fabæ* em Latim, e d'ahi *Fabii*, faveiros.

Veja *Tit. Liv. II.*; *Dion, Hal. 9.*; *Virg. Æn. 6.*; *Ovid. trist.*

## NOTA C

..... Marco-Tullio arrependido  
De seguir nossas miseras fortunas,  
Tergiversar, fugir porfim... e a purpura  
Consular pela estrada de Tarento  
Artraçando no pó, ir supplicante  
Humilhar-se ao tyranno ..... Sc. III., pag. 148.

Veja nota E ao acto I. e *Plut. in vit.*

## NOTA D

..... a Tiberio ja não digo,  
Mas nem a Caio-Graccho na vehemencia  
Do orar cedia, ..... Sc. III., pag. 149.

Veja a nota F ao acto I.

## NOTA E

..... A moribunda  
Loba do Capitolio ..... Sc. III., pag. 130.

A loba, que aqui se diz moribunda em allusão ao estado das coisas romanas, era comeffito venerada no Capitolio em memoria da fabulosa ama de Romulo e Remo.

veja *Plut in Romul.*; *Ovid. fast.*

## NOTA F

Honra dos meus, cuja tremenda imagem  
 Inda no Capitolio brande a espada,  
 Terror dos reis, e salvação de Roma :  
 Junio-Bruto ..... Sc. III., pag. 152.

Veja nota A a este acto.

## NOTA G

..... os filhos indignos sacrifica  
 Á merecida pena, á morte justa. Sc. III., pag. 152.

É a sabida historia dos filhos de L. Junio Bruto sen-  
 tenciados á morte por seu proprio pae.

Veja *Plut. in vit.*; *Tit. Liv. etc.*

## NOTA H

Que todas essas leis, — que plebiscitos,  
 Que senatusconsultos, ..... Sc. III., pag. 153.

Chamava-se plebiscito a lei que passava nos comi-  
 cios, senatusconsulto quando a decretava o senado.

## NOTA I

..... em mais clara  
 Equidade fundada do que o Album  
 Do pretorio, ..... Sc. III., pag. 153.

O *Album* do pretor era uma especie de edital, pro-

clamação ou manifesto em que, no principio da sua magistratura, annunciava o novo eleito o modo por que havia de proceder ao julgamento das causas de sua competencia. Creou-se este cargo no anno de Roma 388. — Primeiro era um so, chegaram a 64, depois fluctuaram entre 12, 16 e 18.

Veja *Macrob. Saturn. I.*, 16; *Sigon, de Jud. I.*, 7; *De off. Praetoris*; *Heinec.*

## NOTA J

..... aos sanguinosos  
Paços de Sylla. ....

Sc. III., pag. 153.

Veja nota B ao acto I.

## NOTA K

..... Hontem expulsastes  
A Coriolano, porque ousou negar-vos  
Os baldios *communis*: hoje, fugindo,  
Abandonais á furia dos patricios Sc. III., pag. 154.  
Graccho que vo'-los dava! .....

Não é exacta a expressão — *baldios communis* de que se usou, com ser menos propria, so porque melhor entendido seria o pensamento.

O que é exactissimo é que a questão da lei agraria tam funesta foi a Coriolano que a impugnou, por occasião do trigo que mandava elrei Gelo de Sicilia de presente aos Romanos, como velo a ser a seus defensores os Gracchos por occasião do testamento delrei Attalo que aos Romanos deixára as suas riquezas.

C. Marco, appellidado Coriotano por haver tomado aos Volscos a cidade de Corioli, bannido, por aquelle motivo, por sentença do povo, refugiou-se entre os Volscos e não tardou a vir com elles sobre Roma. Todos sabem que a rogos da mãe e da mulher, cedeu da vingança que ja tinha na mão, e não entrou em Roma ja quasi rendida por suas armas.

Veja *Plut. in vit.*; *Flor.* 2; e a nota F ao I. acto.

## NOTA L

..... Marioahi estava

Para inutilizar o feito ardido, Sc. III., pag. 155.

Veja nota B ao acto I.

## NOTA M

..... servos os tribunos

E facciosos; avara e perdularia

A questura, roubando o derradeiro

Sestercio ao povo, a última drachma ao Erario;

Os pretores vendendo em hasta pública

A justiça; ..... Sc. III., pag. 157.

Veja, quanto aos tribunos, a nota G ao acto I.; e quanto aos pretores, a nota I, a este acto.

Os questores, cujo cargo foi creado A. U. G. 269, eram dous ao principio; depois em 332 se crearam mais dous: aquelles, dittos *urbanos*, eram os collectores, recebedores geraes e ministros do thesouro em Roma; estes, dittos *peregrinos*, eram como pagadores geraes das tropas, commissarios em chefe, e acompanhavam

o consul quando commandava, exercendo juncto a elle éstas e outras funcções fiscaes e politicas. Dilatados os limites da republica, e os do imperio ainda mais, creceu o número dos questores na proporção do das provincias que tinha cada-uma o seu, e a estes chama-vam por isso *provinciales*.

Eram senadores natos os questores; e quando os dictadores, depois os imperadores, queriam fazer esta mesma operação que hoje fazem os ministerios dos governos representativos monarchicos nomeando pa-res novos para segurar o voto da segunda camara, — nomeavam uma fornada de questores, e assim tinham a votação dos Padres-Conscriptos. Sylla creou vinte de uma vez, J. Cesar, de outra, quarenta.

Foram estes cargos originariamente da nomeação do senado, até que a usurparam, com todas as mais, os imperadores.

O *quæstor principis*, ou *augusti*, (que tambem ás vezes se dizia *candidatus principis*) e o *quæstor palatii* eram o que hoje diriamos officiaes-mores da casa imperial — ou talvez do imperio.

O sestercio era moeda antiquissima romana. Em 547, vinte sestercios eram eguaes a um scropulo de ouro.

A drachma era moeda grega do valor, pouco mais ou menos, de 1,3300 réis portuguezes.

#### NOTA N

..... Veio Apio-Claudio

Fazer chorar em Roma por Tarquinio...

Sc. III., pag. 157.

Apio-Claudio foi um dos decemvros que, a titulo

de estarem fazendo as leis das dōze tábuas — a constituição, para assim dizer, da republica — cumularam tres annos os podéres supremos do Estado com insupportavel tyrannia: é o Longo-parlamento de Roma, e a historia de quasi todas as assembleas constituintes. Sentiram-se tam avexados os Romanos por este congresso de tyrannos, que chegaram a suspirar pelo despotismo dos Tarquínios.

Começaram em 303 A. U. G., e acabaram com a odiosa e bem conhecida historia de Virginia que Ap. Claudio tentou violar, e que seu proprio pae matou para lhe salvar a honra.

Veja *Tít. Liv. 3., c. 33.*

NOTA O

..... Morre, meu Porcio,  
Que vives para a glória! ..... Sc. V., pag. 166.

Não é expressão lançada ao acaso. A generosa e sublime ficção do direito romano suppunha vivos para os effeitos civis, os cidadãos mortos na defesa da patria.

NOTA P

..... filhos de Quirino: Sc. V., pag. 168.

Quirino chamavam os Romanos a Marte, e a Romulo como filho de Marte.

## AO ACTO QUINTO

## NOTA A

Consolaste-me, Socrates: .....

..... Convenceste

A minha alma, Platão: ..... Sc. II., pag. 172.

Todos sabem que Platão, discipulo de Socrates, todas as suas obras as deu como reflexo das licções do mestre. A isto allude o primeiro verso citado.

Catão antes de se apunhalar, leu o dialogo de Platão sôbre a immortalidade d'alma, para se confortar com a doutrina consoladora do philosopho pagão que mais se approximou do Christianismo, e certo, um dos que mais preparou os animos para as sublimes verdades do Evangelho.

Veja *Plut. in vila*; *Luc. 1*; *Val. Max.*

## NOTA B

A natureza — Deus Optimo Maximo, Sc. III., pag. 176.

Com este titulo distinguiam os Romanos o Deus unico e verdadeiro, que o mesmo Pantheismo reconhecia superior a todas as outras influencias que poeticamente divinizára.

## NOTA C

Sob os golpes do ariete incessante: Sc. IV., pag. 179.

**Ariete era máchina de guerra, vaivem com forte**



cabeça de bronze afeiçãoada á de um carneiro, e que servia para bater em brecha.

NOTA D

..... Esse tropel de gente inerme  
Andam como alienados ..... Sc. IV., pag. 179.

Todas éstas circumstancias aqui descriptas são absolutamente historicas.

Veja *Plut. Cat. min.*

NOTA E

..... inda além das portas d'Hercules.  
Sc. V., pag. 184.

Por columnas d'Hercules; a entrada ou portas do estreito de Gibraltar — o *non plus ultra* dos navegadores antigos. De Hercules se diziam porque suppunham as tradições que quando alli chegára em suas viagens, pozera aquellas balizas que ninguem mais ousaria passar.

NOTA F

..... Reservada  
Das triremes fique uma: ..... Sc. VI., pag. 185.

A galé de tres pontes, ou tres ordens e bancos de remeiros chamavam os Romanos *trirema*.

## NOTA G

Como a espada de Achilles fabulada,  
Sara o que fere. .... Sc. VII., pag. 199.

Elegante ficção de Homero, provavelmente colhida das legendas populares que recopilou, a qual depois deu thema aos poetas para tanto ditto ingenhoso.

Veja *Ovid. remed. amor.*

## NOTA H

Vamos co'estas reliquias d'outra Cannas,  
Vamos a demandar novo Cannusio, Sc. VII., pag. 191.

Os Romanos desbaratados por Hannibal, juncto a Cannas, logarejo da Apulia, na famosa batalha do dia 21 de Maio, 216 annos A. C. N., accolheram-se a Cannusio pequena cidade da mesma Apulia, em que pouco e pouco se foram recobrando da perda e do medo, até que torparam a entrar em campanha.

Veja *Tit. Liv. 22; Plut. in Annib.; Flor. 2.*

## NOTA I

..... Das Hispanhas,  
inda não subjugadas, nos convida  
O filho de Pompeu, .....

.....  
E porque não iremos nós entre elles  
Procurar as fortunas de Sertorio

.....  
Depararemos porventura ainda

Com algum Viriato .....

Sc. VII., pag. 191.

As Hispanhas, e a nossa Lusitania especialmente,

deram com effeito muitas licções de patriotismo, de amor de liberdade, de firmeza e de lealdade de character, aos proprios Romanos.

Nas Hispanhas foi que os filhos de Pompeu recrutaram principalmente o formidavel exército que, morto Cneu na derrota de Munda, ainda sustentou a Sexto na Sicilia até á morte de Julio Cesar, e depois o habilitou a tractar com o triumvirato como de equal para eguaes.

Veja *Vel. Paterc.* 2; *Plut. in vit. Anton.*; *Flor.* 4.

Sertorio (Quinto) proscripto por Sylla refugiou-se na Lusitania onde estabeleceu um govérno livre com um senado a que presidia como consul. Pompeu e Metello, os invenciveis generaes romanos, foram, assim como os outros, vencidos pelos Lusitanos que defendiam a Sertorio. Succumbiu á traição de Perpenna, official seu que em um banquete o fez assassinar.

Veja *Plut. in vit.*; *Apian. de civ.*; *Val. Max.* 1.

Viriatho de simples pastor chegou a ser o general e defensor, não so da Lusitania, mas das Hispanhas livres todas: venceu muitos generaes romanos, entre os quaes o mesmo Pompeu. Cæpio não pôde livrar-se d'elle senão comprando a traição de seus domesticos que o assassinaram.

Veja *Flor.* 2; *Val. Max.* 6.

#### NOTA K

Cabiu n'êsta hecatombe ..... Sc. IX., pag. 197.

O grego *κατοβόια*, de que os Latinos contrahiram

*hecalombe*, significa á letra *cem totros*; e dava-se este nome ao sacrificio d'esse número e casta de victimas que os de Argos e Egina offerciam a Juno. Figuradamente diz-se de todo o sacrificio grande e numerozo.

## NOTA L

..... avitas Sabinas: .....

..... Glorioso

É aquelle terrão que tantas vezes

O gran'Censor co'as proprias mãos lavrava.

A minha Porcia: .....

..... Eu t'a colloco e intrego

Digna esposa de Bruto. .... Sc. IX., pag. 199.

Catão o Censor ou maior, ascendente d'este e famoso por sua austera frugalidade, lavrava no seu campo com as proprias mãos.

Porcia, filha de Catão Uticeace, foi comeffetto mulher d'este Marco Junio Bruto, e digna esposa d'elle pelas virtudes públicas e domesticas de que era modelo. Teve o ânimo de se dar um lanho terrível n'uma perna, so para experimentar sua força no soffrer a dor; e ao marido, que lhe perguntava a razão de tal estranheza, respondeu que quizera ver se a mulher de Bruto, assim como era digna do seu leito, o era tamhem de tomar parte em todas suas coisas e segredos por mais perigosos que fossem. D'ahi por deante Porcia foi sabedora e tomava quinhão em quanto mais arriscado imprehendeu Bruto. Não lhe quiz sobreviver quando este morreu; e como propria filha de Catão, á mingua de outras armas, que todas lhe tiraram seus amigos, conseguiu matar-se ingulindo carvões em braza — á volta de 12 annos A. C. N.

Veja *Plut. in Brut.*; e *Valer. Max.* que uma tanto varia em alguma circumstancia d'esta historia.

Parecia era ja viuva de Bibulo quando casou M. Bruto.

## NOTA M

Deixae-me — eu sei morrer. Sc. XI., pag. 202.

É historico o sentido d'este e dos proximos versos, e exactissimo o que indica a rubrica.

Veja *Plut. in vita.*

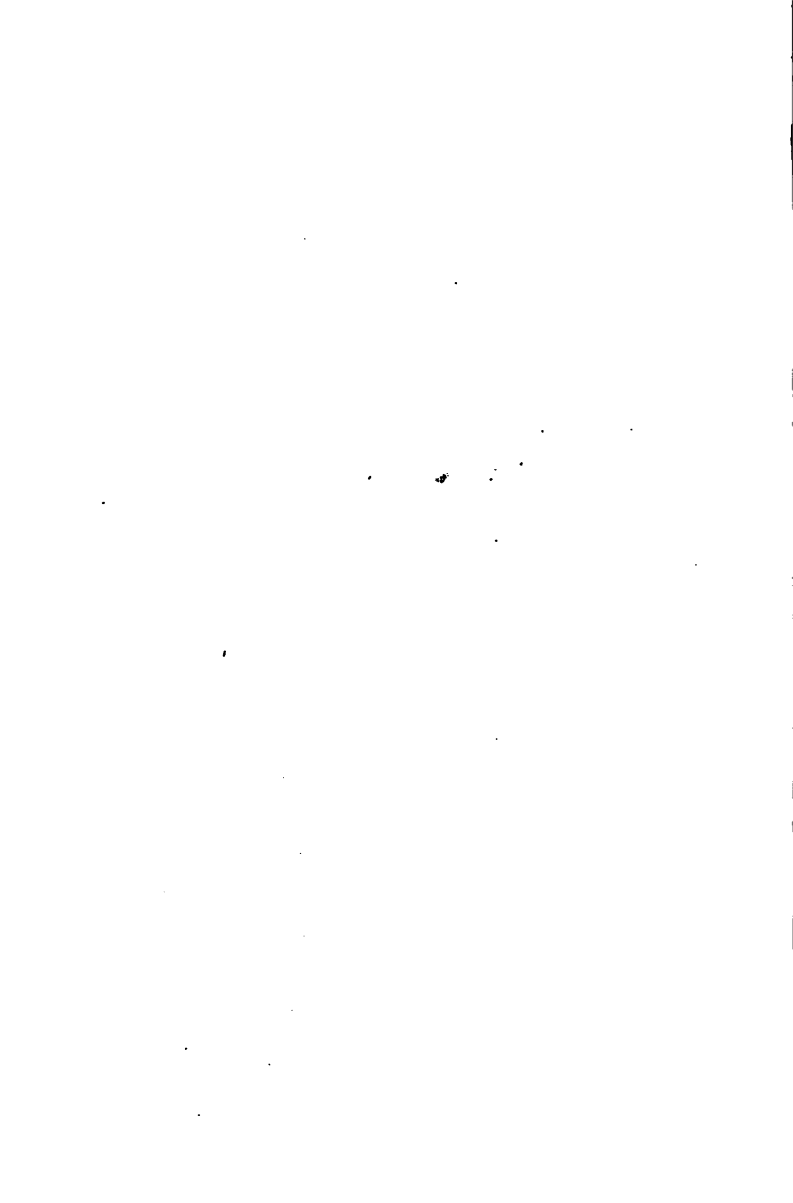
## NOTA N

..... Mal conhece  
Que sentença de morte preferiste. Sc. XI., pag. 203.

Alluda a ser elle, Marco-Bruto, filho de Julio Cesar, um dos que depois, em pleno senado, o apunhalaram. São bem sabidas as ultimas palavras do moribundo pae; quando viu M. Bruto entre os assassinos, cubriu o rosto com a toga, exclamando: *Tu quoque, Brute!*

Veja *Suet. in vit.*; *Plut. id.*; *Dio*; *Apian. etc.*

## VARIANTES



## VARIANTES

---

VERSOS DA PRIMEIRA EDIÇÃO INTEIRAMENTE SUPPRIMIDOS  
OU COMPLETAMENTE ALTERADOS NA SEGUNDA

---

### PROLOGO

*Depois do verso 26.*

Desesperado horror na voz, nos lábios  
Lhe vem do coração troar vingança.

*Depois do verso 33.*

So troa sons de morte e de vingança:  
Em vez dos ais de amor pullulam, fervem.  
Os ais, filhos do horror, nas duras cordas.  
Ternura, incantos de delicia e mimo,  
Oh! não os esperéis: so falla a patria...



*Depois do verso 48.*

Oh! que ideas de mágoa e de vergonha  
 Não excita este nome! Italia em ferros!

*Depois do verso 54.*

Mas não; não recordemos taes memorias:  
 Ou, se as lembrarmos, lembre-nos o exemplo...

*Depois do verso 57.*

O ferro de Catão... (não o de Bruto...)  
 Também sabem meneá-lo os Portuguezes.

*Depois do verso 68.*

Oh! não; não attenteis do vate aos erros:  
 Arte engenhosa, lucidos talentos  
 No limitado espirito fallecem.

*Depois do verso 74*

Não me levou a imprêza tam difficil  
 O louco amor de passageira glória.

---

## ACTO I—SCENA I

(*Mantio.*) E commigo o universo; mas tu mesmo,  
 Bruto, o confessas; so a nós e a poucos...

(*M. Bruto.*) O esquecido valor a excitar n'alma?

Inultos manes, veneranda sombra,  
 Victima infausta da traição mais barbara!

.....  
 (*Manlio.*) Ah! Bruto! e de que serve o nosso esforço?  
 Nós poucos, já sem forças que nos resta?

.....  
 (*M. Bruto.*) Basta: aurora a despontar começa...

.....  
 .....:..... **Ha malvados**  
 Cujo horror se imparelhe ao d'um tyranno?  
 Sim, Manlio, o dia chega; e juncto em breve  
 O senado será: d'elle dependem,  
 Elle decidirá nossos destinos.  
 Teus receios ante elle, os teus temores...

.....  
 Eu, simples cidadão, tenho um so voto:  
 Amigo, aconselhei-te a ser Romano;  
 Romano não te posso ouvir mais tempo.

## SCENA II

(*Manlio.*) Tua feroz virtude em balde intenta  
 Erguer das cinzas a defuncta Roma:  
 Punhal terrivel de civis discordias...  
 Potencia infausta lhe sustenta o throno;  
 Indomavel podêr o escuda, o ampara...  
 Insensatos ousamos... (Ah! de balde)  
 Pelo phantasma vão da liberdade  
 Sacrificar as preciosas vidas!...  
 Porém Sempronio chega. Alma insidiosa!  
 E inda fia Catão d'homens como este  
 Fazer Romanos, e salvar a patria?

## SCENA III

(*Sempronio.*) Como pretende ás victoriosas tropas  
De Pharsalia, do Egypto e do universo  
Na impetuosa torrente oppôr barreiras?

(*Sempronio.*)..... A Cesar  
Ir ao incontro; suspender-lhe o ferro;  
Salvar-lhe a propria vida, e juncto ao throno  
Seguir os fados do universo inteiro.

(*Manlio.*)..... É necessario  
Expôr com energia ante o senado  
A crise perigosa em que hoje estamos...  
Em breve aqui se ajunta; em vivas côres  
Convêm pintar-lhe o estado miseravel...

(*Semp.*) Nem mesmo aqui, nem mesmo a qualquer outro  
Que tu não fosses, Manlio, a quem d'ha muito,  
-Além do sangue, uniu sancta amizade,  
Minhas ideas imprudente ousára  
Patentear descuidoso. Em ti confio  
No segredo que exigem.

(*Manlio.*)..... Nem duvides:  
Minha prudencia ha muito te é notoria.

## SCENA IV

(*Sempronio.*)..... Ah! não: taes homens  
Nem de grandes acções, nem grandes crimes  
Capazes fez a avara natureza.  
Meus designios porêm... Cesar... ah! cumpre  
D'um homem que abhorreço e que detesto  
Vingar-me emfim. O plano está formado:  
Executá-lo resta.

## SCENA V

*(Porcio.)* Entre os soldados, entre os chefes mesmos  
Murmurios, dissensões. Por ésta causa  
N'este humilde logar meu pae ajunta  
Essas tristes reliquias de Pharsalia  
A que ainda senado appellidâmos.

*(Juba.)*..... Sua virtude,

Sua virtude so torna sagrado,  
Legítima, redobra em preço, em número

Esse pouco que resta dos Romanos.

Sua virtude so no peito, n'alma,  
Dentro nos corações imprime e grava  
Respeito, adoração; nutre, avigora  
A constancia, o valor, a audacia nobre.

Ella so nos da patria moribunda

Inimigos cruéis terror diffunde.

A seu rigido aspecto Cesar mesmo...

.....

D'essas tremendas aguerridas hostes...

*(Sempronio.)* Antes que unidos venham nossos fados

Decidir de uma vez, que inflammá-los,

E, um por um, excitar suas nobres almas.

## SCENA VI

*(Porcio.)* Por seus labios o ceu lhes falle ao peito.

Mas tu, Juba, calado, e pensativo...

*(Juba.)*..... Ah! Porcio, declarar-te

De minhas reflexões receio a causa.

Um secreto, cruel presentimento

Me faz desconfiar d'este Romano.

Illudo-me talvez...

(*Porcio.*)..... Grande virtude  
É a prudencia, amigo; mas não dêmos...

..... Em vão tentamos

Dissimular o horror de tantos males;

Em balde os olhos ao clarão fechamos

Do raio que fulmina, e que ja troa

Sobre as nossas cabeças...

Quasi incapaz de merecer tal nome:

(*Juba.*) De teu augusto pae recorda, ó Porcio,  
A maxima sublime. É-nos vedado

Dos decretos do ceu sondar o arcano.

Talvez... quem sabe!...

(*Porcio.*)..... Não, querido amigo;

O mais tenue vislumbre de esperanza

N'alma não me entra ja. Cada momento

Vejo esse monstro, que em sua ira os deuses

Nas intranhas de Roma produziram

Para rasgar-lh'as parricida filho,

Para no sangue maternal cevar-se;

Esse monstro, esse barbaro tyranno

Nossos muros entrar, e entrar com elle

Ferros, escravidão. ludíbrio e morte.

Morte! Ah! não penses, Juba, que a receio.

Um filho de Catão, Porcio, um Romano

Olha contente alevantar-se o golpe

Que á patria o sacrifica, o faz eterno.

Mas, eu sou filho, Juba; e a natureza

É mais forte que Roma. Ah! resta ainda

A coroar o horror de tantos crimes

A morte de Catão. Tam negra idea

Não, não me é dado sem terror fitá-la.  
 Como podeis juntar, supremos deuses,  
 Tantas virtudes com desgraças tantas?  
 Como soffreis que a barbara fortuna  
 Ouse... Mas, se o soffreis, se ao crime os raios  
 Retendes frouxos na tardia dextra,  
 Maior que ella e que vós seja a nossa alma...

---

ACTO II—SCENA I

(*Catóo.*) De seus crimes té'qui protege a infamia  
 Desculpae-me se avivo as vossas chagas,  
 Se os horrores vos lembro de Pharsalia.  
 (*M. Bruto.*) Ah! corramos, amigos. Que mais resta?  
 Que temos a esperar? A glória, ó padres!  
 (*Catóo.*)..... Entre as virtudes  
 E o vicio occulto que lhes veste a máscara...  
 Se a vendá das paixões nos cega os olhos  
 Seus termos, seus limites confundindo...  
 E ousaremos assim por vão capricho  
 A nossa glória van sacrificá-los  
 E entre as cohortes do feroz imigo  
 Ir nós mesmo, mais barbaros do que elle,  
 Tingir-lhe as lanças de romano sangue?...  
 Que mais de nossa glória cubiçosos,  
 Do que fleis á d'ella, a nossa morte...  
 (*Manlio.*) Quem atropella as leis da natureza  
 Não deve os fóros seus gosar tranquillo.  
 (*M. Bruto.*) O senado?... Pois sim; que me castigue.  
 Tudo póde tirar-me, a mesma vida,  
 Menos do coração alma romana.

## SCENA II

(*Calão.*)..... As razões tuas...  
 Eu também sou Romano... mas sou homem;  
 Responderei sem ferro...  
 ..... é forçoso às fauces d'elle,  
 Ou de salto atrevido além transpor-se,  
 Ou sem recurso baquear-lhe ao centro.

## SCENA III

(*Manlio.*) Ei-lo a paz que vem pedir-nos.

## SCENA IV

(*Calão.*) Entusiasta não sou: e da virtude  
 Anda sempre mui longe o fanatismo.

## SCENA V

(*Decio.*)..... Mas prezando  
 De Catão as virtudes, Cesar treme  
 De ficar vencedor a vez primeira.  
 No accurvado universo es tu somente  
 Quem ao poder resiste do seu braço.  
 Por tal competidor de orgulho ufano  
 Teme acabar sua glória n'um triumpho.  
 (*Calão.*)..... por elle em Roma.  
 Minha voz, prompta sempre aos infelizes,  
 Heide erguer, supplicar; e de seus crimes  
 O perdão alcançar, volvé-lo á patria.  
 (*Calão.*) Em quanto os labios a bradar vingança  
 Me deixarem os ceus... so, desvalida...

## ACTO III—SCENA I

(Decio.) Nem é de fera o coração do homem.

(M. Bruto.) E eu porque homem sou, não quero ouvir-te...

Que eloquencia chamas, ignoro-a, odeio-a;

Não a sei praticar, não quero ouvi-la.

Poetas, oradores destruíram...

## SCENA VI

(Juba.)..... Que enigma encerra

Este dito de Bruto? Ah! talvez...

(Sempronio.)..... Tudo

Te faz desconfiar! Príncipe, deixa,

Deixa uma vez o genio suspeito.

Não; não vacilles mais: quanto te hei dito

É certo; bem o vês...

..... E no tumulto

Catão assassinar...

(Juba.) Perdoa-me, Romano: ah! de tua alma

Outr'ora eu duvidei. Tuas virtudes,

Injusto, apreciá-las não as soube.

(Juba.) Se os dias de Catão salvo ditoso;

Se esse monstro, esse horror da natureza,

Esse tyranno Cesar posso eu mesmo

Co'este braço immolar aos patrios mames!

Oh! meu pae! dirige o golpe ardido,

Leva-lh'o ao coração d'esse malvado!

Holocausto de asperíssima vingança,

Ó Cesar, eu te voto ás sombras negras



Do Averno... que os tormentos ja prepara,  
 Das furias, que os açoutes já sacodem...  
 Vamos; amigo, vamos...  
 (*Sempronio.*)..... Mais prudencia,  
 Mais sangue-frio é necessario, ó príncipe:  
 Porcio para aqui vem: disfarça, occulta;  
 Ou perdido verás...

## SCENA VII

(*Porcio.*)..... Em fim os deuses  
 Decretaram de Roma; e o fado iniquo  
 Aos dias de Catão... idea horrivel!  
 Oh! não, não te verei, dia de mágoa.  
 Não tenho coração que soffra tanto.  
 Antes que ouse attentar aos dias d'elle,  
 Primeiro n'este peito a morte crua  
 Hade insaiar o golpe. Sim, primeiro...  
 Sim venerando pae; ao reino escuro  
 Eu te irei esperar: meus tristes olhos...  
 (*Porcio.*) Inutil esperanza!  
 (*Juba.*) ..... Os ceus são justos.  
 (*Porcio.*) São justos! Ah! são justos; e a virtude  
 Abandonam assim; assim do crime  
 Escrava a deixam soluçar nos ferros!  
 Oh deuses, se quereis que vos adorem,  
 Se incensos de mortaes, se humildes rogos,  
 Se victimas quereis, se altares, templos,  
 Fazei-vos conhecer, mostrae-vos numes:  
 Amparae a virtude, e aos vossos raios  
 O impio descobre so, trema o malvado.

## ACTO IV—SCENA I

(*Manlio.*) Oh cúmulo de horror! oh gente indigna!  
Restava ainda ésta nódoa, ésta vergonha.  
Para inxovalho nosso! Roma! oh Roma!

## SCENA II

(*M. Bruto.*) Perfidos!... Ah covardes!... Mas tu, Manlio!  
Tu com elles tambem!... Não me enganava,  
Não me illudia eu. Indigno, agora,  
Agora nós veremos se essa espada  
Como a lingua tu sabes...

(*Manlio.*)..... Bruto, ainda  
Esse louco furor não moderaste?  
Impetuoso mancebo, infreia as íras;  
Sê homem uma vez.

## SCENA III

(*Manlio.*) Manlio eu conheço: basta; não insultes  
Com vil suspeita um senador romano.

Mas, Sempronio onde está? Juba? meu filho?

(*M. Bruto.*) Jaz socegado emfim: os vis traidores,  
E de Cesar as tropas, que os seguiam,  
Ou salvaram co'a fuga as torpes vidas,  
Ou prezos jazem, ou no campo mortos.

(*M. Bruto.*)... Porcio! Combateu commigo;  
E combateu Romano. A sua espada  
Ao meu lado mil golpes desferia  
Que invejára Scipião.

(*M. Bruto.*) Mas primeiro immolar ao negro Averno  
Em holocausto; perfidos, tyrannos:

(*M. Bruto.*) O cutello da lei brandindo ao crime...

(*Catóo.*) Que os vis Tarquínios expulsou de Roma.

Te é livre de julgá-lo e de puni-lo.

Tens magistrados, leis, e tens algozes.

Se d'aquelles usurpas os direitos,

Criminoso es tambem. E o negro officio

Do último assumir, júga-lo acaso

Accção condigna a um cidadão Romano?

#### SCENA IV

(*Catóo.*)..... Oh! ceus que vejo!

Sempronio em ferros! Juba...

(*Catóo.*)..... Bruto!

Explicae-me este enigma: devo acaso

Ver um traidor n'um senador Romano?

Esses grilhões nos pulsos teus que indicam?

Tu immudeces?—principe, que é isto?

(*Catóo.*) Oh la, soldados, de Numidia ao principe

As portas da cidade abertas ficam.

(*Juba.*)..... Sim; deixei-me

Seduzir d'esse monstro. Mas nem mesmo

Te dignas arguir-me, nem te abaixas

A castigar-me? Oh ceus! esta vergonha

Não, eu nunca a esperei. Pena tão rude

Merecer a Catão não pensei nunca.

Sou criminoso sim; porém meu crime

É filho so do erro. Esse perverso

Sob a côr da virtude, do heroismo

Perfido m'o incobriu, soube enganar-me.

Da patria minha na ruzex selvagem  
São ignoradas da perúdia as artes.  
A minha singeleza, e poucos annos  
Facil foi de vencer a quem tam dextro  
Em artificios taes, lhes sabe o inrêdo.  
Para salvar teus dias ameaçados,  
Para evitar que ao dictador abrisse  
Conjuração occulta as portas d'Ulica,  
Me incitou que sahisse c'os meus Numidas  
Do lado oriental para incontrá-lo.  
Cahi no ingano; e em tanto que eu defxava  
Quasi inerme a cidade, elle e os seus socios  
As portas do occidente a Cesar abrem.  
Conheci, porém tarde, a vil perúdia;  
Cahi sôbre o traidor e sôbre as hostes  
Do tyranno de Roma; em tanto o alarma  
Soa na praça, os muros se coroam  
De intrepidos Romanos. Rechassada  
Por elles, e por mim foi essa turba,  
Pude na fuga descubrir o monstro...  
(M. Bruto.) Infame! e ousaste ao meu amigo...

## SCENA V

(Calão.) Este meu pranto... Não taxeis, amigos,  
De fraqueza a minha alma: eu não me pejo  
De mostrar que sou homem. Filho! oh filho!  
Teu pae em breve... Adeus!... leve-o, amigos.  
(M. Bruto.) Não; esse corpo do heroe não deve  
Sahir de nossa vista, antes que o sangue  
Corra do matador. Manlio, soldados,  
Dizei, dizei-o vós.

(*Calão.*)..... Seduziste o príncipe,  
 Traidor quizeste com algoz perfídia  
 Impio acabar co'a patria moribunda...  
 O pae perdoa, o cidadão não deve.

---

**ACTO V—SCENA I**

(*Calão.*)..... Oh la! depressa  
 Manlio se chame aqui: alguns momentos  
 A sos me cumpre conversar com elle.  
 Ide.

**SCENA II**

(*Calão.*) Convém dizer-lhe os meus intentos,  
 Confiar-lhe as tenções minhas e projectos.  
 Timido sim, porém honrado é Manlio,  
 Prudente e cauteloso. Sem receios  
 Descançarei tranquillo. Ei-lo que chega.

**SCENA III**

(*Calão.*)..... Ouviste agora  
 A voz da sentinella?  
 (*Manlio.*)..... Ouvi; que importa?  
 (*Calão.*) Quando uma hora mais tiver corrido,  
 Ouvi-la-has outra vez; mas esse brado  
 Eu não o hei de ouvir.  
 (*Manlio.*)..... Não te percebo.  
 Porquê?  
 (*Calão.*) Porque terei morrido.

(*Manlio.*)..... E tu pretendes  
Commetter esse crime!... Tu!

(*Manlio.*)..... Por ventura  
São os de Cesar, são os dos Romanos  
Que a Cesar vendem liberdade e patria?  
Morrendo, impedirás que se perpetrem?  
Bem o sabes que não.

(*Manlio.*)..... A ti! Mas como?  
Queres livre morrer como um Romano,  
Foges a escravidão...  
Mas homem, como tu, deixar cegar-se  
De fanatismos taes!...

..... do miseravel,  
Que entre gemidos soluçando os roja?  
Ou do fado serão? Crimes do fado,  
Então nós é que havemos de levá-los?  
Sem criminosos ser, punir-nos-hemos?  
Se os ceus o querem, se o consentem deuses.

(*Catão.*) Nem o póde mandar a natureza,  
Nem do contrario os numes aggravar-se,

(*Manlio.*) Mas dadiva do ceu nos foi a vida;  
E o ceu ha de approvar?...

(*Catão.*) So para o mundo vive e so no mundo  
Então mais livre ainda em dispor d'ella...

#### SCENA IV

(*Juba.*) Catão, accode, vem... subitamente  
As cohortes de Cesar assaltaram,  
Furiosas investem nossos muros.  
Ja tudo é confusão, tudo desordem.  
Nossos poucos soldados cada instante  
Aos golpes diminuem do inimigo.

Raros sobre as muralhas já se avistam.  
Do dictador as hostes bem conhecem  
Nosso miser estado; audazes correm  
Seguras da victoria. Ah! vem ao menos  
Com a tua presença (se é possível)  
Anima-los ainda: vem, ou cedo  
Em Utica verás...

(Catão.)..... Não verei nada.

(Juba.) Como?

(Catão.)... Principe, vai; vê se apprestadas  
Estão no porto as naus, se a levar ferro  
Promptas como eu mandei. Faze que imbarquem  
Todos nossos amigos: vai, so resta  
Este unico remedio; preciosos  
Estes momentos são; parte.

(Juba.)..... Obedeço.

Mas...

(Catão.) Vai, principe: adeus, adeus.

## SCENA V

(Catão.)..... Não posso  
Deixar de internecer-me... a vez extrema  
Que vejo os meus amigos sobre a terra.  
Manlio, tu sabes quanto te amei sempre...  
Has de sobreviver-me; has de inda, amigo,  
Ver Roma escrava... ver a nossa patria;  
Essa patria que tanto me ha custado!  
Ve-la-has em ferros, gemerás sobre ella.  
Oh! quando desparzires essas lagrymas  
No sepulchro de Roma... então recorda-te,  
Lembra-te de Catão... (Silencio.) É morta Roma.  
Porção da divindade, assaz viveste

No carcer d'este corpo; vai unir-te  
 Á immensidão do ser na eternidade.  
 Catão... a tua hora derradeira,  
 Ei-la, soou... amigo, adeus. (*Quer ferir-se.*)

### SCENA VI

(*M. Bruto*) Oh meu pae! oh desgraça! oh fado! oh nunes!  
 Dentro d'Utica ja... foi-se a esperança.  
 Morreu quanto inda havia de Romanos:  
 Ficámos nós... nós so. Tropel de escravos  
 Do tyranno a montões affluem, correm,  
 Inundam a cidade... oh pae! oh! dize  
 O que resta fazer.  
 (*Calão.*) Tu roubaste-me a espada: não venceste:  
 Inda tenho este ferro. (*Fere-se.*) oh Roma! oh patria!  
 (*Calão.*) Deixac-me ao menos... expirar... com honra...

### SCENA VII

(*Decio.*) Salve-se Catão, se é tempo ainda.  
 Do imperador as ordens se executem;  
 Do amigo vencedor nos braços venha  
 Esquecer... Mas, que vejo... tu...  
 (*M. Bruto*) Eis desarmado o peito... a séde apague;  
 (*M. Bruto*) Eu!... Elle!... Não!... Porquê!... Sim, monstro, barbaro!  
 Sangue! Oh sangue de horror! Mas, vês aquelle?  
 Gotta a gotta cahiu sôbre este peito;  
 Aqui no coração, ei-lo aqui todo.  
 Meu pae... aquelle foi... matou-m'o elle.  
 Mas vive o filho... e o filho ha de vingá-lo.  
 Filho... do crime... ja não temo crimes...  
 Roma!... patria!... Catão!... meus paes são estes.



VERSOS DA SEGUNDA EDIÇÃO INTEIRAMENTE SUPPRIMIDOS  
OU MUITO ALTERADOS NA TERCEIRA

---

ACTO I—SCENA II

(*Manlio.*) A potestade infausta, abominosa,  
Que lhe alçou esse throno de cadaveres,  
Não larga mão do escudo com que o ampara.

SCENA III

(*Manlio.*) E co'a patria exhalar o extrêmo alento.  
(*Sempronio.*) De apparatusa, van philosophia.

SCENA VI

(*Porcio.*) Que ao jugo correm submetter-se humildes!

---

ACTO II—SCENA I

(*M. Bruto*) Quê! duvidar na escolha—inda um momento!  
De morte ou servidão, glória ou ludibrio,

Homens, Romanos, senadores! — Nada...  
*(Catão.)* O insensato expulsae: não mais profane...

#### SCENA IV

*(Sempronio.)* A Catão a suspeita...

#### SCENA V

*(Decio.)* Mas...

*(Catão.)*... Ja t'o disse: eu Cesar não conheço.

---

### ACTO III—SCENA III

*(Catão.)* Para os foros de pae ha mais deveres...

*(M. Bruto.)* Guiar-lh'a ao coração, mostrar-lhe o peito  
 Onde deve ferir...

#### SCENA VIII

*(Porcio.)* Nem ja por entre os labios descorados  
 Murmurando fugir da patria o nome!

..... Caros amigos,

Oh! se podeis, retende-lhe esse golpe!

Oh! lembrae-vos de Porcio n'esse instante;

Recordae-vos da patria...

*(Juba.)* Commigo não a tens?...

*(Juba.)* Que hão de nossos destinos melhorar-se;

E que ainda de todo os sanctos deuses

De sobre nós a dextra omnipotente,

Despiedados, crucis não retiraram.

**ACTO IV—SCENA V**

*(Sempronio.)* Inda é maior que o odio que te eu tenho.

---

**ACTO V—SCENA III**

*(Manlio.)* Mas quaes são esses crimes que pretendes  
Evitar com tua morte? Hade ella, amigo,  
Póde ella impedir que se perpetrem?

VERSOS DA TERCEIRA EDIÇÃO INTEIRAMENTE SUPPRIMIDOS  
OU MUITO ALTERADOS NA QUARTA

---

**ACTO I—SCENA II**

*(Manlio.)* Roma, Roma, os teus dias são passados.

**ACTO V—SCENA III**

*(Manlio.)*..... Tu! com tal crime  
Hasde manchar tua glória!

*(Catão.)*..... E julgas, Manlio,  
Julgas tu crime o subtrahir-se a crimes?

*(Manlio.)* E quaes crimes evitas com tua morte?

*(Manlio.)*..... Heroismo e glória  
Em ânimo vulgar seria o feito.

Mas em Catão!—Não é maior virtude

Padeccer resignado, soffrer quêdo,

Contente— a teus Estoicos appello

Êstas arduas provanças da virtude

A que Deus nos votou. São crimes os ferros  
Dizes tu; mas de quem? Serão do escravo?...  
(*Calão.*) C'o pavez da innocencia accobertado,  
Firme no pedestal da fortaleza,  
Caia o ceu, trema a terra, immovel fica;  
O universo vacilla, e elle não treme;  
Desaba o mundo, — e impavido o contempla  
Sem medo á quêda, reverter-se ao cahos...  
(*Manlio.*) Bem sei que taes principios abominas.

VERSOS QUE SE PODEM SUPPRIMIR N'ESTA TRAGEDIA  
PARA A INCURTAR NA REPRESENTAÇÃO

---

TUDO O PROLOGO

---

ACTO I

Versos. 70—a 73.

» 77—a 84.

» 174—a 179.

» 188—e 189.

Da última parte do vers. 211—até ao fim da 1.ª parte  
do vers. 216.

Versos 241—a 246.

Da última parte do vers. 291—até ao fim da 1.ª parte  
do vers. 294.

Versos 304—a 311.

» 310—a 322.

» 325—a 328.

» 346—e 347

» 361—a 369.

» 431—a 435.

» 453—a 457.

Da última parte do vers. 460—até ao fim da 1.ª parte  
do vers. 464.

**ACTO II**

Versos. 107—a 113.

» 139—e 140.

» 164—a 173.

Da última parte do vers. 239—até ao fim da 1.<sup>a</sup> parte do vers. 249, *inclusive* a palavra *ja*.

Versos. 251.

» 258.

» 290.—e 291.

» 358.

» 421—e 422.

» 472—a 480.

» 495—a 499.

» 562—a 565.

» 568.

**ACTO III**

Versos. 44—a 56.

» 63—a 68.

Versos. 215.

Da última parte do vers. 303—até ao fim da 1.<sup>a</sup> parte do vers. 313.

Versos. 316—a 319.

» 330—e 331.

Da última parte do vers. 436—até ao fim da 1.<sup>a</sup> parte do vers. 439.

Versos. 450—a 452.

» 455—e 456.

### ACTO IV

Versos. 58—a 60.

Da última parte do vers. 130—até ao fim da 1.ª parte  
do vers. 135.

Versos. 182.

» 191—a 196.

» 201—a 206.

» 393.

---

### ACTO V

Versos. 68—a 72.

» 81—e 82.

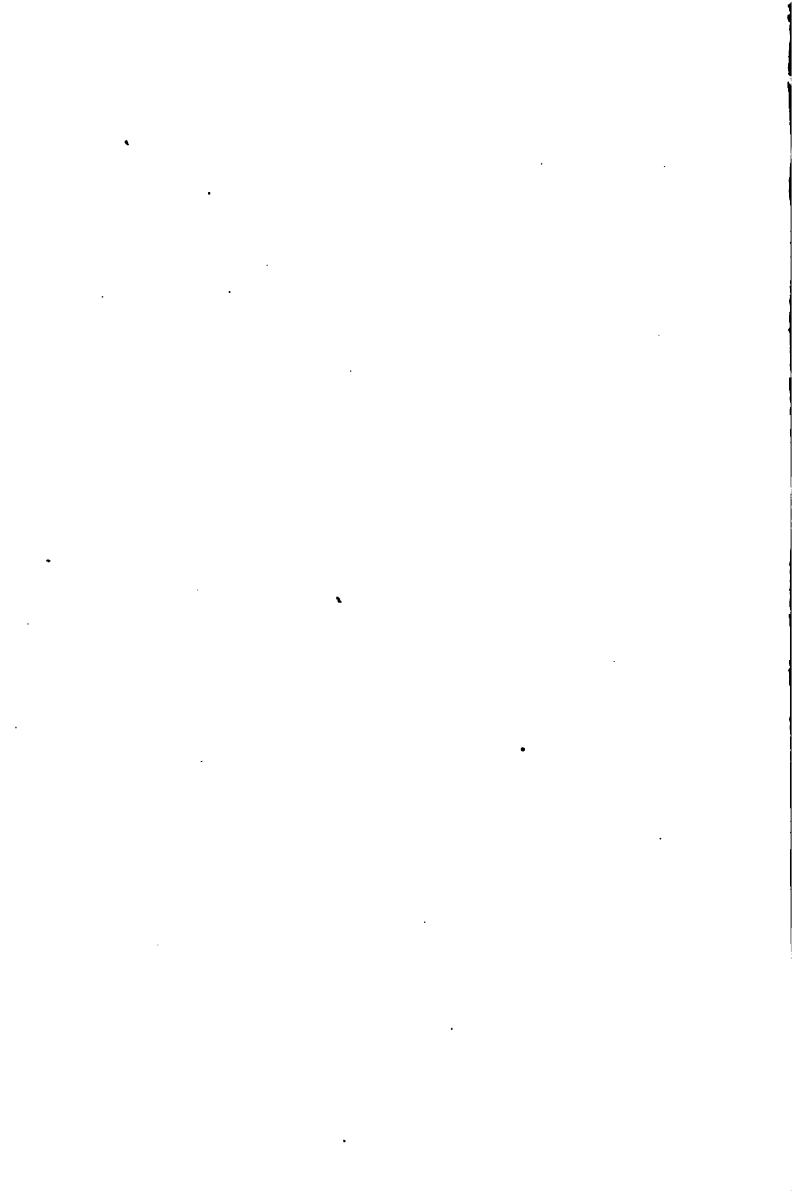
» 88—e 89.

» 119—a 124.

Da última parte do vers. 307—até vers. 335.

Da última parte do vers. 412—até vers. 418.





## INDICE

PREFACIO da quarta edição.....	5
—— da terceira edição.....	9
—— da segunda edição.....	17
—— da primeira edição.....	27
CARTA do A. na primeira edição.....	35
DEDICATORIA á Cidade do Porto.....	57
GATÃO.....	59
PROLOGO.....	61
TRAGEDIA.....	65
NOTAS.....	205
VARIANTES.....	237

:

T

